



**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS**

**DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA**

**RENATA RAQUEL COSTA**

**SER MULHER E PROFESSORA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DO TRABALHO  
MÚLTIPLO À SÍNDROME DE *BURNOUT***

**Belo Horizonte**

**2020**



**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS**

**DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA**

**RENATA RAQUEL COSTA**

**SER MULHER E PROFESSORA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DO TRABALHO  
MÚLTIPLO À SÍNDROME DE *BURNOUT***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Tecnológica.

Linha de Pesquisa II: Processos Formativos em Educação Tecnológica

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Simone Chamon

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Raquel Quirino

**Belo Horizonte**

**2020**

Costa, Renata Raquel  
C837s Ser mulher e professora na educação básica: do trabalho múltiplo à  
síndrome de Burnout / Renata Raquel Costa. – 2020.  
152 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Educação Tecnológica.

Orientadora: Carla Simone Chamon.

Coorientadora: Raquel Quirino.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica  
de Minas Gerais.

1. Mulheres – Trabalho – Teses. 2. Educação e trabalho – Teses.  
Divisão sexual do trabalho – Teses. 3. Burnout (Psicologia) – Teses.  
4. Professoras – Teses. I. Chamon, Carla Simone. II. Quirino, Raquel.  
III. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.  
IV. Título.

CDD 370.193



**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS**  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA - PPGET  
Portaria MEC nº. 1.077, de 31/08/2012, republicada no DOU em 13/09/2012

**Renata Raquel Costa**

**“SER MULHER E PROFESSORA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DO  
TRABALHO MÚLTIPLO À SÍNDROME DE BURNOUT”**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 27 de fevereiro de 2020, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Tecnológica, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação constituída pelos professores:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Simone Chamon – Orientadora  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Quirino – Coorientadora  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Adélia da Costa  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dr. Cláudio Eduardo Resende Alves  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é... dar uma compensação de mesmo valor ou importância; retribuir: agradecer um favor. Demonstrar gratidão; oferecer graças; reconhecer um bem feito por outra pessoa...dessa forma, como dar em mesma medida? Qual instrumento utilizar para essa aferição?

De repente me ocorre que o amor seria a medida universal...capaz de tornar equivalente o que é diferente, capaz de possibilitar o entendimento e a compreensão do que se diz quando extraído do coração. Fiz essa opção. Que o amor não me deixe errar e nem mesmo esquecer de tantos que foram decisivos para esta conquista.

Deus, autor da vida e regulador do tempo, capaz de nos dar a serenidade e força nos momentos em que mais necessitamos. O caminho, a verdade, a certeza...tudo a seu tempo e sempre a nosso favor. O Mestrado foi sempre uma busca tão incessante que consegui chegar até aqui representa uma benção de Deus. A ele dou graças pela paciência e perseverança que não me deixaram desistir desse ideal. Agradeço pela coragem de facear as dificuldades criadas por mim mesma em muitos momentos, pela saúde que não faltou, a disposição que me acompanhou sempre e a inteligência que foi parceira para a construção de um trabalho que exige tanto primor. A Deus em primeiro lugar, não por atender a um protocolo, mas realmente por saber que sonda o meu coração e meus pensamentos mais íntimos e sabe o quanto clamei, o quanto pedi, e o quanto sou feliz por ter sido atendida e agora, já concluindo.

Aos meus pais, pelo exemplo de perseverança e crença em um Deus maior que provê e nos dá força. Tive sempre o exemplo do Alaércio, torneiro mecânico e o senhor *Faz Tudo* para não ficar à toa. Dono de uma bondade, um carinho extremado e uma parceria para além da relação pai e filha...foi mesmo transcendente. Hoje sei que estaremos sempre juntos, nos bons pensamentos e nas boas ações, afinal foi isso que nos dissemos em seus minutos cruciais de vida terrena. Estaremos ligados para sempre, pois o que se liga na Terra, eterniza para a vida eterna. Te amo para sempre e essa vitória eu te dedico e sei que vibra por mim em todos os momentos. A Sônia, exemplo de força, determinação e coragem. Há anos garantindo as condições de vida da família Oliveira, quando optou por casar e morar com os pais, depois cuidando e mantendo todo o suporte para uma vida equilibrada e tranquila, me auxiliando nas tarefas de casa, sendo um sustentáculo para os momentos de indecisão e força para os passos

da vida. Sem vocês, desde o momento em que aceitaram o desafio de serem meus pais, eu não teria realizado esse sonho!

À minha irmã Sandra, que soube sempre seguir os caminhos do bem, determinada no trabalho e extremamente brilhante nas opções que fez. O seu exemplo me diz que podemos ser bons em tudo o que decidirmos fazer, basta querer. Você decide no que você quer ser bom e segue. Tudo dá certo e nos surpreende!

Ao Werlesson, meu marido tão, tão amado e companheiro em todas as horas, um homem na melhor acepção da palavra, que quer “apenas” que eu “voe”. Porta voz da minha aprovação na faculdade, admissão no Mestrado (antes e depois do resultado do processo) e mensageiro eterno de muito amor. Paciente e amoroso, sincero nas hesitações, e... sempre parceiro “...eu estou aqui com você”! Sempre me tranquilizava assim. A sua presença, compreensão nas horas de dedicação a esse objetivo, me confirmaram mais uma vez a pessoa caridosa e maravilhosa, que sabe praticar o exercício da alteridade com maestria. Em mais essa conquista, tão importante, demonstrou que somos nós dois até o fim.

Aos demais parentes, que com sua singela e bem particular contribuição, tornaram esse sonho possível. Fosse com um incentivo nas horas mais desafiadoras, um ato de extrema compreensão quando a paciência cessava, uma palavra animadora para dar fôlego novo. Em especial, a minha prima Marcia, que mesmo tão distante, foi suspiro nos intervalos das atividades, me possibilitando respirar novos ares e descansar. Às vizinhas Maria Elena e Christiane, que sabem o quão importante foram as suas palavras, assistência e incentivo em momentos vitais das minhas conquistas. À Bia, pelo apoio por tantos anos na manutenção do serviço doméstico com capricho e esmero.

Aos amigos Leiva e professor Adálcio, que com segurança e competência se dispuseram a me acompanhar no ingresso a mais esse degrau da vida acadêmica. À Leiva pela oportunidade do curso e com isso a possibilidade de conhecer tantas pessoas maravilhosas, como o professor Adálcio, que foi extremamente bondoso, se ofereceu a ler e discutir o meu projeto, já vislumbrando o meu ingresso no Mestrado. Eu lhe sou muito grata. À Natiane por todo empenho e auxílio nas horas decisivas, quando ainda na noite anterior à entrevista conversava comigo e tentava me orientar. À Carol, amiga querida que sempre me incentivou e torceu por mim! Obrigada, minha nunca ex-amiga...

Aos doutores do CEFET-MG, em especial a alguns que marcam minha trajetória de forma singular: desde a banca com os professores Irlen, José Pedrosa e Adélia, cuja qual já nas dependências da instituição se mostrou extremamente simpática e agradável, depois fomos estreitando os laços de amizade contando sempre com o seu sorriso largo e franco. Às minhas caras e queridas orientadoras Carla Chamon e Raquel Quirino, exemplos de determinação, força, garra e entusiasmo. Encontrei em ambas o complemento ideal para chegar até a defesa. Foram verdadeiras âncoras do saber, firmes na missão de educar e fortes para acompanhar-me em cada passo dado na construção deste trabalho. A lembrança de vocês será sempre lembrada no meu coração. Levarei todos os ensinamentos para a eternidade. A professora Sabina Maura, o meu eterno agradecimento por me oportunizar conhecer um perfil acadêmico tão distinto e uma profissional altamente elegante na arte de ensinar. Sua elegância expressa a excelência do seu trabalho!

A Secretaria de Educação, inicialmente representada por pessoas que me auxiliaram com profissionalismo e ética na condução da pesquisa. Cláudio, solícito e agradável desde a acolhida da proposta da pesquisa a todos os documentos necessários para a sua conclusão. Tê-lo na minha banca diz muito da minha gratidão e ainda mais pela sua atuação serena e bem embasada. Prometi o lanche a você e hoje aqui estamos para comemorar esse momento. Ao Daniel Rocca, que tive a honra de conhecer e com ele refletir sobre propostas para melhorar o desempenho do profissional na prefeitura, já sendo recompensada duplamente pela investigação realizada neste trabalho quando além da realização pessoal, ainda poderei contribuir para uma atuação mais saudável das mulheres professoras no espaço escolar. Às professoras que, generosamente, se dispuseram a me receber e ensinar com o seu exemplo de força e perseverança como apesar de tanta dor e sofrimento, ainda podemos ser generosos e solidários. O desejo de todas ao me receberem, encontrou eco nos meus sentimentos mais íntimos: lutar por dias e condições melhores para todos os professores e com isso, empenhar para que se reverbere em qualidade de ensino e progresso social. Ao Fabrício, médico responsável pelo setor de Perícia, sendo doutor de uma delicadeza e disposição em ajudar, me ofertando horas do seu tempo para discutir e amadurecer ideias distantes da minha área de atuação, mas extremamente importantes para o meu trabalho. Consegui conhecer um pouco mais sobre a dinâmica deste setor que se esforça pela parceria com a educação.

À Escola Municipal Edith Pimenta da Veiga e todos os funcionários que, com sua gota de suavidade e refrigério, tornaram os meus dias mais leves e a organização de todos os meus compromissos possíveis, desde a direção que colocou-se solícita aos ajustes necessários nos

meus horários de trabalho, ao coordenador Geraldo, pela sua simpatia e disponibilidade de ajudar, às professoras sempre empenhadas em dar a sua contribuição na pesquisa, ao meu grupo direto de atuação, as professoras Marcia, companheira acadêmica e igualmente presente na prática de educar e Rosemeire, sempre parceira e disposta a embarcar no desafio da promoção de um ensino de qualidade aos alunos, amiga solícita e profissional exemplar que me amparou neste momento especial.

Às profissionais das escolas municipais Solar Rubi e Antônio Aleixo em que realizei a extensão de jornada e pude contar com a gestão de pessoas excelentes, que me impulsionavam e apoiavam, torciam pela conclusão dessa etapa.

Às amigas Néia, Viviane e Fernanda que conseguiram manter o nosso laço de amizade mesmo a tantas ausências de minha parte. Sinto que o nosso encontro de almas é forte e resistente, como o amor que resiste as oscilações no momento de nossas conquistas.

Aos presentes que o Mestrado me deu: Elizabeth, primeira amiga desse período, quando nos conhecemos na antessala minutos antes da entrevista e concluiremos esse sonho na mesma data. A Daniele, por representar uma pausa no estresse e um momento de reflexão, diversão e comida japonesa. Ao Antônio Cláudio, que generosamente se dispôs a nos ensinar as línguas estrangeiras, conseguiu livros didáticos, organizou o seu tempo para nos atender, mas sobretudo, nos ensinou o quanto podemos nos doar pelo próximo, com a condição que temos, para que tudo fique bom para todos. Weverson, parceiro das estratégias e ouvinte atento das inquietações, porta voz de boas ideias e futuros encaminhamentos, Daiane pelo olhar sempre perspicaz e contribuições relevantes, Thiago e Éric, pela palavra amiga e reflexiva nas salas e corredores da instituição, hoje ambos já no mestrado, trilhando os caminhos do sucesso, à Ana Paula e Bruno, pelas risadas, desabafos e momentos de leveza, fosse no CEFET-MG ou na academia. Às mestras Kelly e Bruna pela total disponibilidade em ser útil e ajudar. Vocês contribuíram para a fluidez desse momento.

A Maria Luisa, profissional da Plataforma Brasil e excelente ser humano que Deus colocou no meu caminho e me auxiliou muito para alcançar a aprovação nesta etapa. Não nos conhecemos pessoalmente, mas sinto a aura de um anjo bom na condução dos desafios.

Aos encontros fortuitos em eventos e o saldo positivo de amizades que me auxiliaram com indicação de bibliografia, estratégias para dar continuidade a pesquisa e troca de experiência. Muito obrigada à psicóloga Isabela Jardim pelo apoio e momentos de escuta tão importantes,

até mesmo na porta do Mercado Central, aos professores doutores, Reynaldo Muniz, Luciano Zille, Fernando Coutinho e, aos mestres Michele, Pedro Favarini, Flávia e Poliane.

Aos meus professores Javier Fleitas e Benediccion Kipune pela coragem de ensinar e pela crença de que todos podem aprender. Sinto-me melhor e realizada porque nesta trajetória da pesquisa, neste tempo abençoado do Mestrado, também aprendi e consegui realizar o meu sonho de conhecer outras línguas. Vocês são mestres na arte de ensinar e cativar sonhos!

## **DEDICATÓRIA**

**A todas a mulheres que, embora subsumidas pela cultura patriarcal, têm promovido rupturas e contribuído para um movimento de transformação, assim como a vida é, basta viver para saber.**

**Aos profissionais da educação, em especial as mulheres professoras da Educação básica que, melhor compreendendo as teias históricas das produções culturais, possam empreender uma reforma do pensamento e da cultura, valorizando o seu trabalho por meio do estudo e da mobilização social fomentando uma prática que enseje fortemente pensar, mudar, transformar!**

**Temos o direito de ser iguais, quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.**

**(BOAVENTURA DE SOUZA, 2003, p. 56)**

## RESUMO

A presente pesquisa está inserida na “Linha II: Processos Formativos em Educação Tecnológica” do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), cujos estudos focalizam temas relacionados ao trabalho-educação nos contextos socioeconômico e político-cultural, destacando os processos históricos e culturais, as relações entre as mudanças societárias, a diversidade, a educação profissional formal/não formal e o mundo do trabalho. Essa pesquisa problematiza a relação existente entre ser mulher e professora, a multiplicidade de atividades desempenhadas por ela no trabalho assalariado e doméstico e o consequente adoecimento profissional ocasionado pela Síndrome de *Burnout*. Para tal buscou-se a partir dos dados empíricos coletados refletir à luz das teorias da Divisão Sexual do Trabalho originadas na Sociologia do Trabalho Francesa de base materialista. Com início em um levantamento documental realizado no setor de Perícia Médica da Gerência de Saúde do Servidor (GESER) elaborou-se um panorama dos afastamentos por motivos de saúde de professoras da educação básica. Em ato contínuo realizaram-se entrevistas semiestruturadas com onze professoras da Rede, selecionadas por acessibilidade e indicação, acerca de suas múltiplas tarefas como professoras e donas de casa, mães e esposas; suas dificuldades e limites, bem como as estratégias de luta e resistência que lançam mão frente à exaustão física e psíquica, ao desencantamento com a profissão e o consequente adoecimento profissional. Os relatos possibilitaram analisar, se e como, a divisão sexual do trabalho - com seus desdobramentos: os princípios organizadores da separação e hierarquia, o labirinto de cristal e o trabalho múltiplo -, contribui para o acometimento das professoras pela Síndrome de *Burnout*. Os relatos das entrevistadas reverberam as vozes de muitas mulheres professoras que, subsumidas em uma sociedade patriarcal, exercendo uma profissão precarizada, desvalorizada econômica e socialmente, resistem ao que historicamente e culturalmente vem sendo imputado a elas tanto no trabalho assalariado quanto doméstico. Os achados revelam que a sobrecarga física ocasionada pelas múltiplas tarefas, bem como o desencantamento com a profissão deixam as professoras mais vulneráveis ao esgotamento e o adoecimento pela Síndrome de *Burnout*. Dar voz às mulheres professoras e fomentar reflexões acerca da precariedade do trabalho docente, da sobrecarga a que estão submetidas e o consequente adoecimento advindo desses fenômenos, bem como auferir deslocamentos nas relações sociais de gênero e na divisão do trabalho entre os sexos, a partir da constatação das desigualdades são premissas que almejam a presente pesquisa.

Palavras chave: Divisão Sexual do Trabalho Docente, Síndrome de *Burnout*, Professoras.

## ABSTRACT

The present research is inserted in the "Line II: Formative Processes in Technological Education" of the Graduate Program in Technological Education (PPGET) of the Federal Center for Technological Education of Minas Gerais (CEFET-MG), whose studies focus on themes related to work-education in the socioeconomic and political-cultural contexts, highlighting historical and cultural processes, the relations between corporate changes, diversity, formal and non-formal professional education and the world of work. This research problematizes the relationship between being a woman and a teacher, the multiplicity of activities performed by her in salaried and domestic work and the consequent occupational illness caused by the Syndrome of Burnout. For this purpose, we sought reflections of empirical data collected in the light of the theories of the Sexual Division of Labor originated in the Sociology of French work of materialist basis. From a documentary survey conducted in the Medical Expertise sector of the Server Health Management (GESER) of the Municipal Public Education Network of Belo Horizonte, an overview of the removals for health reasons of teachers of education was elaborated Basic. In continuous act, semi-structured interviews were conducted with eleven teachers of the Network, selected by accessibility and indication, about their multiple tasks such as teachers and housewives, mothers and wives; their difficulties and limits, as well as the strategies of struggle and resistance that make use of physical and psychic exhaustion, disenchantment with the profession and the consequent professional illness. The reports made it possible to analyze, if and how, the sexual division of labor - with its unfoldings: the organizing principles of separation and hierarchy, the crystal maze and the multiple work - contributes to the involvement of teachers by the Burnout syndrome. The interviewees' reports reverberate the voices of many women teachers who, undersumive in a patriarchal society and exercising a precarious and economically devalued profession, resist what has historically and culturally been attributed to them both in salaried and domestic work. The findings reveal that the physical overload of multiple tasks, as well as disenchantment with the profession, make teachers more vulnerable to exhaustion and illness by Burnout Syndrome. Give voice to women and foster reflections about the precariousness of teaching work, the burden to which women teachers are subjected and the consequent illness resulting from this phenomenon, as well as to increase advances in gender social relationships and division of work between the sexes, from the finding of the inequalities present in this division and to cast a look at the work of the teacher woman is what aims for the present research.

Keywords: Sexual Division of Teaching Work, Burnout Syndrome, Teachers.

## RÉSUMÉ

La présente recherche est insérée dans la ‘‘Ligne II: Processus de Formation à Éducation Technologique’’ du Programme D'études Supérieures en Éducation Technologique (PPGET) du Centre Fédéral pour L'éducation Technologique du Minas Gerais (CEFET-MG), dont les études portent sur des thèmes liés au travail-éducation dans les contextes socio-économiques et politico-culturels, mettant en évidence les processus historiques et culturels, les relations entre les changements sociétaux, la diversité, la formation professionnelle formelle/non formelle et le monde du travail. Cette recherche problématise la relation existante entre le fait d'être une femme et une enseignante, la multiplicité des activités exercées par elle dans le travail salarié et domestique et la maladie professionnelle qui en résulte causée par le syndrome d'épuisement professionnel, ‘‘Syndrome du Burnout’’. À cette fin, il a été recherché à partir des données empiriques collectées pour refléter à la lumière des théories de la Division Sexuelle du Travail issues de la Sociologie du Travail Française base matérialiste. À partir d'une enquête documentaire réalisée dans le secteur de L'expertise Médicale de la Gestion de la Santé Publique (GESER), un panorama des absences pour raisons de santé des enseignants de l'enseignement de base a été élaboré. Dans un acte continu, des entretiens semistrukturés ont été menés avec onze enseignants du Réseau, sélectionnés pour l'accessibilité et l'indication, sur leurs multiples tâches en tant qu'enseignants et femmes au foyer, mères et épouses; leurs difficultés et leurs limites, ainsi que les stratégies de lutte et de résistance auxquelles ils sont confrontés face à l'épuisement physique et psychologique, au désenchantement de la profession et à la maladie professionnelle qui en résulte. Les rapports ont permis d'analyser, si et comment, la division sexuelle du travail - avec ses conséquences: les principes organisateurs de séparation et de hiérarchie, le labyrinthe de cristal et le travail multiple -, contribue à l'implication des enseignants atteints du Syndrome du Burnout. Les rapports des personnes interrogées réfléchissent aux voix de nombreuses enseignantes qui, englobées dans une société patriarcale, exerçant une profession précaire, économiquement et socialement sous-évaluée, résistent à ce qui leur a été historiquement et culturellement attribué à la fois dans le travail salarié et le travail domestique. Les résultats révèlent que la surcharge physique causée par les multiples tâches, ainsi que le désenchantement avec la profession, rendent les enseignants plus vulnérables à l'épuisement et à la maladie dus au Syndrome D'épuisement Professionnel, Syndrome du Burnout. Donner une voix aux les femmes, enseignantes et encourager les réflexions sur la précarité du travail d'enseignant, la surcharge à laquelle elles sont soumises et la maladie qui résultant de ces phénomènes, ainsi que provoquer des déplacements dans les relations sociales de genre et dans la division du travail entre les sexes, de la découverte des inégalités sont des prémisses que vise la présente recherche.

**Mots-clés:** Division Sexuelle du Travail D'enseignement, Syndrome du Burnout, Enseignants.

## RESUMEN

El presente estudio investigativo está inserido en la “Linea II”: Procesos Formativos en Educación Tecnológica” del Programa de Posgrado en Educación Tecnológica (PPGET) del Centro Federal de Educación Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), cuyos estudios se focalizan en temas relacionados al trabajo-educación en los contextos socioeconómico y político-cultural, destacando los procesos históricos y culturales, las relaciones entre los cambios socioetarios, la diversidad, la educación profesional formal/informal y el mundo de laboral. Esa investigación problematiza la relación existente entre ser mujer y profesora, la multiplicidad de actividades desempeñadas por ella en el trabajo asalariado y doméstico y la consecuente enfermización profesional ocasionado por el Síndrome de *Burnout*. Para tal se procuró a partir de los datos empíricos recogidos reflexionar a la luz de las teorías de la División Sexual del Trabajo originadas en la Sociología del Trabajo Francesa de base materialista. Con inicio en una encuesta documental realizada en el sector de Medicina Forense de la Gerencia de Salud del Servidor (GESER) se elaboró un panorama de las licencias por motivos de salud de profesoras de la educación básica. En acto continuo se realizaron entrevistas semiestructuradas con once profesoras de la Red, seleccionadas por accesibilidad y recomendación, e lo que se refiere a sus múltiples tareas como profesoras y amas de casa, madres y esposas; sus dificultades y límites, así como las estrategias de lucha y resistencia que se precisan frente al agotamiento físico y psíquico, a la desilusión con la profesión y a la consecuente enfermización profesional. Los relatos posibilitaron analizar, si y como, la división sexual del trabajo - con sus desenvolvimientos: los principios organizadores de la separación y jerarquía, el laberinto de cristal y el trabajo múltiple -, contribuyó para la afectación de las profesoras por el Síndrome de *Burnout*. Los relatos de las entrevistadas reflejaron las voces de muchas mujeres profesoras que, subsumidas en una sociedad patriarcal, ejerciendo una profesión debilitada, desvalorizada económica y socialmente, resisten a lo que histórica y culturalmente viene siendo imputado a ellas tanto en el trabajo asalariado como doméstico. Los descubrimientos revelan que la sobrecarga física ocasionada por las múltiples tareas, así como el desencanto con la profesión dejan a las profesoras más vulnerables al agotamiento por el Síndrome de *Burnout*. Dar voz a las mujeres profesoras y fomentar reflexiones acerca de la precariedad del trabajo docente, de la sobrecarga a que están sometidas y a la consecuente enfermización derivado de esos fenómenos, así como percibir desplazamientos en las relaciones sociales de género y en la división del trabajo entre los sexos, a partir de la constatación de las desigualdades son premisas que aspiran la presente investigación.

Palabras clave: División Sexual del Trabajo Docente, Síndrome de *Burnout*, Profesoras.

## LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Média de horas em atividades produtivas e reprodutivas..... | 51 |
| Gráfico 1 – Afastamentos entre 2009 e 2019 com projeção até 2022.....  | 14 |
| Gráfico 2 – Readaptação Funcional por Secretaria.....                  | 15 |
| Gráfico 3 – Profissionais com afastamentos.....                        | 19 |
| Gráfico 4 – Profissionais com afastamento (masculino/feminino).....    | 68 |
| Gráfico 5 – Registro de adoecimento por região.....                    | 68 |
| Gráfico 6 – Adoecimento pelo CID Z730.....                             | 69 |
| Quadro 1 – Frequência de CID.....                                      | 67 |
| Quadro 2 – Lista de entrevistadas e pseudônimos.....                   | 70 |

## **LISTA DE SIGLAS**

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BM - Boletim de Matrícula

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

CID - Código Internacional de Doenças

DOM - Diário Oficial do Município

FORQUAP - Grupo de Pesquisa em Formação e Qualificação Profissional

GESER/BH-MG - Coordenação Perícia Médica da Gerência de Saúde do Servidor

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OIT - Organização Internacional do Trabalho

OMS - Organização Mundial de Saúde

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar Contínua

RME/BH - Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte

SMED/BH - Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte

SUGESP - Subsecretaria de Gestão de Pessoas

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

## SUMÁRIO

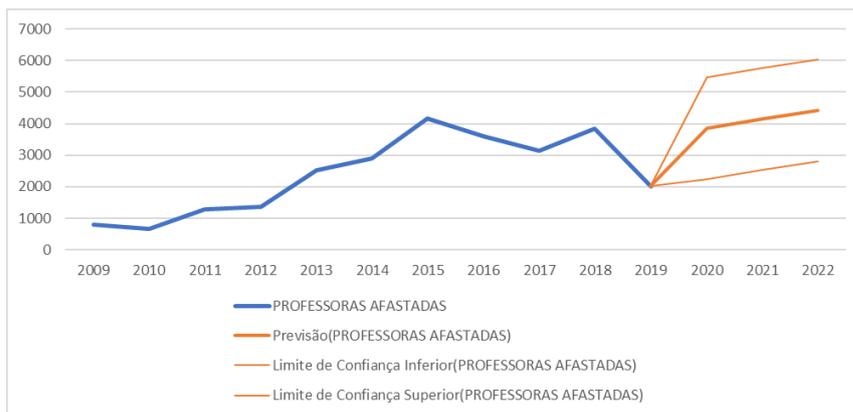
|   |     |
|---|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 14  |
| <b>CAPÍTULO 1 – APROXIMAÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS</b> .....  | 32  |
| 1.1 - O trabalho e a sua centralidade na vida do indivíduo.....   | 32  |
| 1.1.1 - Psicodinâmica do trabalho.....  | 34  |
| 1.2 - Caracterização do trabalho docente.....   | 37  |
| 1.3 - Divisão sexual e adoecimento no trabalho.....   | 45  |
| 1.4 – Adoecimento no trabalho e a Síndrome de <i>Burnout</i> .....  | 54  |
| <b>CAPÍTULO 2 – O OBJETO EM SEU CONTEXTO EMPÍRICO</b> .....   | 65  |
| 2.1 - Trabalho docente na Rede Municipal de Educação.....   | 65  |
| 2.2 - O adoecimento docente na Rede Municipal de Educação/BH-MG.....  | 69  |
| 2.3 - Perfil das professoras investigadas e relações com o <i>Burnout</i> .....   | 70  |
| <b>CAPÍTULO 3 - A VOZ DA MULHER PROFESSORA ACOMETIDA PELA<br/>SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i></b> .....                                    | 95  |
| 3.1 - Ser mulher... das delícias e das dores do gênero.....   | 96  |
| 3.2 - Eu, mulher professora... o que professo, tu professoras e o que<br>vós professais?.....   | 107 |
| 3.3 - De qual trabalho falamos quando adoecem as mulheres professoras da Educação Básica<br>da Rede Municipal de Educação/BH-MG?..... | 115 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 130 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 136 |
| <b>APÊNDICES</b> .....  | 142 |

## INTRODUÇÃO

A saúde constitui um campo vasto de estudos e investigação crescentes uma vez que o número de profissionais acometidos por doenças e licenciados de suas atividades apresenta um crescimento ao longo dos anos. Em especial com relação a saúde mental que apresentou, de acordo com dados do Ministério da Saúde publicado em 09/01/2020, um incremento na ordem de 200%.

Admite-se também a saúde como uma vertente transdisciplinar, abordada nesta pesquisa pelo prisma da educação, considerando que o número de professores municipais adoecidos vem apresentando oscilações, em geral crescentes, baseado em dados fornecidos pelo setor de Coordenação Perícia Médica da Gerência de Saúde do Servidor (GESER/BH-MG), contabilizando um total de 26.267 afastamentos de professoras (sendo mais de uma vez afastada) entre 2009 e 2019 a partir de um dia por razões diversas especificadas pelo CID.

Gráfico 1 - Afastamentos entre 2009 e 2019 com projeção até 2022



Elaborado pela autora - Fonte: GESER/BH-MG

Ciente desta situação, a Prefeitura de Belo Horizonte/MG (PBH/MG), desde o ano 2019 por meio da GESER - SUGESP, vem promovendo um estudo da saúde e condições atuais de seus servidores com o objetivo de reavaliar todas as readaptações funcionais. Este termo é designado para atribuições de atividades especiais ao servidor, observada a exigência requerida e compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental, verificada em inspeção médica pelo órgão municipal competente, que deverá para tanto, emitir laudo circunstanciado. Visa promover encaminhamentos adequados a realidade

constatada, utilizando-se como metodologia de trabalho intervenções em saúde funcional, trabalho regionalizado e por secretaria, mapeamento de nova lotação e atividades em conjunto com o setor de recursos humanos do órgão.

Neste sentido, constatou-se alguns problemas como: falta de monitoramento e desvios das readaptações funcionais, servidores não produtivos por falta de adequação às restrições médicas ou às atividades, servidores com possibilidade de retorno gradativo a atividade precípua do cargo, mas que permanecem em readaptação definitiva por falta de revisão, servidores que apesar de possuírem readaptação continuam apresentando licenças recorrentes, sendo essas ações reincidentes passíveis a uma aposentadoria. Uma vez identificados, pretende-se com o projeto, promover o retorno dos readaptados à atividade precípua do cargo, adequação de sua restrição para melhor produtividade em suas atividades e aposentadoria por invalidez quando identificado sua incapacidade laborativa.

Gráfico 2 - Readaptação Funcional por Secretaria



Elaborado pela autora - Fonte: GESER/BH-MG

A Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED/BH), vem em primeiro lugar no número de profissionais em situação de readaptação funcional, apenas pelo impacto financeiro nos cofres públicos, pois, esse número diz dos funcionários da educação adoecidos ou inaptos para o desempenho da função. Essa mesma secretaria já tem envidado esforços e promovido ações preventivas com vistas a diminuição dos adoecimentos e investimento na qualidade e bem-estar no trabalho, por meio de um Inventário de desenvolvimento profissional e ações com essa mesma perspectiva.

Pode-se observar o aumento das discussões a respeito da relação entre adoecimento e trabalho, a partir da literatura trazida nesta pesquisa, sobretudo, e ações que sinalizam preocupações nessa área, em especial quando nos referimos à educação. Logo, se evidencia a relevância da discussão por ora iniciada em que saúde e trabalho, profissionais da educação e adoecimento constituem temáticas abordadas neste estudo, aderindo à linha II do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG: “Processos Formativos em Educação Tecnológica”.

Esta linha visa o estudo dos processos formativos que acontecem na perspectiva da educação e considera o sujeito em sua totalidade. Abrange as relações sociais voltadas para a formação, qualificação e atuação profissional no âmbito de instituições educacionais, tendo como foco questões nos contextos socioeconômicos e político-cultural. Diante do exposto, essa pesquisa propõe como questão norteadora investigar qual a relação existente entre ser mulher e professora com o adoecimento ocasionado pela síndrome de *Burnout*? Para isso, buscou-se compreender esta indagação por meio de reflexões subsidiadas pela teoria da divisão sexual do trabalho, a partir da qual foi oferecida a problematização sobre a condição da mulher professora, com a sua múltipla jornada de atividades, influenciando o acometimento pela síndrome em questão.

Para essa empreitada foram apropriados procedimentos metodológicos, perpassando pela pesquisa bibliográfica com o subsídio de autores basilares, sendo na área de trabalho e saúde, como Christopher Dejours; com a teoria da Divisão Sexual do trabalho, com os trabalhos de Raquel Quirino embasados nos ditos de Helena Hirata e Daniele Kér goat; a história da profissão docente com Carla Chamon e Magda Chamon; e a descrição das características, sintomas, causas e consequências da síndrome de *Burnout* nos escritos de Ana Maria Tereza Benevides-Pereira, Maslach e Jackson, Kátia Simone Beneditte e Íria de Marco, Mary Sandra Carlotto e Wanderley Codo. Caracterizada, segundo Codo (1999) como a perda da energia e do sentido que o trabalho representava, não mais importando nada e todo esforço parecendo inútil, um esgotamento profissional.

Realizou-se a busca de documentos oficiais que pudessem indicar sobre a existência de professoras da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte/MG (RME/BH), acometidas pela síndrome de *Burnout*. Para saber se havia a incidência dessa patologia, quem eram e onde estavam as professoras, foram realizados alguns encontros com a GESER/BH, com a aquiescência da Secretaria Municipal de Educação de BH (SMED/BH) por meio de do

coordenador do setor. Foi identificada a ocorrência dessa síndrome. Na sequência, elaborou-se um roteiro de perguntas correspondentes aos objetivos elencados para a pesquisa, a partir da qual foram empreendidas entrevistas semiestruturadas com professoras acometidas pela síndrome de *Burnout* atuantes na RME/BH, contatadas com o auxílio das escolas em que trabalham.

Além dos dados coletados neste documento, referente à existência das professoras com esse perfil, ainda foi possível receber a indicação de outras professoras a partir de algumas entrevistas realizadas. Ao todo, perfazendo um universo de 11 entrevistadas, com demais canceladas por questão de agenda e em observância ao cronograma da pesquisa. Os locais e horários foram definidos pelas entrevistadas e o sigilo foi mantido em todos os encontros conforme indicado no termo de consentimento livre esclarecido (TCLE). Para a etapa metodológica de cunho intelectual, se propôs a análise dos dados empíricos à luz da teoria da divisão sexual do trabalho.

O interesse em escrever sobre essa questão se espelha sobre a trajetória profissional da pesquisadora, na qual se observou situações que geraram desconfortos, angústias, alguma coragem para estudar, tentar compreender e agora discutidas pela perspectiva acadêmica. Fortalece-se ainda, na inquietação de Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo*, no qual introduziu o seu trabalho dizendo da sua hesitação em escrever um livro sobre a mulher, uma vez que “(...) a querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada” (Beauvoir, 1970, p.7), pois apesar das conquistas presenciadas pelas mulheres professoras, quando se trata das relações sociais de sexo no mundo do trabalho ainda se observa dificuldades encontradas para constituir-se como profissional, em especial em uma área como a educação.

Essa perspectiva científica que se instala ao ajustar o foco sobre a realidade de forma sistematizada, foi permeada por desafios, não se realizando de maneira fácil, em especial, tratando-se da síndrome de *Burnout*, decorrendo daí muitos percalços observados na aquisição dos dados, dentre eles:

I) Muitas profissionais não percebem que precisam de auxílio mesmo quando são alertadas, muitas vezes pelos próprios colegas de trabalho. Hesitam em buscar tratamento, seguem resistindo, subjugando os sintomas ou mesmo dando a eles a caracterização conveniente no momento, sublimando uma condição temerária. Muitas vezes esse fato ocorre por falta de

tempo. Não é raro encontrar profissionais que trabalham em duas ou três escolas, com extensão de jornada ou efetivamente com outro boletim de matrícula (BM).

II) Estas mesmas profissionais podem estar conscientes de seu estado de adoecimento e não procurar tratamento, por priorizar os cuidados destinados aos relacionamentos familiares e ocupações domésticas; e outros de natureza extensiva que inviabilizam ou mesmo dificultam a busca por atenção a si própria. O que já denota indícios de uma jornada extenuante de atividades, muitas vezes consideradas pelas professoras como necessárias e incorrendo na inviabilização de autocuidados, como verificado durante a pesquisa.

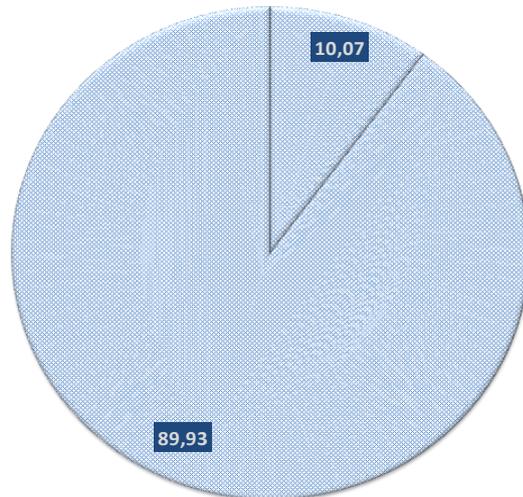
III) E podemos dizer ainda, que cientes de seu estado, dispostas a buscarem orientações médicas, vivenciam uma situação de desconforto ao registrar o nome da doença, por receio de sofrer preconceito ou até por desconhecimento do assunto e resistência com o laudo definido. Como o diagnóstico da síndrome de *Burnout*, via de regra, vem acompanhado de outras desordens que também podem estar associadas ao trabalho, com a ocorrência de doenças comórbidas, como a depressão, transtornos de ansiedade, estresse e outras correlatas, a síndrome ainda é muito confundida com outras doenças, de acordo com informações preliminares obtidas com o médico do Setor de Perícia Médica da PBH. Cabe ainda ressaltar que a síndrome de *Burnout*, também conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional, não exige notificação compulsória. Assim, o Ministério da Saúde também não consegue com exatidão afirmar a quantidades de trabalhadores no seu enquadramento (CID Z730).

Em diálogo com a GESER/BH foi disponibilizada uma planilha com informações gerais sobre o adoecimento na rede. Foi analisado um universo de 11.137 profissionais que se afastaram pelo menos um dia. (considerando apenas o registro de um afastamento por profissional). Sendo a quantidade de professores que se afastaram no período compreendido entre 2009 a 2019, organizados por sexo conforme gráfico abaixo:

Gráfico 03 - Profissionais com afastamentos

| PROFISSIONAIS COM REGISTRO DE AFASTAMENTO | 11.137 | %     |
|---|--------|-------|
| HOMENS                                    | 1.122  | 10,07 |
| MULHERES                                  | 10.015 | 89,93 |

**PROFISSIONAIS COM REGISTRO DE AFASTAMENTO**



\* Total de profissionais da planilha

Elaborado pela autora - Fonte: GESER/BH-MG

Observa-se as mulheres em maior número nesta condição, o que indica afastarem-se do trabalho muito mais que os homens. Os motivos dos afastamentos são variados e codificados pelo CID 10 (Código Internacional de Doenças). Publicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o CID 10 é usado constantemente na rotina médica dos profissionais da saúde. Seu principal objetivo é criar uma codificação padrão para as doenças. O médico também pode usar o CID 10 para encobrir o nome específico da doença a pedido do paciente, pois há doenças em que a notificação não é compulsória, dificultando a sua identificação.

Desta forma, o Ministério da Saúde não consegue contabilizar com precisão o número de brasileiros afetados pela doença em questão. Neste estudo focaremos o CID 10 Z73.0, legitimado pela OMS em 2007 com a denominação de “Síndrome do Esgotamento Profissional” e, segundo Benevides-Pereira (2010), identificada como a “Síndrome de *Burnout*”. Seu impacto na sociedade é identificado por meio de diferentes estudos com populações diversas, inclusive docentes. Conforme visualizado no Gráfico 3, infere-se dados citados que as mulheres são as que mais se afastam. Não somente pela síndrome, mas afastamentos que envolvem o cuidado com o outro (CID Z76.3 – Pessoa em boa saúde

acompanhando pessoa doente). Essa situação pode ser melhor explicada pela construção do gênero e toda a bagagem de atividades que socialmente se instituiu como femininas e são desenvolvidas no espaço doméstico, acarretando uma sobrecarga de tarefas, como amparam os trabalhos de Hirata e Kér goat (2007).

Essa condição, em que há um acúmulo de afazeres, vem passando por um movimento crescente e contínuo, no qual as mulheres vêm acumulando mais funções no espaço público, porém sem se desvincilarem das ocupações domésticas. Fato comprovado inclusive pelo crescente quantitativo de mulheres no mercado de trabalho. Olinto (2011) já nos comunica sobre as conquistas auferidas pelas mulheres na educação e no trabalho, denotando o rompimento de estereótipos e o enfrentamento de preconceitos e costumes secularmente repassados de gerações a gerações.

A Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar Contínua (PNAD/2017) mostra que a participação das mulheres supera a dos homens em algumas profissões, contudo, culturalmente identificadas como femininas e associadas a menores salários. A maior disparidade é encontrada na categoria dos empregados domésticos, na qual 92,3% são mulheres. Mas elas predominam no magistério, nas enfermarias e na assistência social, como aponta a mesma amostragem em relação aos setores da administração pública, defesa e seguridade social, educação, saúde e serviços sociais, a participação das mulheres (25,2%) era bem maior que a dos homens (10,9%).

Destarte essa progressão, há que se considerar que apesar de sair do espaço privado para se inserir no público, as incumbências do primeiro lá permanecem até o seu retorno. Fato este, levantado como hipótese agravadora para o maior número de afastamentos das mulheres professoras em decorrência de suas múltiplas jornadas, seja no espaço produtivo e/ou reprodutivo.

A partir do cenário apresentado, essa pesquisa teve como questão norteadora investigar qual a relação existente entre ser mulher e professora com o adoecimento ocasionado pela síndrome de *Burnout*? Para isso, buscou-se compreender esta questão por meio de reflexões subsidiadas pela teoria da divisão sexual do trabalho, a partir da qual problematizou-se a condição da mulher professora, com a sua múltipla jornada de atividades e o acometimento pela síndrome em questão.

O arcabouço desta questão apresenta como principais justificativas os motivos sugeridos neste preâmbulo, dentre os quais alteiam-se:

I) Discussão muito frequente nos dias atuais e, por ser uma questão contemporânea, a necessidade de investigação para melhor entendimento do processo de adoecimento do profissional em educação, que pode ser causado ou mesmo acentuado pelas condições do ambiente de trabalho (excesso de alunos por turmas, precariedade física e material, ruídos, etc.), predisposição individual e/ou fatores de constituição da vida social, com a múltipla jornada de atividades. Somados, estes fatores podem compelir para o adoecimento, afastamento e readaptação funcional, repercutindo e impactando na educação e seus atores como um todo. As condições de saúde e trabalho docentes são objetos de estudos de diversos profissionais (psicólogo, sociólogos, ergonomistas, etc.) que revelam preocupação com a situação dos trabalhadores em educação no exercício de sua profissão, tendo em vista o aumento significativo das diversas manifestações patológicas dos professores. Em consonância com essa realidade já se constata o aumento significativo de afastamentos das professoras da sala de aula, algumas vezes por sua própria condição de saúde e outras para acompanhar parente, que é uma causa identificada pelo CID Z76.3 de grande prevalência nas mulheres professoras, o que corrobora para a compreensão das múltiplas jornadas de atividades concernentes ao universo do trabalho reprodutivo, na qual o cuidado e o zelo com o outro se tornam evidentes em vários momentos de sua vida.

II) A contribuição teórica e o interesse pela saúde do professor no cenário acadêmico. A colaboração teórica que a pesquisa pode proporcionar é um fator relevante, pois o tema trabalho e saúde vem ocupando, a cada dia, um lugar de destaque no ambiente acadêmico, conforme levantamento realizado em bases acadêmico-científicas.

III) A presente pesquisa, ao analisar os impactos do trabalho na vida da mulher professora, pode contribuir para a mitigação das diferenças relativas à questão do gênero, propondo uma reflexão sobre a divisão sexual do trabalho e seus matizes. Considerando que esta reflexão distingue e equilibra o olhar sobre o trabalho no âmbito doméstico, de caráter reprodutivo por considerar a manutenção da vida e a reprodução das condições de existência, muitas vezes invisível e não remunerado, ou, na esfera pública, de caráter produtivo, onde pesam a desvalorização e a precarização quando na área de educação, que é o caso em pauta. E ainda, oferece insumo para a prevenção da síndrome, uma vez que o esclarecimento e informações a

respeito constituem passos importantes para se manter saudável mentalmente no ambiente de trabalho.

IV) Ao delinear, aprimorar e reformular questões sobre o tema adoecimento de professoras do 1º Ciclo da Educação Básica, o trabalho também colabora com o desenvolvimento dessa área de estudos, haja vista que ao aplicar as palavras chave “Síndrome de *Burnout*” e “professores” no portal de periódicos da Capes e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) até dezembro/2019 foram encontrados vários artigos, duas teses que abordavam a condição de professores universitários acometidos pela síndrome de *Burnout*, cinco dissertações nas quais discutia-se, dadas as peculiaridades de cada estudo, quais os fatores do ambiente laboral poderiam desencadear a síndrome em professores. Pontuam-se esses fatores como políticos, com a chegada de novas leis, e os impactos que reverberam nas salas de aulas, somando-se outros fatores ligados a medidas de inclusão que comprometem o trabalho e apresentam-se como estressores para o profissional. Discute-se também quais fatores organizacionais do trabalho são facilitadores do adoecimento na função docente, bem como a relação existente entre o estado de saúde/doença percebida pelas professoras com a síndrome de *Burnout*. Os trabalhos tinham como procedimento metodológico a aplicação de questionários.

Para as buscas em que se acrescentava a expressão “divisão sexual do trabalho”, não foram identificados trabalhos com esse enfoque, conquanto no presente estudo, buscou-se refletir e ancorar todo a discussão nesta perspectiva.

### **Problemática da pesquisa**

O interesse na discussão sobre o adoecimento docente das mulheres professoras à luz da teoria da divisão sexual do trabalho iniciou com a indicação pela professora orientadora Carla Chamon para a participação no Grupo de Estudos e Pesquisas (Forquap), organizado pela professora Raquel Quirino. Nestes encontros oportunizou-se a discussão sobre as relações sociais de sexo/gênero, a participação das mulheres no mercado de trabalho e as questões subjacentes à essa inserção. Fato que contribuiu para a definição do problema de pesquisa e as diretrizes metodológicas para a consecução da pesquisa.

Assim, propõe como questão norteadora investigar qual a relação existente entre ser mulher e professora, com o adoecimento ocasionado pela síndrome de *Burnout*? Para esse fim, conta-se o subsídio da teoria da divisão sexual do trabalho.

Em que pese algumas atividades estarem ligadas diretamente à condição feminina, como a gestação, desencadeiam-se outras correlatas e consideradas como afeitas, conseqüentemente, sendo esperado o seu cumprimento pela mulher, que as sobrecarrega quando acumuladas com as atividades externas ao lar.

Problematizar essa relação nos remete às reflexões sobre o gênero, no universo do trabalho e, para esta pesquisa, no labor docente. Torna-se imprescindível, não para vitimizar as mulheres, que apresentam os maiores registros de afastamentos laborais ou emplacar um discurso feminista, mas sim, para evidenciar como a divisão desigual do trabalho contribui para o adoecimento das mulheres professoras, caracterizado pela síndrome de *Burnout* e as suas estratégias de luta e de resistência defronte à atividades que se sobrepõem e demandam a sua diligência.

A partir da questão norteadora, o objetivo geral foi compreender a inter-relação entre ser mulher, professora com uma jornada múltipla de atividades e o adoecimento no trabalho docente, caracterizado pela síndrome de *Burnout*. Da questão principal e do objetivo geral, obtém-se o objeto de pesquisa a ser desvelado, que se constitui na relação existente entre ser mulher e professora na educação básica na rede municipal de educação de BH/MG, imbricada em múltiplas atividades e o acometimento pela síndrome de *Burnout*, de forma a suscitar os condicionantes sociais, as estratégias de resistência, os desafios e dificuldades enfrentados por estas profissionais.

Portanto, no intuito de responder à questão da pesquisa e cumprir o objetivo geral, salientou-se ainda:

- I) Quantas são as profissionais que adoecem e se afastam na rede pública de educação municipal de Belo Horizonte em consequência do acometimento pela Síndrome de *Burnout*?
- II) Como as professoras da educação básica administram o seu tempo e as atividades que desempenham dentro e fora de casa?
- III) Quais os fatores que podem amplificar o risco para o acometimento pela Síndrome de *Burnout*?

E desse escrutínio desmembrou-se os objetivos específicos descritos a seguir:

- I) Traçar o panorama atual de afastamentos de professoras do 1º Ciclo, atuantes na rede pública de educação municipal de Belo Horizonte, por razão de adoecimento, sendo esse, caracterizado pela Síndrome de *Burnout*.
- II) Evidenciar se, e como, a divisão desigual e sexual do trabalho contribui para o adoecimento das mulheres professoras, caracterizado pela Síndrome de *Burnout*.
- III) Evidenciar as estratégias de luta e de resistência dessas professoras defronte à múltipla jornada de atividades, a desvalorização da profissão e o adoecimento profissional.

A partir das entrevistas, foi possível identificar traços da múltipla jornada à que as mulheres professoras se submetem e, a partir daí, questionar se as chances de adoecer ao se inserir no espaço público não seriam amplificadas em relação aos homens, historicamente não tão envolvidos com as atividades do espaço reprodutivo, em sua maioria.

Culminando a pesquisa, oferecem-se os resultados para aditamento da discussão acadêmica acerca da condição feminina da mulher docente da educação básica visando suscitar reflexões e aprofundamentos na persecução de condições equitativas no trabalho, seja ele doméstico ou público.

Para vislumbrar mudanças neste cenário, supõem-se que um maior envolvimento dos homens nas atividades domésticas, fosse uma forma de melhor divisão da jornada de atividades privadas. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 2019, melhorar a divisão de tarefas domésticas é, provavelmente, a mudança cultural mais importante para o progresso na igualdade de oportunidades.

Alvarenga (2008), em um de seus estudos, realizou uma pesquisa, de caráter qualitativo e pretendeu por meio da trajetória pessoal e profissional de professoras e professores, fornecer subsídios para a discussão sobre o trabalho docente, no que se refere aos tempos para reprodução econômica e social e sua articulação com as relações de gênero.

Para tal utilizou-se de questionários, entrevistas e diários de uso dos tempos e foi possível perceber que as práticas do cotidiano docente, permeadas pelas relações de gênero e classe, entrecruzam-se e produzem situações que ora reproduzem ora transgridem aquelas que se referem às mulheres e aos homens, em geral.

Os homens desenvolviam atividades domésticas e referentes ao cuidado, como levar o filho para a escola e até faltar no serviço para poupar o emprego da esposa, no qual faltas não eram bem vistas.

Já as professoras eram arrimo de família e não se envolviam diretamente com atividades do espaço reprodutivo.

Em seu trabalho conclui que para garantir igualdade de oportunidades e de condições de vida para os professores e as professoras, políticas educacionais e sociais precisam considerar a articulação entre as esferas da produção e da reprodução, além de considerar o gênero como construção histórica, passível de mudanças.

Como traz Scott (1998) deve-se pensar como as relações entre os sexos foram construídas. Não há uma essência das mulheres ou dos homens, tampouco subjetividades ligadas ao feminino como corpo, sensibilidade, maternidade ou ligadas à cultura, produção e virilidade para os homens. Há subjetividades femininas e masculinas, criadas em determinados contextos histórico, cultural e político. Faz-se necessário historicizar como foram produzidas ao longo do tempo.

Seu estudo corrobora com a recomendação da OIT, pois havendo maior empenho/participação dos homens nas tarefas domésticas, a divisão do trabalho reprodutivo se equilibra e a sobrecarga para um dos sexos diminui ou até mesmo, passa a inexistir. Ressalta-se ainda ser uma investigação que requer cautela em relação aos resultados obtidos, por dizer apenas de um grupo seletivo e particularizado, não sendo, portanto, passível de generalização.

Assim, esse acréscimo oferece uma conjuntura para reflexão e prática dialética, na qual as contradições e embates são os componentes para discussões. Neste contexto se encontra o fulcro desta pesquisa como contribuição histórica e social.

## **Metodologia e procedimentos metodológicos**

A pesquisa é um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, no qual se almeja descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos (Gil, 1994, p.43).

Para alcançar tal proposta, faz-se a opção metodológica que nesta investigação será utilizada de natureza qualitativa, uma vez que segundo Godoy (1995):

[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (Godoy, 1995, p.21)

Partindo-se dessa abordagem, a pesquisa será baseada em análise teórico-documental e de campo, não se preocupando com representatividade numérica, não obstante o aprofundamento da compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, de uma organização ou mesmo de um grupo. Neste caso, foram eleitas onze professoras da Educação Básicas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte/MG.

Trabalha com um universo de espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis (Minayo, 2001). Há que se empreender um esforço de compreensão de todo o contexto e a interrelações de todos os fatores envolvidos.

Quanto aos níveis, optou-se pela pesquisa exploratória, que tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos ou ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses que se possam pesquisar em estudos posteriores (Gil, 1994). Estas pesquisas são desenvolvidas com o objetivo de oferecer uma visão geral, de tipo aproximativa, acerca de determinado fato, proporcionando maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Em muitos casos, constituem a primeira etapa da investigação mais ampla, que ainda envolve o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o problema pesquisado e a análise dos exemplos que favoreçam a compreensão (Gil, 2007), como

apresenta esta pesquisa na qual se procurou aproximar-se teórico/empiricamente do objeto a ser desvelado.

Em relação aos procedimentos, buscou-se partir da pesquisa bibliográfica, realizar um levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios eletrônicos, como livros, artigos científicos e sítios na internet, a fim de se familiarizar com as contribuições de outros estudos e as teorias já existentes sobre o assunto.

Também foi realizada uma pesquisa documental, trilhando os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, distinguindo-se desta por ser um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos. Neste procedimento, são usados materiais que ainda não receberam tratamento analítico, classificadas como “fontes primárias” (Sá-Silva, Almeida, Guindani, 2009, p.5). Recorre-se a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico e que não traz por si nenhuma teoria, tais como os dados fornecidos pela GESER/BH.

Por fim, aconteceu a fase exploratória no campo, caracterizada pelas investigações em que, balizada pela pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto aos sujeitos da pesquisa, sendo o momento em que se aproxima concretamente do objetivo delineado.

Foram realizadas entrevistas, o que se constitui de uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado com objetivo de obter dados que interessem à investigação. Segundo Gil (1994) é uma forma de interação social, de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados em uma fonte que se dispõem a oferecê-los.

Foi feita a opção pela entrevista semiestruturada, caracterizando-se por um roteiro com perguntas concebidas a partir do objetivo que se pretende alcançar e propostas ao entrevistado com a previsão de flexibilidade na condução das perguntas, ensejando a tornar o momento propício a inserção de questões complementares e a discussão de outros aspectos sobre o tema proposto. Posteriormente, as falas são transcritas e os excertos de fala que mais contribuíram para a compreensão do objeto definido, recebem um tratamento analítico comprovado posterior.

## **Levantamento teórico-documental**

Este estudo se inicia a partir de um levantamento bibliográfico visando à apreensão dos principais conceitos, teorias, dados e informações que permitiriam a aproximação do objeto de pesquisa. Privilegiou-se, nesse momento, os estudos em livros, artigos científicos, dissertações e teses sobre a teoria de base desta pesquisa, ou seja, a Divisão Sexual do Trabalho. Além disso, foram estudados textos que tratam da profissão docente e a Síndrome de *Burnout*, considerada ainda carente de contribuições acadêmico-científicas dentre a população elegida diante do levantamento realizado.

## **Coleta de dados documentais**

Para a compreensão do objeto desta pesquisa, foi feito um levantamento junto a GESER/BH-MG. Essas ações ocorreram após a aprovação do Diretor de Pesquisa do CEFET-MG, paralelo ao trâmite na Plataforma Brasil, assim como a apresentação e solicitação da autorização para a realização da pesquisa. Foram investigados dados sobre o trabalho docente na SMED/BH-MG.

Na GESER/BH-MG o contato ocorreu por meio do médico responsável que forneceu orientações sobre aspectos vinculados à concessão de licenças e a planilha de dados na qual foi possível identificar o número de professores que tinham adoecido, o CID da doença e as escolas em que atuavam na ocasião da licença concedida. Assim, foram definidas as etapas para contatar as professoras:

- I) Identificação do CID Z73.0, que se refere Síndrome de *Burnout*.
- II) Associação deste CID à escola em que foi encontrado.
- III) Listagem das escolas em que o mesmo foi encontrado.
- IV) Contato com as escolas via telefone para apresentação da pesquisa, envio do resumo e autorização da Secretaria de Educação. Obtenção do retorno da escola e aceitação ou não para a realização da pesquisa via e-mail.
- V) Checagem dos e-mails recebidos para nova seleção de escolas.

VI) Novo contato com as escolas que aceitaram participar da pesquisa. Em contato com a direção, por telefone, foi solicitado um encontro para a apresentação da pesquisadora e primeiro contato com a professora diagnosticada com a síndrome.

VII) A partir de contato, exclusivamente com a direção, para a explicitação da situação das professoras elegidas para a entrevista, foi possível iniciar o contato e agendar a próxima etapa.

VIII) Apresentação do projeto de pesquisa e efetivação do convite à professora.

Essa foi a dinâmica para contatar 7 (sete) professoras que receberam e aceitaram o convite de participar da pesquisa. As 4 (quatro) seguintes foram indicadas por professoras que ao saberem da pesquisa, se dispuseram a contribuir. Necessário esclarecer que, neste momento de investigação, foi intensificada a participação em grupos diversos de professores, inclusive com solicitações para divulgação do projeto de pesquisa em grupos de professores licenciados, professores sindicalizados e redes sociais.

Após o encerramento do momento das entrevistas, em observância ao cronograma da pesquisa, foi preciso dispensar a participação de outras professoras. O bom alcance da divulgação propiciaria uma maior amostragem, porém, não houve tempo hábil para mais entrevistas.

### **Coleta de dados em campo**

Os sujeitos foram selecionados por acessibilidade entre uma amostragem não probabilística, dentre os professores da educação básica da rede, com o laudo médico emitido atestando o afastamento decorrente da Síndrome de *Burnout*, além das indicações mencionadas. Foi científico que, ao aceitarem o convite para participar da pesquisa, contribuiriam prestando algumas informações em um encontro presencial, no qual responderiam a um roteiro de perguntas abertas com a premissa básica da segurança e sigilo de todas as informações ali prestadas. Além da flexibilidade na sequência das perguntas, liberdade ao entrevistado e permissão para perguntas adicionais, quando conveniente à pesquisa. Essas características se associam e definem a entrevista semiestruturada.

Antes de iniciar as entrevistas, foi necessário e profícuo introduzir o tema com uma preleção e diálogo acerca do objeto de estudo, bem como os esclarecimentos sobre o

compromisso e possibilidades da pesquisa junto ao trabalho docente, almejando desta forma, o estabelecimento de vínculo e uma relação de confiança entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa. Na sequência, a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido, o qual também prevê a autorização do uso de excertos de fala, conforme estabelece o Comitê de Ética em Pesquisa do CEFET-MG e apresentação do roteiro semiestruturado utilizado, que constam no apêndice. Os locais e realização foram acordados com as professoras, ocorrendo nas dependências da escola ou na residência das professoras, quando solicitado. As entrevistas duraram entre 1 hora à 1 hora e 29 minutos, foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra pela própria pesquisadora, no total de 11 (onze) professoras.

### **Análise de dados e síntese da investigação**

Os nomes das entrevistadas foram substituídos por códigos alfanuméricos, a fim de manter o anonimato e preservar as identidades, conforme preconiza a ética em pesquisa. A teoria da divisão sexual do trabalho que embasa a análise dos dados está imbuída das contribuições da Sociologia do Trabalho Francesa, bem como estudos elaborados pelas autoras Helena Hirata e Danièle Kergoat que, por assumirem a noção de relação social, introduzem a contradição e o antagonismo entre grupos sociais no centro de análise (Quirino, 2011).

A dissertação está estruturada em três capítulos além da introdução, na qual se aborda os objetivos, a metodologia e procedimentos, apresentando-se a pesquisa e principais autores eleitos para subsidiar as discussões. A seguir apresentam-se as discussões desenvolvidas com fulcro na teoria da divisão sexual do trabalho.

O capítulo um engloba a seleção de algumas aproximações teórico/conceituais, que trouxeram à pesquisa a cobertura de uma gama de fenômenos mais ampla do que poderia se pesquisar diretamente. Oferecendo um ajuste da lente para o leitor focando sobre os temas: trabalho e a sua centralidade na vida do indivíduo, a caracterização do trabalho docente, a divisão sexual do trabalho e o adoecimento causado pela síndrome de *Burnout*.

Adiante, já no segundo capítulo, propõem-se as aproximações de estudo do objeto em seu contexto empírico, tratando dos dados em materiais que não receberam ainda um

tratamento analítico de acordo com os objetivos da pesquisa e a apresentação do perfil das professoras entrevistadas.

No terceiro capítulo, os sujeitos da pesquisa terão o espaço de expressão, em que os trechos considerados relevantes para o estudo são analisados a partir da divisão sexual do trabalho.

As considerações finais trazem as observações e contribuições acerca do estudo desenvolvido.

## **CAPÍTULO 1 – APROXIMAÇÕES TEÓRICO CONCEITUAIS**

Para abarcar o tema geral e o objeto desta pesquisa foram feitos levantamentos em teses, dissertações e artigos e, por ora, apresentadas aproximações teóricas conceituais que subsidiarão a análise dos dados empíricos. Essa seção apresenta as contribuições sobre a temática em estudo, incluindo tópicos associados ao trabalho, com o objetivo de contextualizar a profissão docente e a representatividade do trabalho na vida do indivíduo, encaminhando para as especificidades deste ofício e abrangendo a psicodinâmica do trabalho com observância das características da atividade docente e a Síndrome de *Burnout*.

O ambiente de qualquer organização está sujeito a problemas que podem estar atrelados a perturbações decorrentes da própria sistematização do trabalho que, por sua vez, usualmente conduzem os trabalhadores a adotarem mecanismos para se protegerem do risco iminente do adoecimento ocupacional. Por essa razão, é realizada também uma abordagem sobre psicodinâmica do trabalho para compreender as razões contextuais e defensivas pelas quais os indivíduos se tornam mais predispostos a exaurir-se no trabalho e a criarem mecanismos para evitar que isso aconteça.

Propôs-se nesta pesquisa discutir sobre a condição da mulher professora nas múltiplas jornadas de atividades desenvolvidas, explanando sobre a divisão sexual do trabalho para explicar a relação de poder, que coloca a mulher numa situação de desvantagem em relação ao homem, e a sua predisposição ao adoecimento agravada pela baixa valorização laboral.

### **1.1 - O trabalho e a sua centralidade na vida do indivíduo**

Segundo Sticca e Albuquerque (2019) o trabalho é de suma importância para o ser humano, ocupando grande parte da vida do sujeito, e sua realização pode ser considerada uma questão social, ao oferecer não apenas benefícios materiais, mas, auxílio na construção de sua identidade e de seus laços afetivos.

Envolvem significados que vão do individual ao social, referindo-se à subsistência, ao sentido existencial, quanto à estruturação da personalidade e identidade do indivíduo.

Algumas pesquisas debruçam o olhar sobre os mecanismos psicológicos envolvidos na identificação ou produção de sentidos no trabalho, em que aspectos afetivos e singulares estão em evidência (Bendassolli; Godin, 2014). Apesar da amplitude em torno de seu significado, há também uma confluência de opiniões pela perspectiva da função econômica, principalmente nas sociedades ocidentais de economia capitalista, na qual o trabalho é sinônimo de emprego.

Pesquisas têm analisado as funções psicossociais do trabalho quanto ao senso de pertencimento, de organização do tempo, identidade social, de sobrevivência, entre outros, acrescentando a função psicológica em que o trabalho se torna central na constituição da pessoa, ao mediar investimentos e relacionamentos, mantidos consigo e com o mundo (Clot, 2006). Desta forma, torna-se relevante a discussão sobre os impactos das transformações do trabalho para o indivíduo e o reflexo sobre a sua saúde.

Considere-se ainda as mudanças ocorridas no mundo do trabalho como desencadeadoras de outras alterações, como afirmam Borges e Yamamoto (2014) sobre as constantes e substanciais alterações desde os anos de 1970. Essas mudanças ecoam no cenário contemporâneo pela conjuntura de crescimento mais lento da economia, surgimento do desemprego estrutural e dissociação entre crescimento econômico e de oferta de emprego, percepção generalizada de instabilidade no mesmo, além de persistentes formas de discriminação, por exemplo, de gênero e qualificação.

As novas tecnologias têm alterado as características dos postos de trabalho assim como as suas condições e experiências. O que, ainda mais, retira o controle do trabalhador sobre os aspectos de suas atividades e autonomia para gerir as suas prioridades, ou mesmo, optar por um modo de realizar as tarefas e implementar suas decisões. Esse conjunto de fatores torna o trabalhador mais suscetível à exaustão, ao ceticismo e à ineficiência provocados pelo desgaste físico e emocional, pela repetição de atividades, o caráter pouco inovador, a pressão dos prazos, a carga física e mental muitas vezes sofrida, a ausência de autonomia e o trabalho extra, que são os principais responsáveis pelas enfermidades e pelo envelhecimento precoce que se tem observado em trabalhadores (Sticca; Albuquerque, 2019). A Síndrome de *Burnout* é produto desta rápida transformação nas relações sociais (Maslach, 1976), de uma sociedade industrial para uma economia de serviços acompanhada por pressões psicológicas, considerando-se a natureza do trabalho e contexto cultural em que este ocorre.

Contudo, o trabalho traz consigo a satisfação física, sustento e garantia de locomoção, devendo ser visto como uma ação que difere os seres humanos dos animais, dado que os humanos podem agir de modo consciente, colocando a natureza a favor de suas utilidades, enquanto os animais apenas retiram da natureza o que precisam de forma instintiva.

Dejours (1994) afirma que o trabalho não deve ser visto apenas como uma mercadoria tão pouco como uma relação de emprego – conceito capitalista, visto que é pelo trabalho que o sujeito imprime um sentido à sua existência, bem como para seus pares e à sociedade em geral. Sendo assim, o sentido do trabalho pode se apresentar sob dois aspectos, o conteúdo para o sujeito, acompanhado das dificuldades das atividades; e o conteúdo do objeto, que sustenta a ligação com as mensagens de natureza simbólica, proveniente da atividade.

Ainda para Dejours (2015) o trabalho se mantém como um mediador imprescindível da realização pessoal no campo social. A centralidade do trabalho para o ser humano é inquestionável, uma vez que ocasiona para o indivíduo, a conquista de uma fonte para manter a saúde psíquica e a garantia da consolidação de sua identidade, quando esta é posta em desequilíbrio. Contudo, não se prescinde da compreensão de como os elementos da organização do trabalho podem se constituir em empecilhos para o trabalhador, tanto para expressar a sua subjetividade quanto construir identidade por meio das relações sociais e profissionais estabelecidas no ambiente ocupacional.

Daí surge a psicodinâmica do trabalho, representada nas pesquisas de Christophe Dejours como veremos a seguir.

### **1.1.1 - Psicodinâmica do trabalho**

Segundo Dejours (2015), a psicodinâmica do trabalho teve sua gênese nos estudos proveniente da psicopatologia do trabalho, realizadas nos anos entre 1950 e 1960, pautados em pesquisas acerca de doenças mentais e síndromes provenientes do trabalho.

A psicodinâmica do trabalho pode ser entendida como um estudo científico que analisa a relação do indivíduo com a organização do trabalho que leva ao sofrimento mental, provocando reações psicológicas específicas e acarretando sofrimento proveniente da contraposição entre os objetivos pessoais do trabalhador, usualmente preteridos, e os da

organização. Engloba mais que teoria e a pesquisa, ao ressaltar a maneira de promover a ação na organização do trabalho. Essa abordagem visa investigar relações entre a organização do trabalho e os processos subjetivos do indivíduo, que ocorrem nessa dualidade entre prazer e sofrimento, utilizando-se de técnicas que evidenciam incongruências no ambiente de trabalho, patologias na sociedade e aspectos que se relacionam com a saúde e adoecimento no ambiente laboral.

Silva e Lavanchich (2015) salientam que a organização do trabalho é o produto de uma negociação que envolve tanto o conteúdo das tarefas quanto às relações humanas de trabalho. Nesta perspectiva, não se manifesta essencialmente técnica, cognitiva ou fisicamente, sendo acima de tudo uma relação intersubjetiva e social, realizada por meio de componentes interativos localizados no ambiente de trabalho, interligando-se com aspectos de sua esfera social. São considerados como componentes desta esfera, segundo Mendes e Ferreira (2008), as relações hierárquicas com os subordinados, chefias imediatas e superiores, interações coletivas intra/intergrupos, membros da equipe de trabalho, membros de outros grupos de trabalho e interações externas.

As relações estabelecidas no trabalho e com colegas geralmente são a principal referência para um indivíduo. Assim, a identidade social é pautada nas relações profissionais. Dejours (1998) percebe que as relações que acontecem na organização do trabalho muitas vezes são desagradáveis, ou mesmo, péssimas. No entanto, é por intermédio do trabalho, não obstante essas situações, que a pessoa aprofunda suas relações sociais e pode perceber questões provenientes de trajetória emocional.

A psicodinâmica é uma abordagem que engloba questões ligadas ao trabalho e suas implicações na vida do indivíduo, juntamente com a produtividade e a qualidade da tarefa realizada, considerando a organização do trabalho como um ambiente que desencadeia as experiências de prazer ou sofrimento. Seus princípios estão pautados nas chances do indivíduo se desenvolver por meio das relações de trabalho, entendendo que as pessoas não estão isoladas, mas interagem em uma relação intersubjetiva de trabalho, a qual é uma constituinte inseparável no ambiente organizacional.

O bem-estar está relacionado à ideia de um ambiente organizacional gratificante, onde o trabalho leva o indivíduo a uma relação positiva com o produto realizado. Já a ideia de sofrimento está relacionada à subjugação pelo trabalho e, quando isso ocorre, se imprime

raiva ao produto. Percebe-se, assim, que o trabalho está conformado pelo afeto. Essa ideia de afeto implica “amor” ou “ódio” ao trabalho, gerando outros binômios como “alegria” ou “tristeza”, “entusiasmo” ou “desânimo”, “consideração” ou “desprezo”.

Como na grande maioria das vezes, o trabalho acaba se associando mais à ideia de sofrimento, as pessoas acabam rompendo o conceito afeto/trabalho, tornando o primeiro restrito ao lar e à família como relega essa possibilidade para o segundo; e, deste modo, tornando-o pesaroso (Codo *et al*, 1993).

Para Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), o trabalhador é constantemente afligido no ambiente de trabalho por restrições provenientes da organização sobre si que geram sofrimento. Em contrapartida, os autores afirmam que o local de trabalho também pode gerar prazer, quando possibilita que o sujeito atue com criatividade e melhor desempenho. Por conseguinte, a vivência psicossocial edifica o sentido do trabalho e gera equilíbrio mental, estudada nesta via pela psicodinâmica do trabalho ao analisar a forma de subjetivação do indivíduo e sua mobilização para a manutenção da saúde mental e ocupacional.

A organização do trabalho, em seu contexto, segundo Dejours (2015) abrange a divisão do trabalho, os processos, a hierarquia e as relações de poder, a maneira de comandar e a divisão das responsabilidades, bem como os modelos de gestão aplicados para o desenvolvimento do trabalho.

O ato de trabalhar não pode ser visto somente como uma relação do indivíduo com suas atividades. O labor pode acarretar várias reações que estão vinculadas ao ambiente físico e a regularidade da vivência do trabalho nas relações, provocando a *démarche* para defesa psíquica e manutenção da sua saúde mental, bem como da produtividade, por sua vez adstrita a uma boa relação interpessoal (Dejours; Abdouchelli; Jayet, 2014).

Destarte, a saúde é um tema sempre mais difícil de abordar se em comparação com a doença, que já é mais propagada e discutida (Dejours, 2015). Abordar a doença advinda do trabalho torna-se mais delicado, pois, trataremos do homem na defrontação da sua tarefa, expondo-se ao comprometimento da sua saúde mental em um ambiente hostil. Para a compreensão da síndrome como um fenômeno psicossocial, que emerge como resposta desta exposição crônica a estressores presentes em situações de trabalho (Maslach; Schaufeli; Leiter, 2001), empreende-se a particularização sobre o trabalho docente, onde atuam os sujeitos desta pesquisa.

## 1.2 - Caracterização do trabalho docente

A docência é considerada um trabalho não-material, ou seja, que não se objetiva em um produto, mas, realiza tarefas em um ambiente eivado de condições que podem ser consideradas como gatilhos para o sofrimento e não realização quando não adequadamente resistido pelo indivíduo (Kuenzer, 2004).

É considerado um trabalho sem substância física e que tem a sua fonte predominante intelectual, que podem estar relacionados à prestação de serviços, à administração, ao controle de processos, ou, quaisquer atividades que têm como fundamento o conhecimento e a informação.

E é nesta trama que se insere o professor, com uma incumbência que sofreu várias mutações ao longo da história em consequência das transformações no mundo laboral. Tendo em vista essa consideração, este tópico contempla aspectos relevantes da formação docente, desde a sua concepção, seguindo-se por uma pormenorização dos desafios de um trabalho imaterial, deslindando como e com quais objetivos surge a profissão do professor.

O trabalho docente, quando analisado numa perspectiva histórica, revela o quanto essa ocupação foi, ao longo do tempo, marcada por diferentes formas e representações. Recorre-se à Louro (1997) para elucidar que as representações de professoras e professores dizem algo sobre esses sujeitos, delineiam seus modos e traços, definem seus contornos, caracterizam suas práticas; como qualquer grupo social, foram e são objetos de representação. Ou ainda, como complementa Kibby (*apud* Louro, 1997) ao dizer que as representações são apresentações, formas culturais de se mostrar ou nomear um grupo ou sujeito, distinguindo e transformando de forma histórica e social.

Portanto, as representações atuam no processo de constituição de homens e mulheres, pois são capazes de produzir sentidos e criar efeitos em suas identidades, assim como ilustra Andrade (1987):

(...) antigamente as professoras usavam óculos e não eram bonitas. Por isso mesmo o ensino se fazia com dificuldades horríveis e ninguém aprendia a ler e escrever ou aprendia sem gosto, para se utilizar desses conhecimentos, lendo ou escrevendo artigos contra a feiura das professoras. Feiura respeitável, que se apoiava na

palmatória, na varinha de marmelo inquieta sobre a mesa, e no capacete de papel que apesar de tudo, era o lado mais ameno da escola e dava a gente uma ilusão tímida de carnaval. Todo mundo se julgava profundamente infeliz e as professoras também. Hoje elas são bonitas e não usam óculos. O ensino melhorou (...) (Andrade, 1987,p.16)

A contraposição de imagens e de temporalidade revela os modelos que sustinham as mulheres professoras em contextos históricos específicos. No qual para assegurar a manutenção da ordem, a mulher professora precisava adensar o ordenamento e controle do corpo social segundo padrões culturais racionais, para atingir a produtividade almejada, colaborando para o desenvolvimento do país como delineado a partir de 1930<sup>1</sup>. Ainda podemos pensar na dimensão representacional da construção que rege a relação do indivíduo com o mundo e interpessoalmente, orientando e organizando condutas e comunicações sociais.

Corroborar à essa ideia a precisão teórica de Jodelet (1989) quando diz sobre a construção de uma realidade comum em um conjunto social, como fruto de uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado.

Como quase nada escapa ao aspecto instituidor das representações, a construção das identidades das professoras processa-se ainda pelo assujeitamento ao modelo de mestra, aos mecanismos regulatórios que prescrevem modelos e verdades de uma sociedade em um determinado tempo (Muniz, 2003). Bonitas ou não, com ou sem óculos, essas imagens, valores e significações sociais constituem o que se referenciava como o ser e o fazer das professoras.

As relações de poder estão sempre presentes nos processos de criação das representações que, segundo Louro (2003), sempre indicam quem usa o poder para representar o outro e quem apenas é representado por aquele que exerce o poder. Ainda em face às múltiplas representações a que o trabalho docente sofreu ao longo do tempo, faz-se necessário entender as múltiplas identidades que professores e professoras assumiram em diferentes momentos.

---

<sup>1</sup> Estado Novo, ou Terceira República Brasileira, foi o regime político brasileiro instaurado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que vigorou até 31 de janeiro de 1946. Era caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo (Ciotola, 2010).

Inserir-se no mundo do trabalho, ser reconhecida pelo desempenho, naturalmente, implicava interiorizar papéis, valores e normas existentes amoldando condutas segundo os padrões instituídos pelos modelos de cada época. Estes se encontram presididos ainda por imagens de professora como abnegada, vigilante, disciplinada, assexuada e distinta, formada por rígida disciplina e imbuída por preceitos religiosos e proposições morais (Muniz, 2003).

Quando comparada esta representação com professoras da contemporaneidade, que são bonitas e usam óculos às que eram desprovidas de atributos físicos, revela-se corpos forjados segundo atributos e enunciados que informam sobre modelos normativos precedentes do perfil de mestra, que era a representação consentida para imprimir respeitabilidade à sua aparência, valendo-se ainda de instrumentos de apoio a uma rígida disciplina, como a palmatória e varinha de marmelo. Trata-se de uma representação que denota a dimensão histórica, como contribui Rago:

(...) se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho (...) (Rago, 1985, p.55)

Edifica-se deste modo uma visão assexuada da mulher professora, em que o silêncio sobre a sua sexualidade diz sobre o controle e exercício de poder a que são submetidas. Bonitas ou feias, essa caracterização ecoa os discursos, instituições, decisões regulamentares, leis, proposições, o dito e não dito no sentido da conformação de “corpos de mulheres” em “corpos de professoras”. Um processo de domesticação em que imagens, valores e papéis constitutivos do modelo normativo de mulher, são ressemantizados no de mestra (Muniz, 2003).

Com essa breve imersão, compreende-se porque a inserção das professoras no mundo do trabalho, via atividade docente, foi cerceada por regras e interdições de forma a enquadrá-las ao padrão de conduta prescrito.

Afinal, o construto modelar que se pretendia amoldá-las, ancorava em uma imagem de mulher como ser frágil, passiva e emotiva. Acrescenta Louro (1997) que a mulher professora precisava controlar os seus sentimentos e exercer a autoridade em sala de aula, ser

disciplinadora e controlar a si mesma, seus gestos deveriam ser contidos e precisaria ter o controle de classe, considerado um indicativo de eficiência e sucesso até nos dias atuais.

Ainda segundo Louro (1997) a chegada da mulher professora neste espaço foi conduzida por muitas representações, aludidas em discursos que propagavam o ideal de construção da ordem e do progresso, da modernização da sociedade, da higienização da família e da formação dos jovens cidadãos. Estes discursos aderiam ainda ao da psicologia, que apregoava a importância do amor materno e privacidade familiar como requisitos indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças. As mulheres defrontaram-se com um campo onde qualquer atividade profissional deveria se ajustar ao seu desígnio primordial, vincular-se ao casamento e a maternidade. Sendo assim, no decorrer do processo de feminização do magistério, alguns atributos são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade e o cuidado, para que possa ser reconhecido como uma profissão admissível ou conveniente às mulheres.

Em consonância com Dauphin (1993) a dupla marca do modelo religioso, que se destaca como: dedicação-disponibilidade, humildade-submissão, abnegação-sacrifício, foi apregoadado como requisito básico para o exercício da profissão. Não se descarta aqui a necessária dose de afetividade, requerida para um trabalho impossível de ser *taylorizado* (diz-se do trabalho subdividido em operações elementares, pelo sistema de Taylor na administração clássica), mas que nesta idealização os vínculos afetivos assumem perspectiva mais relevantes e são adornados como requisito missionário para o trabalho docente.

A representação do magistério é assim configurada. As professoras são como mães espirituais de cada aluno e esse deve ser percebido como seu próprio filho ou filha, reverberando marcas religiosas por meio do exercício desta profissão, cultuando o caráter de doação e de entrega associado à atividade docente (Louro, 1993).

Eram consideradas as primeiras e naturais educadoras, portanto, nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar das crianças, uma vez que o destino primordial da mulher era a maternidade. A função docente, apesar de exercida fora do espaço doméstico, representa uma extensão do mesmo para os espaços da sala de aula, especificamente quando nos referimos ao grupo de profissionais estudadas neste trabalho: as professoras da Educação Básica.

Bastaria inculcar nas mentes das mulheres que o magistério representava a “extensão da maternidade”, e o argumento era perfeito. A mulher professora não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação, sendo que a ele acorreriam aquelas que tivessem vocação. Esse ideário embalou o sonho de muitas mulheres que receberiam pouco, não seriam vistas como profissionais do ensino e cujo salário deveria ser apenas um complemento para a renda principal do marido ou do pai. Desta forma, reduziu-se, notadamente, o número de homens que exerciam a função de pedagogos ou preceptores de crianças e jovens (tendo em vista as condições a que deveriam submeter), prenunciando a divisão sexual do trabalho e suas idiossincrasias.

É necessário apresentar a trajetória da ocupação dessa profissão, por meio de análise histórico/crítica, que remonta desde o século XIX no período colonial, passando pelo início da república velha e a atual. O interesse pelo século XIX associa-se ao fato de constituir-se o momento em que se assegura, pela primeira vez, a oferta de instrução primária, gratuita para todos os cidadãos. Período também em que, conforme preconiza Muniz (2003), se presencia a eliminação de algumas restrições formais quanto ao acesso de meninas aos bancos escolares, a institucionalização das classes mistas, contribuindo para o rompimento do isolamento espacial entre alunos e alunas na sala.

Em sua pesquisa, Chamon (2005) nos traz que o governo poderia estabelecer escolas para meninas conquanto ainda não existisse um compromisso, ou seja, não era um dever assegurado. A prioridade era que a escola fosse frequentada por cidadãos livres do sexo masculino. O governo nomeava para cada comarca um delegado literário com a função de fiscalizar a execução das normas estabelecidas, considerando a doutrinação da mocidade nas ideias religiosas, morais e nos ideais do Império.

Ainda de acordo com Chamon (2005), com base nesses princípios não houve nenhuma consideração feita a qualquer preocupação com a qualidade do processo de alfabetização ou aprendizagem dos alunos. Ali, o ensino era concebido com um caráter predominantemente excludente, evidenciando a marca da sociedade patriarcal, tanto nas determinações legais quanto nas práticas sociais, políticas, econômicas e educacionais subordinando também a mulher profissional na hierarquia social. Tais determinações marcaram a estrutura da formação cultural do Brasil, na qual se destaca, na perspectiva desta pesquisa, a diferenciação

entre os sexos masculino e feminino. Denotou-se, desde ali, o caráter deturpado com que se iniciou a formação social, influenciando todo o seu desenvolvimento.

Para corroborar com a ideia sexista, neste caso fortemente influenciada na educação, Chamon (2005) nos traz que, como alunas, as mulheres teriam a oportunidade de frequentar, ou não, as escolas, pois dependiam da concessão do governo que poderia deliberar como desnecessário a criação de uma escola naquele determinado local. Se conseguissem frequentar as escolas, suas mestras deveriam ter uma série de atributos morais, além do ensinamento que deveriam ministrar, serem um exemplo de virtude e de comportamentos considerados imprescindíveis para a ordem escolar e social que se pretendia produzir.

O maior interesse dos legisladores da época centrava-se no ensino das prendas domésticas e boa moral, não havia a necessidade do ensino das noções de geometria prática para as meninas, pois, de acordo com o pensamento vigente, as meninas não tinham desenvolvido um raciocínio tão aprimorado quanto os meninos. Essa forma de pensar, ainda garantiria a diferenciação salarial entre professores e professoras, onde meninos e meninas deveriam ser mantidos em espaços separados com os seus respectivos docentes do mesmo sexo. Instigou-se o processo de criação e estabelecimento da instrução pública de forma isolacionista, em que era suficiente um/a professor/a, um grupo de crianças e o empenho do governo, que também se via vinculado aos interesses políticos e culturais da época (Chamon, 2005).

Muitas vezes faltavam professores, as casas em que se pretendia inaugurar o estabelecimento eram alugadas, distantes, com intervalos entre as aulas que desestimulavam e até inviabilizavam a frequência dos alunos. Esse aparente descaso com a instrução, fez com que surgissem algumas iniciativas privadas de ensino (acentuando ainda mais o caráter classista e acadêmico do ensino) e suscitou a procura por pessoas que ensinassem livremente como profissionais particulares. Tanto nas escolas de instrução pública como particular, autônomo e remunerado pelas famílias mais abastadas, os professores aprendiam a ensinar-ensinando, com a sua formação ocorrendo em serviço.

Chamon (2005) aprofunda nos primórdios da organização do sistema de instrução público, trazendo que raramente se inseria uma mulher, mesmo para trabalhar no ensino das primeiras letras. A participação da mulher no espaço público deu-se de forma gradativa e marcadamente influenciada pelos discursos ditados a cada período, desinente aos homens que antes ocupavam-se da docência viram-se motivados a buscar novas oportunidades e

carreiras mais promissoras. Nessa ausência deixada por eles, na busca por novas oportunidades não associadas ao universo doméstico e que oferecessem melhores remunerações, as mulheres partiram para o ofício da docência.

Ressalta-se que a crescente desvalorização do trabalho docente fez com que muitos homens partissem para atividades mais rentáveis e promissoras, como aponta Chamon (2005). Os baixos salários oferecidos reforçavam a associação do magistério ao fracasso profissional, o que acentuava o desprestígio do homem neste local e, para uma sociedade patriarcal isso não era bem visto.

Assim, precisaria ocupar esse lugar com pessoas que pudessem dar continuidade ao ideal de sociedade que se pretendia instaurar. As poucas mulheres vinculadas ao sistema de instrução pública recebiam um salário menor ainda que o destinado aos homens. A justificativa pautava-se nas relações de gênero que perpassavam o currículo escolar, diferenciando o ensino oferecido a meninos e meninas.

Segundo Chamon (2005), esse argumento merece destaque por ressaltar a força exercida pelas normas culturais ideologizadas que perpassavam as relações de gênero. Como aos homens, se distribuía incentivos para se dedicarem às profissões melhor reconhecidas e remuneradas, já recebendo em sua formação determinados conteúdos que corroboravam para essa empreitada, às mulheres era incentivado que se aprimorasse nas prendas do lar, marido e filhos.

Essa ideia se faz necessária para compreender que, segundo Almeida (1998), a inserção da mulher nos espaços públicos educacionais se deu também porque a identificavam com a figura que poderia aprimorar a implantação das vias legais de ensino, ou fazê-lo efetivamente acontecer.

O apelo para a sua inserção surge como perspectiva de atuação em espaços até então frequentado pelos homens, sendo que, para ocupá-los ninguém melhor do que as mulheres, historicamente retratadas como constrictas ao lar, como verdadeiras representantes da moral e bons costumes e, ainda, se submetiam a receber baixas remunerações, pois apenas estenderiam as suas tarefas, realizadas no espaço privado ao espaço público. Essa era a imagem, aliada ao interdiscurso da ideologia propagada para tornar a mulher indispensável neste espaço.

A educação formal passou a ser vista como um importante fator de preparação das mães e esposas para o efetivo cumprimento da nobre missão de educar seres humanos, iluminar mentes, moldar as vontades sempre se pautando no amor e na virtude. Discursos a favor desse movimento foram propagados, e assim perdurou a idealização da mulher como dócil, virtuosa e abnegada. Deveriam ser elas, segundo Chamon (2005), as “profissionais amadoras”, as responsáveis pelo trabalho de preparar mentes e comportamentos para atender aos interesses da nação. Preteridas de exercer outros trabalhos remunerados na esfera pública, em favor do exercício da docência, atuando como missionárias em tarefas extensivas ao seu espaço doméstico.

Esclarece-nos Chamon (2005) que o trabalho amador é aquele não inscrito nos parâmetros valorizados pelas relações de poder. É um trabalho reduzido ao silêncio, ocultado do espaço público por ser desqualificado, destituído de valor e fadado a ser esquecido, tendo uma condição marginal, como se fosse um não-trabalho.

Quando chamada a assumir o trabalho externo aos muros de sua casa, a mulher passa a vivenciar o conflito do gerenciamento entre o público e o privado, de um trabalho considerado amador, de um trabalho não reconhecido como tal, mas, como uma doação. Porém, enfatiza-se, ambos com demandas extenuantes, sem a interrupção que permitiria alternar entre o privado e o público.

Um trabalho doméstico, sufocado pelo trabalho em uma abordagem mercantil, com o agravante de ainda não ser valorizado, afinal, a sua missão na esfera pública representaria a extensão de suas habilidades naturais de cuidado, disciplina, amor, paciência, afeto, zelo e ordem. Aliou-se este à ideia de desprendimento, vocação e caráter missionário da mulher, provocando um esvaziamento do sentido profissional da ocupação exercida.

E assim, as mulheres ocupam e desempenham as atividades de sala de aula caracterizando esse espaço pelo seu traço marcante e suas características construídas historicamente, constituindo o que Yannoullas (2013) caracterizou de feminilização. Este termo, refere-se ao quantitativo, ao aumento das mulheres na composição da mão de obra de uma profissão. Quando nos referimos à feminização, diz das transformações num determinado tipo de ocupação, vinculada às práticas sociais e simbólicas predominantes na época ou cultura especificamente analisadas e que provocam transformações.

Ambos os significados são diferentes, porém complementares. E com o passar dos anos, vê-se hoje, um expressivo número de mulheres professoras, buscando condições melhores na educação infantil, no ensino fundamental e médio, e assim, já se pode inferir que o magistério é uma profissão feminizada e feminilizada.

Esse processo de feminização e feminilização interferiu, daí por diante, nas relações de trabalho das mulheres e dificultou a construção de uma carreira profissional docente valorizada mercadologicamente. Todo esse processo, embora não as defina, influencia; embora não se sujeite a um determinismo histórico, há que ser mobilizado e aproveitado em suas múltiplas possibilidades, em suas condições concretas e objetivas herdadas pelos sujeitos.

A entrada da mulher no magistério não deixou de estampar as separações e discriminações efetuadas com base nas relações de gênero. Esta discriminação vivida pelas mulheres, conforme Quirino (2015) evidencia, não é um problema exclusivo das mulheres ou advindo de uma incapacidade natural, mas culmina das relações sociais entre os sexos, permeada pela sujeição à subserviência por meio de do exercício do poder em uma sociedade patriarcal, elaboradas ao longo da história.

Essa contextualização da feminização da docência foi se constituindo paulatinamente, a partir dos discursos de cada época e influenciada pelas ideologias vigentes, conforme já explicitado. Atualmente no Brasil, a divisão sexual do trabalho docente e a feminização do magistério são comprovadas pelo número alto de mulheres atuantes nessa área, sobretudo na educação básica, ultrapassando, em grande monta, o número de homens.

### **1.3 - Divisão Sexual e adoecimento no trabalho**

A feminização da categoria docente caracteriza-se pela presença predominante de mulheres no ofício e os atributos associados ao gênero que contribuem para a sua permanência. Uma profissão que se tornou assim em decorrência das alterações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas a partir da virada do século XX (Viana, 2006). Constitui-se também como parte integrante do processo de expansão do ensino e dos significados de gênero construídos e modificados historicamente, sendo delineada aos moldes dos ideais de feminilidade (Scott, 1994).

Pode-se dizer que a profissão ainda suporta os elementos que tradicionalmente lhe foram impostos, associados às desigualdades às quais as condições femininas estão submetidas, como a desvalorização nas atividades desempenhadas, sobretudo econômicas, os salários diferenciados, a concepção de uma atividade temporária e compatível com outras, como a maternidade, por isso vista de uma forma diferente se comparada aos homens.

Logo, discorrer sobre essa profissão, nos remete, invariavelmente à discussão do gênero, uma vez que, por considerar as características socialmente construídas, definem-se e fortalecem certos perfis para determinadas ocupações, como nesta pesquisa, a mulher professora no desempenho das atividades de sala de aula.

Ao conceito de gênero cabe a tarefa de problematizar os significados do que é ser mulher e homem nos distintos contextos históricos. Nasceu com o movimento feminista, em uma denúncia contra o poder e dominação masculinos.

Para Scott (1994), historiadora e feminista, é definido como o discurso da diferença ou a organização social dos sexos e reforça que não se refere apenas às ideias, mas também ao que é instituído, às estruturas, às práticas cotidianas e a tudo o que constitui as relações sociais. Diz das subjetividades, ao afirmar que não há, *a priori*, uma essência da mulher e do homem, tampouco uma subjetividade feminina ligada ao corpo, à natureza, à reprodução, à maternidade; ou ligada à cultura, à produção, à virilidade, para os homens. Há subjetividades, geradas em determinados contextos históricos, culturais e políticos que ganham força de propagação para atender a interesses.

Dialogando com essas ideias, Saffioti (1987) diz que a identidade da mulher, assim como a do homem, é construída socialmente, e isso se dá com a atribuição de papéis distintos para as categorias de sexo. E sobre os espaços, a autora afirma que há uma naturalização do espaço doméstico ao ser atribuído às mulheres, como se isso decorresse da capacidade de ser mãe. Infere-se, portanto, que de um aspecto da capacidade biológica da mulher (parir), cria-se um papel social para ela.

Nesse sentido, visando desconstruir essa visão “biologizante”, e demonstrando que até o próprio parto assume feições sociais diferentes no espaço e no tempo, Saffioti (1987) ilustra essa questão, no âmbito da antropologia, com o costume indígena denominado *couvade*, em que após o parto, as mulheres banham-se nas águas de um rio e retornam imediatamente seu trabalho. Nestas tribos, quem faz repouso e observa uma dieta alimentar especial é o pai,

sendo que a mãe não interrompe suas atividades extra lar, inclusive a função da caça. Assim, “quando se afirma que é natural a mulher ocupar o espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, está-se, rigorosamente, naturalizando um resultado da história” (Safiotti, 1987, p. 10). Ainda de forma velada, há um certo determinismo biológico, pelo qual se deduziria que as mulheres no trabalho são inferiores por natureza e que a sua submissão na sociedade tem uma base concreta na sua conformação biológica (Quirino, 2011, p. 51).

Kèrgoat (1996) se aproxima, não trazendo conceito de gênero, mas dizendo da aproximação deste com a divisão sexual do trabalho, uma vez que pondera em que medida as práticas dos homens e das mulheres são construções sociais e não se originam de causas biológicas. Trata-se de uma categoria de análise que expressa relações sociais de poder, de dominação e de hierarquia. O conceito de divisão sexual do trabalho possibilita examinar como essa divisão cria uma força de trabalho feminina, vista como mão de obra barata para certos tipos de afazeres, e como produz relações desiguais, hierarquizadas e assimétricas de exploração e opressão. Logo, gênero e divisão sexual do trabalho tornam-se indissociáveis para a análise de relações sociais mediadas pelo trabalho.

Propõe-se a articulação entre esses dois conceitos para a compreensão de como, a partir de uma base material (o trabalho) se exprime essa diferenciação entre os sexos e as consequências daí advindas.

O termo divisão sexual do trabalho surgiu a partir do impulso do movimento feminista, no começo dos anos 70 na França, no qual inúmeros trabalhos contribuíram para assentá-lo como uma teoria e algumas reivindicações emergem das mulheres, a citar: a tomada da consciência de uma opressão específica, conforme Hirata e Kèrgoat (2007):

(...) tornou-se coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho era realizada gratuitamente pelas mulheres, que esse trabalho era invisível; que era feito não para si, mas para os outros e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal (...) é como se sua atribuição às mulheres, e somente a elas, fosse automática e isso não fosse visto nem reconhecido (Hirata; Kèrgoat, 2007,p.597).

Na França, assume duas acepções de conteúdos distintos. Trata-se de uma acepção sociográfica, na qual visa a compreensão da distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição, como acontece a divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos. E em uma segunda acepção mostrar como as desigualdades se constituem de forma sistemática, e como essa

diferenciação é utilizada para hierarquizar atividades e os sexos, culminando na criação de um sistema de gênero.

A teoria da divisão sexual do trabalho se caracteriza como uma das formas da divisão do trabalho social, modulada histórica e socialmente que possui dois princípios organizadores (Hirata; Kérigoat, 2007), presentes em todas as sociedades e culturas e em todos os momentos históricos:

I) O princípio da separação: compreendem a diferenciação de trabalhos específicos para homens e mulheres;

II) o princípio da hierarquia: os trabalhos dos homens são mais valorizados social e economicamente do que o trabalho das mulheres.

Dessa forma, todas as funções exercidas fora do lar, com maior valor de troca agregado são exercidas pelos homens e, aquelas exercidas no âmbito doméstico, cujo valor é apenas de uso, são designadas para as mulheres. Neste tipo de divisão do trabalho se tem “[...] a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado” (Hirata; Kérigoat, 2007, p.124).

A mulher no trabalho reprodutivo, herda-o como uma entidade natural, devido ao seu sexo e características, como o cuidado. Exerce-o mesmo sendo considerado um trabalho invisível e não reconhecido pela sociedade, embora sem ele, não se teriam as condições de reprodução e manutenção social.

E ainda parte para o trabalho assalariado, seja por opção ou necessidade financeira e enfrenta a discrepância no tocante a valorização e respeito.

Segundo a OIT (2019), as mulheres ganham por hora trabalhada 17% a menos que os homens e, apesar do aumento da participação feminina no mercado de trabalho, ainda estão longe da equidade.

E ainda destaca a necessidade de uma renovação dos instrumentos de políticas públicas para reconhecer que uma parte importante das limitações do progresso das mulheres reside no tempo dispendido nas realizações de atividades domésticas. A distribuição por gênero das tarefas domésticas ainda é esmagadoramente desigual. As mulheres são

responsáveis por 80% das tarefas domésticas, o que dificulta/restringe sua participação efetiva no mundo do trabalho, como observado por Quirino (2015):

O trabalho doméstico assumido pelas mulheres libera os homens e cria condições ideais para sua total disponibilidade e entrega ao trabalho assalariado e para as mulheres inseridas no mercado de trabalho, com níveis salariais mais altos, há a possibilidade de externalização do trabalho doméstico para outras mulheres. Nesse campo, igualmente, homens e mulheres estão, simultaneamente, em relações de oposição e aliança: juntos, mas sempre sobre a base desigual do sistema patriarcal, capitalista e da divisão sexual do trabalho (Quirino, 2015, p.18)

Em consequência, já se cogita o uso de alguns termos como jornada dupla de atividades e conciliação de tarefas, tornando-se comum análises sobre o trabalho da mulher e de forma indissociável da divisão sexual e das desigualdades do trabalho. A partir de tais mudanças e práticas emergentes, como a crescente inserção das mulheres no mundo do trabalho assalariado, segundo Hirata (2010) a problemática da divisão sexual deste trabalho e sua relação com o trabalho doméstico passam a apresentar novas configurações:

- I) Modelo tradicional: ao homem cabe o trabalho assalariado no ambiente externo e à mulher o trabalho doméstico no ambiente privado.
- II) Modelo de conciliação: a mulher, embora trabalhando fora de casa, concilia seu tempo acumulando e conciliando as atividades assalariadas e o cuidado com a casa e a família.
- III) Modelo de parceria: onde há entre homens e mulheres uma igualdade na divisão das responsabilidades pelo trabalho doméstico quando ambos trabalham fora.
- IV) Modelo de delegação: a mulher externaliza o trabalho doméstico a outra pessoa, geralmente outra mulher, que se encarrega dos trabalhos domésticos e cuidados com seus filhos.

Hirata (2004) afirma que as mudanças nas relações sociais de sexo presentes na divisão sexual do trabalho são notáveis e observadas em todo mundo, contudo, o avanço na divisão sexual do trabalho não significa um avanço na divisão sexual do trabalho doméstico, ficando a mulher responsável pela maior parte do trabalho de cuidado.

Segundo Chamon (2005), a idealização da mulher a partir de alguns atributos, que a generalizam e somando-se ainda a essa lista, o que historicamente vem se reproduzindo como características femininas, um ser dócil e virtuosa, levaram-na a se tornar a profissional

responsável pelo trabalho de preparar mentes e comportamentos para atender aos interesses da nação. Dessa feita, por ser a docência uma atividade que remete ao cuidado e atenção para com as crianças e adolescentes, evidencia-se uma estreita semelhança dessa profissão com o trabalho doméstico e materno exercido por elas em seus lares.

No entanto, embora passasse a ocupar a esfera social exercendo um trabalho assalariado, as atividades domésticas não deixaram de fazer parte da vida da mulher. Ocupando esse espaço na esfera social, ela não deixa de ser responsabilizada também pelas suas atribuições no espaço privado. Ela ainda continua sendo mãe, cobrada pelos serviços domésticos e responsável pela manutenção do lar. Ou seja, ela apenas ampliou a sua jornada, para uma profissão que, a princípio requisitava profissionais a partir de uma combinação de elementos religiosos e “atributos” femininos, construindo o magistério como uma atividade que implica doação, dedicação, amor e vigilância.

As mulheres que almejavam ser professoras precisariam ser compreendidas como “mães espirituais”. O trabalho fora do lar, teria que ser o mais próximo das atividades femininas desempenhadas em casa de modo a não perturbar essas atividades.

Dividindo-se entre o público e o privado, entre o trabalho docente assalariado e os cuidados com a casa e os familiares, marido e filhos, ou na ausência desses, com pais, irmãos e demais familiares, a mulher professora se viu diante do que Nogueira (2006) denomina como trabalho duplicado.

Essa divisão desigual do trabalho entre os sexos na qual, as mulheres são responsabilizadas pelas tarefas domésticas e ainda acumulam funções da esfera pública, pode ser compreendida pela teoria da divisão sexual do trabalho.

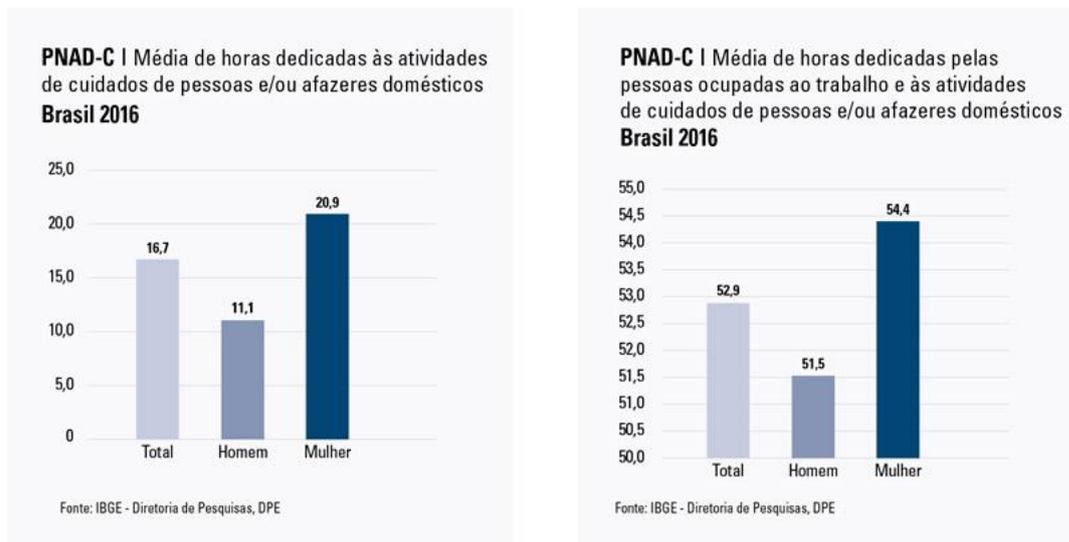
No desenrolar dessas atividades, a mulher professora vivencia uma situação de uma dupla ausência, porque está e não está em nenhum dos dois lugares ao mesmo tempo. Vive em seu próprio corpo a enorme tensão que significa a sobreposição de diferentes lugares, que se irrompem uns sobre os outros e que se enredam entre si (Méda, 2002).

A mulher tem a sensação de lutar contra o relógio para cumprir as obrigações que ambos os lugares reclamam e, que em muitos casos elas também desejam cumprir. Considera-se uma dupla ausência porque dificilmente experimentam uma sensação de plena realização nesses dois âmbitos; ao contrário, a vida é uma maratona diária, um estresse, uma jornada interminável.

Essa situação denomina-se como “*doble presencia*”, ou seja, dupla presença. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1978 pela socióloga italiana Laura Balbo. Significa grande dificuldade enfrentada pelas mulheres, pois são responsabilizadas duplamente: na família e no trabalho. Implica na dupla ausência também, pois provoca a sensação de estarem sempre em dívida com os dois ambientes (o familiar e laboral), podendo ser uma trilha condutora ao estresse e outras doenças. É consequência da atual divisão sexual do trabalho, na linha teórica desenvolvida pelas sociólogas Danièle Kergoat e Helena Hirata.

As mulheres acumulam atividades e são a maioria a executar afazeres domésticos e cuidar das crianças segundo dados do IBGE. Trabalham mais que os homens em uma carga horária média que ultrapassou 54 horas semanais e os homens trabalham, em média, 51,5 horas semanais. A diferença não parece tão significativa, mas ganha maior robustez quando acrescentado ao fato de além de suas atividades no universo público e privado ainda desenvolvem outras formas de trabalho como produção de bens para próprio consumo, cuidados de pessoas moradoras ou parentes e trabalho voluntário.

Figura 1 - Média de horas em atividades produtivas e reprodutivas



Fonte: PNAD 2016

São atividades que, apesar de não sensibilizarem a composição do Produto Interno Bruto (PIB), pois, são consideradas atividades invisíveis, representam formas de trabalho importantes que possuem valor por sua garantia da manutenção da vida reprodutiva, inclusive, são passíveis de delegação a outro profissional por um determinado valor.

Essa jornada estendida que abarca os afazeres domésticos não valorizados, não remunerados e que recaí, sobretudo, como responsabilidade da mulher, associada a demandas de um trabalho que lhe exige dedicação além dos muros da escola, seja na correção de trabalhos, prova, elaboração e planejamento de aulas, sendo desvalorizado social e economicamente, alvo de políticas públicas que pouco incentivam a permanência e/ou favorecem a classe docente, imersa em múltiplas atividades, contribuem para a criação de um quadro favorável ao adoecimento profissional.

Na divisão sexual do trabalho, às mulheres coube a responsabilidade pela esfera doméstica, que é o espaço reprodutivo, e aos homens desempenhar a função de provedor, situando-se na esfera produtiva. Saffioti (1987, p.8), discorrendo sobre a socialização dos filhos, afirma ser ela “tarefa tradicionalmente atribuída às mulheres”. Enfatizando-se essa forma de divisão do trabalho, nas palavras de Quirino:

...recai sobre a suposta condição biológica e natural o direcionamento de determinadas tarefas às mulheres em geral circunscritas ao entorno do lar e dirigidas à produção para o consumo do grupo familiar, à reprodução da espécie e ao cuidado das crianças, dos velhos e dos incapazes, como que as atividades de produção social e de direção da sociedade, desempenhadas no espaço público, são atribuições masculinas. (Quirino, 2011, p.52).

Essa ideia também está presente na análise do censo demográfico de 2010, quanto à estatística de gênero feita pelo IBGE:

...o cuidado da família e de pessoas com maior vulnerabilidade (filhos menores, idosos, doentes e pessoas com deficiência) é uma atribuição destinada quase exclusivamente para as mulheres. Apesar dos avanços da condição feminina nas últimas décadas, este quadro ainda é resultado de um modelo de sociedade patriarcal, cujo espaço privado é destinado às mulheres, cabendo aos homens o papel de provedor e, conseqüentemente, o domínio do espaço público. Com efeito, a não participação no mercado de trabalho, a responsabilidade pelos afazeres domésticos e o acesso restrito aos recursos econômicos são aspectos que contribuem para a dependência econômica feminina. (Brasil, 2014, p.120)

O cuidado da família e de pessoas com maior vulnerabilidade pode ser comprovado, em sua maior incidência, pela frequência de afastamentos das mulheres, de acordo com dados da GESER/BH abrangendo do ano 2009 ao primeiro semestre de 2019. Essa informação é confirmada a partir do CID Z763, que significa “Pessoa em boa saúde acompanhando pessoa doente”, sendo 4.163 mulheres como registram-se 42 homens.

Identificando esse cenário de múltiplas funções desempenhadas pelas mulheres acrescenta-se ainda as cobranças sociais, o cansaço, o desgaste físico da múltipla jornada, a desvalorização social e econômica da profissão, as dificuldades inerentes ao próprio ato de educar, sobretudo à mulher professora apresenta maior suscetibilidade ao adoecimento.

Outros contextos também podem expô-la à essa condição, quando atenta-se para o fato de que, professoras foram e são objeto de representações, pautados muitas vezes nas idealizações para o período, que se alinham determinadas características e se apelam para alguns recursos para a expressarem Louro (2004). Como consequência, aquelas que não tem o cuidado como premissa de seu trabalho, mas atua eficazmente no que lhe cabe, não cuidam, mas ensinam, podem não se enquadrar no que se espera como profissional desta área, assim como se não são “mães espirituais” mas profissionais do saber, podem também lhe acarretar o desprestígio em uma profissão que representou esse profissional a partir de uma outra perspectiva.

As múltiplas atividades, as inadequações a um perfil de representatividade que outrora embalou e atendeu a exigência de tempos atrás e não mais adequa ao momento atual, a desvalorização da profissão, o excesso de demandas podem desencadear um sentimento de descrença em sua capacidade de produzir a diferença com o seu trabalho, gerando insatisfação, desânimo, fadiga e estresse, além de criar um condições propensas ao surgimento da síndrome de *Burnout* que, conforme Carlloto (2012), é um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais, sociais e o ambiente de trabalho, uma dinâmica rede de fatores que, quando interligados, desencadeiam o adoecimento e reflete diretamente na sua vida pessoal e profissional.

Segundo Beneditti (2016), essa síndrome expressa-se como um esgotamento profissional psicofísico decorrente da exposição intensa ao estresse crônico no ambiente de trabalho, objeto de análise nessa pesquisa quando diagnosticado em professoras da educação básica.

O profissional sente que sua motivação, concentração, energia e saúde geral foram completamente consumidos. Em seu lugar, surgem sentimentos negativos, incapacitantes (desânimo, ansiedade, desilusão, apatia e indiferença), déficits cognitivos (falta de memória e atenção) e sintomas físicos (dores generalizadas, tremores, problemas gástricos, urinários e de voz, sudorese, insônia, palpitação e estafa).

No caso da mulher professora, questões inerentes à sua subjetividade, aliada a condicionantes históricos diretamente ligados a representação da profissão e o seu crescente envolvimento em múltiplas atividades, tendo como consequência um acentuado desgaste, podem aumentar as chances de um futuro adoecimento.

Além do que, ao imergir nas diversas tarefas, conta com a desvantagem de uma divisão desigual do trabalho social entre os sexos, que a exauri e desvaloriza.

#### **1.4 - Adoecimento no trabalho docente e a Síndrome de *Burnout***

Nas últimas décadas, pôde-se observar, na literatura científica, o aumento das discussões e foco maior na relação existente entre o adoecimento e o trabalho. Destarte, é possível verificar na literatura contemporânea, um grande contingente de estudos que apresentam desde a compreensão das condições que propiciam o surgimento das doenças relacionadas ao trabalho a pesquisas clínicas que possuem como foco os métodos de prevenção e manejo das doenças laborais (Murta; Trócoli, 2009).

No estudo aqui proposto discute-se alguns desafios ainda enfrentados pelos docentes, os quais contribuem para a construção das condições que favorecem a aproximação da síndrome.

Na visão de Beneditti e Marco (2016) a síndrome representa uma das fases do mal estar docente, englobando um quadro de desgaste, exaustão e esgotamento psicofísico e emocional decorrente da submissão contínua e intensa, na vida profissional, a estressores interpessoais (indisciplina, desrespeito, agressão verbal e física, desinteresse discente, falta de assistência ou apoio da equipe gestora) emocionais (falta de autonomia, excesso de atribuições, impotência diante das dificuldades do magistério, falta de autoridade) e físicos (poluição sonora, altas temperaturas, falta de espaço físico e de infraestrutura básica).

Além destes estressores levantados, segundo Carlotto (2002), as mudanças de contexto social demandam uma carga muito grande também, pois o professor acaba sendo o destinado a gerenciar essas mudanças no meio escolar. A profissão passa a ser vista de uma forma que não se trata apenas de uma atualização contínua para conseguir acompanhar as mudanças, mas de renúncia de saberes e conteúdo que faziam parte de sua prática por anos para novas

funções, novas formações, afim de atender as demandas da sociedade atual. A escola se torna um dos ambientes mais propícios para que ocorra o estresse, gerando o mal-estar docente.

Isso está relacionado aos grandes impactos que ocorrem, que também são decorrentes das mudanças constantes das políticas públicas, tecnológicas e da globalização.

E, ao se refletir sobre a função do professor na atualidade, observa-se a dificuldade de se desvencilhar desses desafios, resolver as questões que intervêm no seu trabalho e tornar favoráveis as circunstâncias que envolvem a execução de suas atividades, o que segundo Levy (2006) torna essa profissão o segmento profissional mais vulnerável à síndrome de *Burnout*.

Outro fator, que não contribui para a construção de um ambiente favorável à sua saúde psíquica no qual o professor lida cotidianamente, diz sobre o nível de exigência. Há muita pressão sobre o seu próprio desempenho, assim como a culpabilização pelos resultados dos alunos.

De acordo com Benevides-Pereira (2010) a sociedade cobra da figura desse profissional o resultado quando não está em suas mãos todo o controle de processos distintos como o ensinar e o aprender. As salas de aula muito cheias, ergonomicamente mal estruturadas, em espaços bem apertados, aliado alunos desinteressados e indisciplinados, cujos responsáveis cobram excelência educacional e o professor se vê na obrigação de exercer-se e superar mesmo em meio a condições adversas, conforme contribui. Além da elevada exigência por resultados, expressa tanto na aprovação dos alunos, assim como no desempenho de exames.

O excesso de cobranças, a desmotivação e desestímulo diante da profissão pode ocasionar o mal-estar docente, denominado por Esteve (1999) como efeitos negativos que advém das condições pedagógicas, psicológicas e sociais que afetam a personalidade do professor, as quais estão interligadas com as mudanças ocorridas no âmbito social e múltiplas funções que este precisa desempenhar.

Segundo Cantos (2005), a carga de trabalho dos profissionais deve ser compreendida a partir de dois aspectos, o físico e o mental, em que os dois estão intimamente ligados, pois o campo mental controla também o físico, se um não se encontra em um bom estado, o outro também será afetado, sendo necessário haver uma interrupção para transformar o trabalho de uma perspectiva de fardo, fatigante para algo prazeroso e equilibrante.

Além desses prejuízos a saúde psíquica, mencionados por Cantos (2005), é importante observar os fatores que afetam esse desempenho do trabalho e que o torna não prazeroso. Assim como em diversas profissões, os docentes também são afetados por essas múltiplas cargas físicas e mentais, principalmente devido as grandes mudanças, como já citadas acima (tecnológicas, organizacional, etc.).

Lima e Carvalho (2013) afirmam que isso ocorre também em virtude da intensificação do ritmo de trabalho. O que antes se referia apenas em ensinar disciplinas, assume outras funções como assessoramento psicológico, hábitos de saúde e higiene, além da falta de autonomia, pouca infraestrutura do ambiente escolar, relações conturbadas com familiares e alunos, a baixa remuneração, desqualificação social, psicológica e biológica dos docentes.

E ainda, considerando-se a natureza do trabalho do professor, há a exigência subliminar de que ele esteja sempre disponível para atuar como orientador, pesquisador, psicólogo, tutor para os alunos, e participar de várias outras atividades relacionadas às instituições, como reuniões, congressos, etc. (Tardif, 2002).

Isso acaba gerando um desgaste na profissão e um sentimento de desprofissionalização, causando mal-estar docente e pouca qualidade de vida, o que na profissão docente, se aproxima de maneira gradativa, com as pequenas tensões do dia a dia que vão se acumulando e dificultando o prazer de exercer as suas atividades, levando ao esgotamento físico e mental, os quais podem influenciar no desejo por lecionar, como contribui Cantos (2005).

Inseridos e envolvidos por contextos de trabalho diversos e adversos em muitos momentos, com todas as intempéries associadas a esse ofício, Benevides Pereira (2010) assevera que o professor sofre as consequências de estar exposto a um aumento da tensão no exercício de seu trabalho, inclusive pela fragmentação e o aumento das responsabilidades que lhe são exigidas, sem que, em muitas situações, ele disponha de meios e condições ideais para satisfazê-los. Neste cenário se encontra suscetível a doenças, inclusive no âmbito da saúde mental, nas quais se destacam: o estresse e doenças comórbidas (como exemplo a depressão, transtornos de ansiedade) e/ou contíguas a estas, como a Síndrome de *Burnout*, patologia abordada neste estudo.

Para Benevides-Pereira (2010) o termo *Burnout*, ou, “*Burn out*”, é um termo bastante antigo que tem sua origem inglesa e se refere aquilo que parou de funcionar por absoluta falta

de energia, ou ainda, como uma metáfora para significar aquilo ou aquele que chegou ao seu limite e, por falta de energia não tem mais condições de desempenho físico e nem mental para realizar as suas atividades. A maioria dos estudos referenciam Herbert Freudenberger como o primeiro a utilizar esta denominação em seu artigo “*Staff Burn-out*”, datado de 1974, para alertar a comunidade científica dos problemas a que os profissionais de saúde estão expostos em função de seu trabalho.

No passado, outras nomenclaturas foram utilizadas para descrever situações similares de adoecimento mental como “*overstrain*”, “*neurocirculatory astenia*”, “*surmenage*” e “fadiga industrial”. Esses termos se referem, segundo Benevides-Pereira (2010) aos aspectos negativos do trabalho que são considerados os que mais contribuem para a condição mental dos trabalhadores. Todavia, nenhum destes termos se tornou tão difundido como *Burnout*, que emergiu nos anos 70, destacando-se autores como Freudenberger, Christina Maslach e Susan Jackson que propagaram e despertaram o interesse por este estudo também nesta época.

No entanto, apurar os trabalhos produzidos, ainda se constitui como uma tarefa extenuante, devido às várias denominações adotadas para o mesmo fenômeno e ainda a dificuldade de definição do diagnóstico, muito confundido com estresse.

Alguns nomes são utilizados para definir a síndrome, como “Estresse Laboral”, para assinalar que não se trata de uma síndrome específica, mas um tipo de estresse que se dá no contexto do trabalho; a “Síndrome do Assistente Desassistido”, pela reduzida consideração que se tem despendido aos trabalhadores de serviços de assistência, no tocante às condições e suporte ao trabalho; a “Síndrome do Cuidador Descuidado” em alusão à desatenção do profissional de auxílio consigo mesmo.

Há termos ainda que tentam demonstrar por meio de do nome a especificidade do trabalho desenvolvido e denominam como “Estresse Laboral Assistencial”. Temos o “Estresse Profissional” ressaltando a dimensão profissional da atividade (Carloto, 2001). “Estresse Ocupacional” tem sido empregado para salientar que não seria propriamente o trabalho ou a profissão os responsáveis pelos transtornos percebidos, mas o tipo de atividade desempenhada.

A expressão “estar queimado” é utilizada na língua espanhola para dizer do trabalhador que perdeu a esperança pelo trabalho e que qualquer esforço destinado a fazer bem as coisas é pouco menos que inútil, de forma que a designação “Síndrome de queimar-se

pelo trabalho” adotada em alguns estudos espanhóis contempla mais o sentido da palavra do que em português, que não apresenta essa conotação.

Entre os estudos brasileiros, pode-se encontrar a denominação “Neurose Profissional ou Neurose de Excelência” salientando os transtornos psíquicos agregados ao trabalho. Encontramos também “Síndrome de Esgotamento Profissional” em referência ao *Burnout*. Há a ressalva feita por Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) que advertem ser o esgotamento apenas um dos fatores da síndrome, na medida em que não considera a magnitude social desta. Neste estudo será mantido o nome síndrome de *Burnout*.

As leis brasileiras de auxílio ao trabalhador já contemplam esta síndrome, como dispõe o Decreto nº. 3048/99, de 6 de maio de 1996, sobre a Regulamentação da Previdência Social, em seu Anexo II. Nele é tratado dos Agentes Patogênicos causadores de Doenças Profissionais, conforme previsto no Art. 20 da Lei nº 8.213/91. Ao se referir aos transtornos mentais e dos comportamentos relacionados com o trabalho (Grupo V do CID-10), no inciso XII, define-se a Sensação de Estar Acabado (“Síndrome de Burn-Out, Síndrome do Esgotamento Profissional - Z73.0”).

Para melhor compreensão da síndrome, é necessário explicitar a concepção de estresse, podendo-se desta forma esclarecer a distinção entre ambos os casos:

De acordo com Lazarus (1993), o termo “estresse” surgiu pela primeira vez com físico Robert Hooke, no século XII, e a sua referência foi em torno de uma carga pesada que afetava determinada estrutura física. Esse termo foi introduzido no sentido biológico pelo médico canadense Hans Selye, em 1926, que o observou como um elemento inerente a toda doença, que é produzida por modificações na composição química e estrutural do corpo e que pode ser observada e mensurada.

Segundo Selye (1959), o estresse é observado a partir da Síndrome Geral da Adaptação (SGA), que compreende ser sintomático, como a dilatação do córtex da suprarrenal, atrofia de órgãos linfáticos, úlceras gastrointestinais, perda de peso e outros. Para ele, essas alterações levam a uma resposta não específica a uma lesão, envolvendo o sistema nervoso autônomo e que se desenvolve em três etapas: alerta, resistência e exaustão:

I) Na etapa de alerta, é considerada uma manifestação aguda com liberação de adrenalina e corticóides.

II) Na etapa da resistência é caracterizada quando o indivíduo utiliza todas as suas forças orgânicas para manter a sua resposta, ou seja, chegando ao desgaste.

III) A terceira etapa, que é a exaustão, ocorre quando o organismo não reage mais contra a situação estressante e pode chegar até a morte (Selye, 1959, *apud* Benevides-Pereira, 2010).

Zille (2005) pontua as mudanças do mundo atual, em um ritmo frenético, como desencadeadoras do estresse, apresentado como variável importante que atinge, de modo avassalador, os trabalhadores em geral. Apesar de cada período da história contribuir positivamente para o desenvolvimento do mundo, esse autor compreende que o preço habitual pago por essa contribuição está associado ao estresse. Impactos diretos dessas transformações deixam os indivíduos cada vez mais angustiados, tensos e inseguros ao realizarem suas atividades laborais.

O estresse organizacional ou ocupacional refere-se ao tipo de estresse que pode acometer qualquer pessoa, quando o agente desencadeador se refere à atividade desempenhada. Tem sido amplamente estudado, observando-se as condições do trabalho, a estrutura da organização e a relação entre a empresa e o empregado, pelo fato de esses aspectos poderem proporcionar uma série de disfunções organizacionais e doenças psicossomáticas nos trabalhadores (Rossi, 2008).

Ao percorrer-se o caminho do estresse ao *Burnout* observa-se uma mudança de perspectiva acentuada, por merecer uma evolução do plano essencialmente individual para o social ou relacional. Não obstante a diversidade de conceituações atribuídas à síndrome, ocorre uma unanimidade entre os pesquisadores, na medida em que todos assinalam a relação direta do mundo do trabalho como condição para a determinação desta síndrome, com o tipo de atividade laboral do indivíduo.

Reconhece-se a importância do papel desempenhado pelo trabalho, assim como da dimensão social, inter-relacional da síndrome, por meio da despersonalização que não ocorre necessariamente no estresse ocupacional. De acordo com (Benevides-Pereira, 2010) trata-se de uma experiência individual específica do contexto do trabalho (Maslach; Schaufeli; Leiter, 2001).

*Burnout* é a resposta a um estado prolongado de estresse, que ocorre pela cronificação deste e os métodos para se combater são falhos ou não são satisfatoriamente suficientes.

Como o estresse pode apresentar aspectos positivos ou negativos, a síndrome tem sempre um caráter negativo (distresse).

Em consonância com as proposições de Benevides-Pereira (2010), há concordância também no fato de que o *Burnout* pode acometer pessoas, em geral entusiastas e idealistas, que em contato com o mundo profissional vão mudando seu modo de ser e apresentando transtornos que acabam por interferir em nível pessoal, social e institucional. Benedetti e Marco (2016) corroboram com essa percepção ao admitirem que parte dos profissionais mais experientes e apaixonados estão adoecendo ou se afastando do trabalho. Ressalva feita às questões de foro íntimo e pessoais, que dizem da predisposição e capacidade de resiliência do indivíduo.

Quando nos referimos à síndrome de *Burnout*, Freudenberger (1975) contribui admitindo que todos os profissionais estão sujeitos a adquirirem a síndrome, porém, os que lidam diretamente com as pessoas em certas profissões, sobretudo na qual o cuidado é o incremento imprescindível, são mais suscetíveis pelas razões específicas abaixo:

- I) Lidam com pessoas adoecidas, no caso da área da saúde.
- II) Deparam com as necessidades dos indivíduos, no caso da segurança, saúde e educação.
- III) Se encontram diante de suas próprias dificuldades e necessidades.

Para compreender se a síndrome se trata de um estado, processo, doença ou disfunção, faz-se necessário entender a concepção teórica adotada para essa interpretação. Há diferentes enfoques que se justificam pelas perspectivas abaixo, conforme Carlotto (2001):

- I) Concepção clínica: Na qual a característica evidenciada se baseia em um conjunto de sintomas físicos (fadiga física e mental, falta de entusiasmo pelo trabalho e pela vida, sentimento de impotência e inutilidade, baixa autoestima), podendo chegar à depressão e até mesmo ao suicídio. O autor representativo desta concepção é o psicanalista Freudenberger.
- II) Concepção Sociopsicológica: Já nesta concepção, as variáveis socioambientais que associadas aos aspectos individuais propiciam o aparecimento dos fatores multidimensionais. Tem sido a concepção mais adotada, principalmente pela disseminação do instrumento que avalia as dimensões citadas. As psicólogas sociais Christina Maslach e Susan Jackson (1977) são representantes desta concepção. Estas em conjunto com Leiter (2001) definem as três dimensões da síndrome:

a) exaustão emocional caracterizada por uma falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos;

b) despersonalização, que se caracteriza por tratar os clientes, colegas e a organização como objetos;

c) diminuição da realização pessoal no trabalho, tendência do/a trabalhador/a a se auto avaliar de forma negativa. As pessoas sentem-se infelizes consigo próprias e insatisfeitas com seu desenvolvimento profissional. Uma das dimensões que distingue o *Burnout* de outros processos psicológicos diz respeito ao distanciamento afetivo que os profissionais que sofrem passam a revelar. Atitudes distantes, impessoais e até mesmo cínicas e irônicas.

III) Concepção organizacional: Nesta concepção, o *Burnout* é a consequência de uma incompatibilidade entre as necessidades individuais e os interesses da instituição.

IV) Concepção Sócio-Histórica: Nesta, com a propagação de valores cada vez mais individualistas e competitivos na sociedade, fomentam-se princípios antagônicos aos pregados por ocupações voltadas para a ajuda e o desenvolvimento do próximo. Torna-se incompatível viver em sociedade, trabalhar em uma ocupação que demande assistência à outras pessoas e ser solidário, sem que se encontre em um constante conflito social. Saradon é a autora de maior destaque nesta vertente.

Nas contribuições de Barasuol (2005), a ocorrência de *Burnout* é como se a energia que move e dá a vida ao ser humano fosse jogada para fora, perdida, e nesta perda o sujeito chegaria ao seu extremo, praticamente sem possibilidades físicas e mentais de prosseguir com o seu ofício. É também apontado como uma resposta ao estresse laboral crônico, um quadro clínico mental extremo de estresse ocupacional.

Surge a partir, ou mesmo após o estresse laboral, representando um esgotamento pessoal, manifestando-se como uma forte sensação de desgaste físico e mental decorrente do ambiente de trabalho, fazendo com que o trabalhador se sinta exaurido por conta de um esforço exagerado que realiza para atender às demandas, quase sempre percebidas por ele mesmo como excessivas.

Quanto aos sintomas apresentados pelo profissional no processo de *Burnout*, eles podem ser de ordem física, psíquica, comportamental ou defensiva. Contudo, a pessoa não

necessariamente apresentará todos os sintomas, pois, dependerão da configuração de fatores individuais, (predisposição genética, experiências socioeducacionais), ambientais, (locais de trabalho ou cidades com maior incidência de poluição) bem como a etapa em que a pessoa se encontra na síndrome. Esses fatores vão afetar o grau, o tipo e as características apresentadas (Benevides-Pereira, 2010).

Vários sintomas também estão presentes no estresse, no entanto, os que se referem aos distúrbios defensivos são mais frequentemente apresentados nos processos de *Burnout*. Há também que se ponderar sobre a diferença entre a síndrome e a depressão, sendo comum entre ambas a disforia e o desânimo. Todavia, ao se pensar nas características clínicas dos quadros de depressão, há uma maior submissão à letargia e a prevalência aos sentimentos de culpa e derrota, como nas pessoas com *Burnout* os sentimentos são de desapontamento e tristeza (Benevides-Pereira, 2010).

Embora haja uma multiplicidade de sintomas, oferece-se a relação de maior incidência elencados por Benevides-Pereira (2010), com fito em favorecer a compreensão sobre a gravidade da doença e, posteriormente, a identificação dessas características no relato das professoras entrevistadas: fadiga constante e progressiva, distúrbio do sono, cefaleias, enxaquecas, dores musculares, perturbações gastrointestinais, imunodeficiência, distúrbios do sistema respiratório, disfunções sexuais e alteração menstrual, falta de atenção, de concentração, alteração de memória, tanto evocativa quanto de fixação, lentificação do pensamento, sentimento de alienação e solidão, impaciência, sentimento de impotência, labilidade emocional, dificuldade de auto aceitação, baixa autoestima, astenia (perda da força física), desânimo, disforia, depressão, desconfiança, paranoia, negligência ou escrúpulo excessivo, irritabilidade, agressividade, incapacidade para descansar, perda da iniciativa, inflexibilidade, comportamento de alto risco, pensamentos de suicídio, tendência ao isolamento, sentimento de onipotência, perda do interesse pelo trabalho ou até pelo lazer, absenteísmo, ímpetos de abandonar o trabalho, ironia, cinismo.

A organização das fases no processo de *Burnout* também é relevante para se identificar o estágio em que se encontra o profissional acometido. Nesse sentido, Reinhold (2002) observou 5 (cinco) fases da síndrome, quais sejam o idealismo, realismo, estagnação e frustração (quase-*burnout*), apatia (*burnout*-total) e fenômeno fênix.

Na fase do idealismo, descrita como o momento de grande entusiasmo e energia, parece que o trabalho preenche a vida do profissional. No realismo, ao perceber que suas aspirações e ideais não correspondem à realidade, o professor começa a sentir frustração e não encontra retorno. A partir daí, intensifica seu trabalho, em busca de realização, porém, vem o cansaço e a desilusão, desembocando no questionamento da própria competência.

Quando o entusiasmo inicial dá lugar à fadiga crônica, este é o momento da estagnação e frustração. É quando aparecem sintomas como irritabilidade, fuga dos contatos, atrasos e faltas. Consequente vem a apatia, momento no qual o professor já experimenta desespero, autoestima fragilizada e até depressão, podendo perder o sentido do trabalho e até da vida. Nesse momento surge o desejo de abandonar o trabalho.

A fase denominada “fenômeno fênix”, segundo Reinhold (2002), significa renascer das cinzas, porém, nem sempre ocorre. Representa o abandono do trabalho, mesmo antes da recuperação. Muitos o fazem, como outros se limitam à ansiedade pela chegada da aposentadoria, feriados e finais de semana. Entretanto, Malagris (2004) complementa o entendimento dessa fase ao evidenciar que os mecanismos de enfrentamento que podem ajudar a “crescer com *burnout*”.

Segundo Benevides-Pereira (2010) os efeitos do *Burnout* interferem negativamente tanto no nível individual (físico, mental, profissional, social), profissional (atendimento negligente, lentidão, contato impessoal, cinismo), e o organizacional (conflito com os demais membros da equipe, rotatividade, absenteísmo, diminuição da qualidade dos serviços).

Ressalta-se que as condições descritas acima culminam na incapacidade do professor de permanecer exercendo suas funções, por afetarem a esfera pessoal, com o abandono da profissão, acarretando sérios comprometimentos financeiros; afetiva, na ruptura de laços de amizade e familiares, julgamentos perniciosos; institucional, reflexo na produtividade, na imagem de eficiência da organização, nos custos do tratamento de saúde dos funcionários.

A ocorrência de *Burnout* em professores/as, conforme Carlloto (2002) é um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho. A múltipla jornada de mulheres professoras em seus lares associada à desvalorização da profissão, ao excesso de demandas, a descaracterização do trabalho docente, quando a ênfase da atuação se restringe ao cuidar, pode desencadear um sentimento de descrença em sua capacidade de produzir a diferença com o seu trabalho. Este quadro gera

estresse, fadiga, desânimo e desmotivação, podendo culminar em *Burnout*, uma doença silenciosa de diagnóstico ainda muito confundido e de tratamento a longo prazo.

## **CAPÍTULO 2 - O OBJETO EM SEU CONTEXTO EMPÍRICO**

A partir da leitura deste capítulo, pretende-se que o leitor se aproxime do campo em que estão os sujeitos dessa pesquisa e em quais condições se encontram quando adoecidas e inseridas nas escolas da RME/BH-MG. Tem-se a condição também de conhecer as professoras entrevistadas por meio da descrição de seu perfil e algumas características, julgadas pela pesquisadora como interessantes para a melhor compreensão deste estudo.

### **2.1 - Trabalho docente na Rede Municipal de Educação**

Neste tópico serão dados alguns esclarecimentos sobre a inserção e permanência do professor que atua na RME/BH-MG, como forma de compreender seu *lôcus* de atuação. De acordo com o Estatuto do Servidor Municipal, a forma de ingresso se dá por concurso público, que é o processo de recrutamento e seleção aberto ao público em geral, atendidos os requisitos de inscrição estabelecidos no edital com a finalidade de provimento de cargo público. Sendo esses criados por lei, em número certo, com denominação própria, jornada de trabalho específica e remuneração pelos cofres públicos municipais. A nomeação está vinculada a prévia aprovação no concurso de provas e títulos.

Ao ser nomeado, o servidor público toma posse, que é a aceitação formal das atribuições dos deveres, das responsabilidades e dos direitos inerentes ao cargo público. Poderá ocorrer em até vinte dias, contado da publicação do ato de nomeação. Posteriormente, dá-se início ao exercício, que é o efetivo desempenho das atribuições assumidas. Logo que entra em exercício, o professor da rede passa por um período denominado estágio probatório, previsto no art. 41 da Constituição da República Federativa do Brasil e corresponde ao período de 1.095 dias de efetivo exercício, durante o qual será avaliado periodicamente com o objetivo de apurar sua aptidão no desempenho de seu cargo de provimento efetivo, para fins de aquisição da estabilidade. Uma vez aprovado neste período, será considerado apto e terá a sua estabilidade publicada no Diário Oficial do Município – DOM, podendo então, iniciar a sua evolução profissional de acordo com o Plano de Carreira.

Durante o exercício profissional o servidor pode vivenciar movimentações no cargo, de acordo com o Estatuto do Servidor, em seu capítulo II-Movimentação:

I) Recondução – é o retorno do servidor ao cargo anteriormente ocupado, correlato ou transformado, em função de reintegração de servidor demitido.

II) Readaptação – é a atribuição de atividades especiais ao servidor, observada a exigência de atividades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental, verificada em inspeção médica pelo órgão municipal competente, que emitirá laudo circunstanciado. A concessão da readaptação é feita por meio de avaliação da capacidade laborativa e avaliada a cada seis meses pelo órgão municipal competente, a fim de ser verificada a permanência das condições que determinaram sua readaptação, até que seja emitido laudo médico conclusivo, não acarretando com essa mudança aumento ou redução da remuneração.

III) Transferência – é a mudança de lotação do servidor, de ofício (por lei) ou a pedido, considerados o interesse do serviço e a existência da vaga. Essa movimentação poderá ocorrer após o período de estágio probatório.

A vacância (período em que o cargo se encontra vago) do cargo público decorrerá em função de exoneração, demissão, destituição, aposentadoria e falecimento. A exoneração de cargo efetivo poderá acontecer a pedido do servidor ou por motivo de ofício, que ocorre quando não satisfeitas as condições para a aquisição da estabilidade, ou, quando o servidor não entrar em exercício no prazo estabelecido.

A jornada diária de trabalho do servidor da educação é de 4h30, com a frequência apurada por meio de ponto eletrônico. A evolução profissional prevê, desde 2019 o modelo de avaliação de desempenho por competências, via meio eletrônico no Portal do servidor, com algumas questões que deverão ser respondidas e validadas pelo seu superior hierárquico na escola. As áreas avaliadas são agrupadas em competências essenciais: comuns a todos os servidores e empregados públicos, independentes do cargo, função ou órgão de lotação. Gerenciais: são aquelas que todos os gestores devem possuir para garantir o seu alinhamento aos objetivos governamentais e competências específicas: aquelas comuns a determinado cargo ou função. Os servidores também poderão obter progressão por escolaridade, decorrente da conclusão de cursos relacionados às atribuições de seu cargo efetivo e cuja escolaridade seja superior ou complementar àquela exigida para o seu ingresso.

A cada mudança de nível do professor municipal, conseguida a custo de um curso e avaliação por triênio, há um aumento menor que 100 reais. Mudança pouco significativa para um custo às vezes tão alto e moroso. Essa constatação inclusive, vem sendo fato já reivindicado em pautas de greve da categoria. Dentro dos limites e possibilidades dessa pesquisa, o objeto de estudo foi analisado tendo como contexto o explicitado anteriormente e, a partir do levantamento de dados empíricos, material teórico, documentos oficiais e entrevista semiestruturada feita a um grupo de professoras.

No tocante aos documentos oficiais, uma planilha foi analisada para o conhecimento da situação de afastamentos dos profissionais da RME/BH, fornecida pelo setor de perícia e resguardado todo o sigilo e ética para a preservação dos dados individuais.

A partir dela, foi feito um levantamento de todas as licenças ocasionadas por doenças que são acometidos os professores (as) da rede e passaram pelo setor de perícia, para assim serem registrados. Até mesmo quando se ausentam para acompanhar alguma pessoa da família. A tabela abaixo mostra os 10 CIDs mais frequentes e incidência do mesmo a partir de um dia.

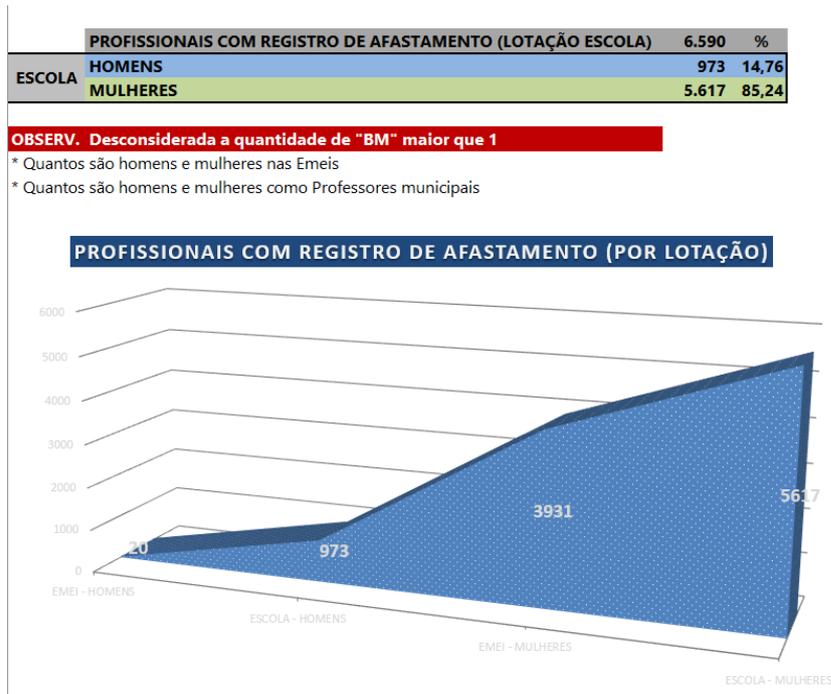
Quadro 1 - Frequência de CID

| CID   | FREQUÊNCIA |
|---|------------|
| Z763 - Pessoa em boa saúde acompanhando pessoa doente             | 4.005      |
| A09 - Diarreia e gastroenterite de origem infecciosa presumível   | 621        |
| Z540 - Convalescença após cirurgia                                | 596        |
| A90 - Dengue (dengue clássico)                                    | 513        |
| J019 - Sinusite aguda não especificada                            | 447        |
| F432 - Transtornos de adaptação                                   | 440        |
| F412 - Transtorno misto ansioso e depressivo                      | 420        |
| M545 - Dor lombar baixa   | 370        |
| J01 - Sinusite maxilar aguda                                      | 308        |
| J069 - Infecção aguda das vias aéreas superiores não especificada | 286        |

Elaborada pela autora – Fonte: GESER/BH-MG

A planilha de dados abrange o período de 10 anos (2009 a 2019). Nela consta um universo apresentado abaixo, considerando professores que tiveram se afastado a partir de 1 dia e passado pelo setor de Perícia médica.

Gráfico 4 - Profissionais com afastamento (masculino/feminino)

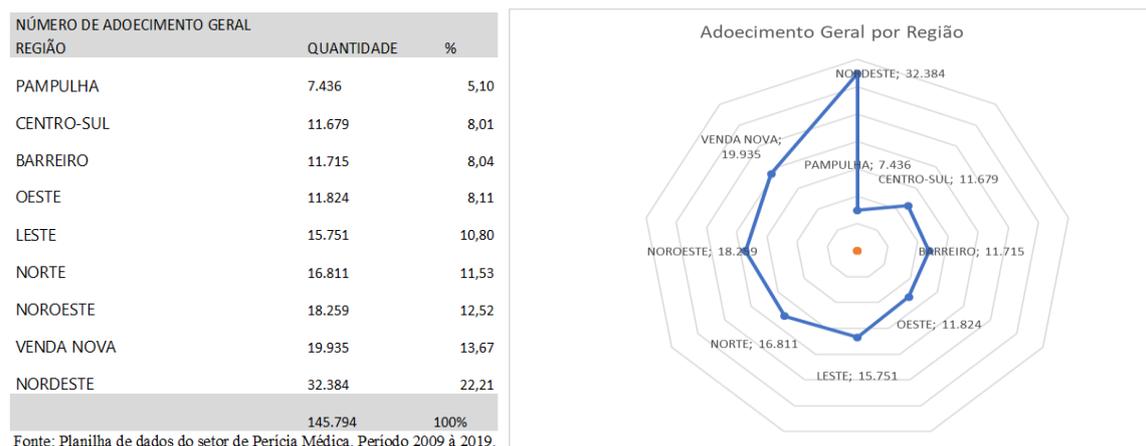


Elaborado pela autora - Fonte: GESER/BH-MG

O primeiro CID mais frequente é também o que representa o maior número de licença de professoras para acompanhamento de pessoa doente. Seria possível inferir que, em virtude da associação da figura feminina ao cuidado e zelo com o próximo, ela se ausenta mais. Esse fato também corrobora para a questão desta pesquisa pela relação existente entre o ser mulher, professora e o acometimento pela Síndrome de *Burnout*. A razão dessa ausência nos dá indícios de suas atividades extra espaço escolar, que lhe consomem tempo e energia, podendo gerar cansaço e fadiga contribuindo para o seu adoecimento.

Foi possível identificar a incidência de licenças por região, como no gráfico a seguir:

Gráfico 5 - Registro de Adoecimento por região



Elaborado pela autora - Fonte: GESER/BH-MG

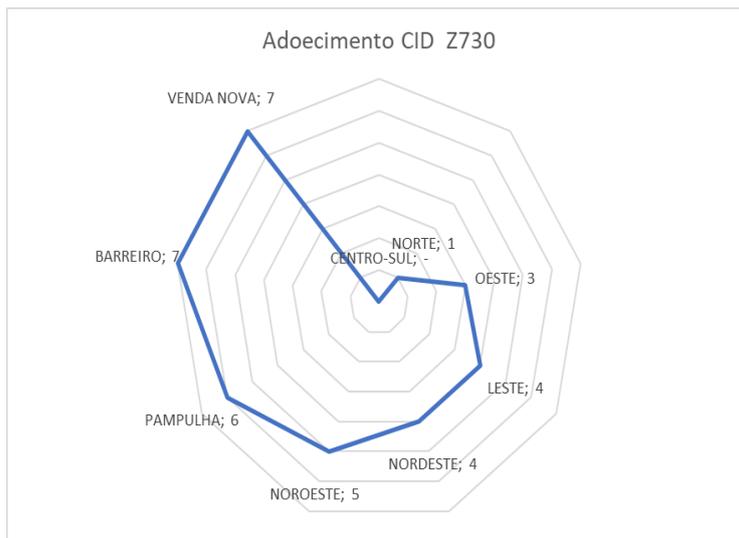
Uma questão que talvez pudesse ser problematizada em trabalhos futuros seria se o fato das licenças serem mais frequentes em regiões periféricas seria um fator explicativo para o maior número de adoecimentos de mulheres professoras, uma vez que nessas regiões identifica-se também condições mais precarizadas de saúde, infraestrutura, econômicas e social.

A idade dos professores (as) licenciados varia entre 25 a 71 anos. O período de licença varia de 01 a 276 dias.

## 2.2 - O adoecimento docente na Rede Municipal de Educação/BH-MG

Especificamente sobre a Síndrome de *Burnout* que é a patologia escolhida para o presente estudo, os dados referentes a ela são trazidos abaixo divididos por regiões:

Gráfico 6 - Adoecimento pelo CID Z730



Elaborado pela autora - Fonte: GESER/BH-MG

Neste contexto foram selecionadas, as professoras da rede pública de educação municipal, conforme já descrito no item Metodologia e procedimentos metodológicos. Essas entrevistadas foram escolhidas em uma amostra aleatória, de acordo com a acessibilidade e algumas, o contato foi possível por mediação de uma professora já entrevistada que a indicou.

Isso favoreceu muito o trabalho, pois tratava-se de uma pessoa mais próxima que viabilizava a participação de mais uma profissional. E sendo assim alcançou-se o total de onze entrevistadas com os seguintes perfis:

### 2.3 - Perfil das professoras investigadas e relações com o *Burnout*

A partir dos dados coletados, as informações serão apresentadas no quadro e descritas na sequência. Foram eleitos aspectos julgados como relevantes nas análises a partir dos dados informados nas entrevistas. Para manter o sigilo e resguardar os nomes das entrevistadas optou-se nesta pesquisa a utilização de códigos alfanuméricos.

Quadro 2 – Lista de entrevistadas e pseudônimos

| TABELA ORIGINAL COM PSEUDÔNIMOS |       |              |        |                     |                 |                                     |                      |
|---------------------------------|-------|--------------|--------|---------------------|-----------------|-------------------------------------|----------------------|
| PROFESSORAS                     | IDADE | ESTADO CIVIL | FILHOS | FORMAÇÃO            | FAZ CURSOS      | ATIVIDADE REMUNERADA FORA DA ESCOLA | DESDE QUANDO NA REDE |
| P1                              | 37    | SEPARADA     | 3      | PEDAGOGIA           | NÃO             | SIM. ESCOLA                         | 2014                 |
| P2                              | 48    | SOLTEIRA     | 2      | PEDAGOGIA           | SIM             | SIM. ESCOLA                         | 2002                 |
| P3                              | 50    | SOLTEIRA     | 2      | LETRAS              | SIM             | NÃO                                 | 2002                 |
| P4                              | 44    | SOLTEIRA     | NÃO    | NORMAL SUPERIOR     | NÃO             | SIM. ESCOLA                         | 2003                 |
| P5                              | 59    | CASADA       | 2      | PEDAGOGIA           | PÓS A DISTÂNCIA | NÃO                                 | 2013                 |
| P6                              | 41    | CASADA       | 3      | PEDAGOGIA           | NÃO             | NÃO                                 | 2002                 |
| P7                              | 48    | VIÚVA        | 2      | MATEMÁTICA          | NÃO             | SIM. ESCOLA                         | 2013                 |
| P8                              | 44    | CASADA       | 2      | PEDAGOGIA           | PÓS A DISTÂNCIA | SIM. ESCOLA                         | 2006                 |
| P9                              | 45    | SOLTEIRA     | NÃO    | CIÊNCIAS BIOLÓGICAS | NÃO             | SIM                                 | 2003                 |
| P10                             | 69    | VIÚVA        | 3      | PEDAGOGIA           | SM              | NÃO                                 | 1984                 |
| P11                             | 36    | CASADA       | 1      | PEDAGOGIA           | PÓS A DISTÂNCIA | SIM. ESCOLA                         | 2013                 |

Elaborada pela autora – Fonte: GESER/BH-MG

A variável idade foi eleita como uma informação relevante porque a partir dela alguns desdobramentos são possíveis de serem compreendidos e algumas aproximações analíticas podem ser levantadas.

O tempo de prestação de serviço na rede municipal foi considerado um ponto a ser considerado nas análises já vislumbrando algumas hipóteses como por exemplo se essa variável pode ou não possibilitar o desencadeamento da síndrome.

#### **P1 – A sobrecarga de trabalho e de funções sociais**

P1 é o codinome de uma professora com 37 anos. Ela se declara separada e possui três filhos, sendo o mais velho com 16 anos e a mais nova com 6 anos diagnosticados com

autismo e a filha do meio com 14 anos. É formada em Pedagogia, está tentando fazer uma especialização caso a sua saúde mental permitir. Iniciou duas no ano passado e não conseguiu concluir. “Não conseguia ler, sentar e me concentrar. Não tem jeito, não conseguia nem sentar para assistir televisão, quem dirá outras coisas” (P1).

Eu e a entrevistada conversamos por uma hora e 10 minutos, na biblioteca da escola. Ela foi bastante cordial e sorridente durante toda a entrevista, falava alto e se expressava com ironia em muitos momentos. Dizia não se importar com os relatos, pois todo mundo já havia escutado a sua história, “você será mais uma pessoa a saber de tudo, sem problemas, pode gravar” (P1). Finaliza assim quando lhe solicitei a permissão para gravar a entrevista.

Atua como docente desde 2008 em Neves e desde 2014 na prefeitura de Belo Horizonte com os anos iniciais.

Em sua fala, diz ter sofrido um isolamento social muito grande, quando divorciou-se do marido. A igreja a qual pertenciam não aceitou bem a condição atual da professora, como percebe-se no relato:

(...) e ainda assim eu era evangélica, então tinha uma pressão da igreja. Quando eu me separei, eles praticamente me obrigaram a confessar um adultério. Eu falei que não confessaria algo que eu não fiz, mas eles insistiam dizendo que essa seria a única razão. Eles praticamente me obrigaram a confessar um adultério, pois as mulheres não se separam se não tiver um outro, se não tiver apaixonada por outro. Para eu conseguir separar, eu tive que romper com a igreja. Eu não ia mais e passava por situações maravilhosas assim. Eu queria resolver a situação de maneira amigável, pois nós temos filhos, mas ele não quis e dificultou o divórcio. Foi um preço absurdo para entrar no litigioso, eu não iria gastar aquilo tudo. Agora, ele recebeu permissão para se divorciar de mim e eu que sou a culpada. (P1)

Acredita que a situação de esgotamento com repercussões no campo profissional se deu em 2017, por sérios problemas pessoais, como o citado acima e ainda agravados pela situação de incompreensão que viveu na escola que leciona pela manhã, em Neves. Complementa dizendo:

(...) você vai cambaleando, mas você vai indo né, empurrando...tomei a decisão do divórcio, eu já vinha aguentando muito tempo a questão dos filhos, do trabalho, do casamento e chega uma hora que você não dá conta de administrar tudo... (P1)

A professora diz que o seu adoecimento se manifestou por meio de de mudanças comportamentais. Conforme relata:

Eu só sabia chorar. Pensei muitas vezes em me matar, pois chega uma hora que você não vê mais sentido nas coisas, na realidade (...) eu adoeci muito mesmo. Comecei a duvidar de mim mesmo e aí que eu me afastava da sala de aula, pois quando eu sentia essa insegurança eu vi que não tinha condições de dar aula. Esquecia o nome de tudo que eu precisava ensinar os meninos. Eu desenvolvi pânico de chegar perto da escola. Quando eu acordava, já quase não dormia e ainda eu sabia que tinha que ir para a escola e tinha vontade de chorar. Chegava perto da escola, eu ficava tremendo, chorando, o coração acelerava. Teve vez que eu não conseguia descer do carro, porque aquele lugar era de sofrimento (P1)

As perspectivas profissionais são retornar ao exercício da docência. Ao ser indagada, responde:

Não sei te dizer se estou preparada para voltar, mas conversando com o diretor pensamos não em sala de aula, mas retomar aos poucos. Eu passei esses dias de licença sem ter forças para sair da cama e vir para escola é algo que me faz reagir. Eu gosto de vir trabalhar. Na sala eu sou a estrela, lá é o meu palco e eu dou um show. Quando estou em casa, eu fico de pijama o tempo todo, estava com ansiedade, pânico de sair de casa. Mas quero retornar. (P1)

No decorrer da entrevista, P1 demonstrou ter vivenciado a exaustão emocional e a despersonalização laboral, que são dimensões que caracterizam a síndrome, segundo Benevides-Pereira (2010) A exaustão emocional se refere a sensação de esgotamento tanto físico como mental, ao sentimento de não dispor mais de energia para absolutamente nada. E a despersonalização se traduz quando o profissional passa a apresentar um comportamento frio e impessoal com os usuários de seus serviços, no caso os alunos, a clientela escolar, passando a denotar atitudes de cinismo e ironia em relação às pessoas e indiferença ao que pode vir a acontecer com os demais. Dialogando ainda com essa caracterização, Reinhold (2002) descreve fases que podem ser observadas na situação do adoecimento pela síndrome e diz de uma etapa de apatia e Burnout total, na qual o professor tem a sensação de desespero, fracasso e perda da autoestima e autoconfiança, podendo tornar-se depressivo e intensificar o seu desejo de abandono da profissão.

Entretanto, o desfecho desta entrevista pode estar revelando a ocorrência do fenômeno fênix, que nota-se segundo Reinhold (2002) quando a entrevistada parece ter ressurgido e resgatado o envolvimento, os sentimentos e atitudes positivas para com a docência, pois pretende retomar às suas atividades com sentimento de satisfação, embora não saiba ainda se está preparada. Na esfera pessoal, diz ter dado um “basta na tirania do marido” e segue com os percalços da separação.

**P2 – Da condição de liberdade, sem ter um filho e nem um passarinho para tratar ao estresse que repercutiu na escola.**

P2 é uma professora com 48 anos. É solteira, tem duas filhas de 10 e 13 anos respectivamente. Tem formação em Pedagogia, atua como supervisora no estado, perfazendo um total de 25 anos de atuação e desde 2002 na rede municipal de BH. Desde 1998 trabalha em duas escolas. Para contatá-la, consegui conversar com a diretora da escola, que, após entender e comprovar a condição da pesquisadora, pelos documentos enviados anteriormente por e-mail, intercedeu e conseguiu mediar o nosso encontro. O mesmo aconteceu na escola, no horário da manhã e durou 55 minutos.

P2 recebeu a entrevistadora muito sorridente e solícita durante toda a entrevista. Teve-se a impressão da mesma não se identificar mais com o momento em que foi acometida pela doença. Demonstrava-se bem restabelecida, tentando ressaltar sempre o lado mais feliz de toda a sua vida, estampando a sua superação em momentos de dificuldade, o que na teoria, segundo Levy e Sobrinho (2010) é possível, pois um certo número de atitudes ao serem adotadas, poderão contribuir para evitar ou mesmo administrar os efeitos da síndrome, ainda mais quando a mesma ocorreu em um momento pontual da vida do profissional acometido, por fatores específicos e facilmente identificados. Elas se baseiam em: identificar os estressores externos e internos, analisar o que pode ser ou não mudado, executar a mudança e monitorar os resultados.

Com P2 foi assim, ela relata que o momento pontual de estresse foi com o nascimento de sua primeira filha. Antes não tinha a responsabilidade de uma vida em suas mãos e ao saber da gravidez, viu-se em uma situação de desamparo, de total mudança de hábitos de vida e reorganização de suas atividades.

Passado o momento da gestação, nascimento da filha e a reorganização de toda a dinâmica com a chegada do bebê, a entrevistada retomou as suas atividades normais e diz ter grande entusiasmo com as atividades que desenvolve na escola.

**P3 – O sonho de trabalhar como professora meio horário, se sustentar e poder descansar**

P3 tem 50 anos. Está solteira, tem dois filhos, um homem de 33 anos e uma adolescente de 13 anos. Foi indicada por um professor, conhecido da entrevistadora, para participar da pesquisa. Recebeu-me em sua casa para uma entrevista com duração de 1 hora e

10 minutos. Está afastada das atividades docentes por razão de tratamento médico. É formada em Letras e trabalhou 10 anos sempre em duas escolas. Em um período de sua vida, em virtude do cansaço e jornada extenuante, resolveu abandonar um dos horários. Ficou trabalhando em escola no turno da manhã e justificou dizendo que o trabalho é imenso e o cansaço vem junto.

Deixou de trabalhar um dos horários e retoma dizendo que foi a melhor opção trabalhar menos, mas a situação financeira demandou que algo fosse feito e surgiu a oportunidade de trabalhar em uma escola particular para dar aulas de espanhol. Foi trabalhar lá durante quase dois anos e assim, relata que:

Desabei, não dei conta mesmo. Escola exige muito, muito e muito. Tinha hora que eu me sentia um objeto. A qualquer hora chegava uma mensagem dizendo o que eu precisava fazer, a ordem de postar alguma atividade. Eu, na minha casa, não tinha sossego, privacidade. Na mesma hora que eu estava aqui, a mensagem recebida era para saber a nota desse ou daquele aluno, diário, então...eu desisti, sabe!?! (P3)

O excesso de demandas fez que P3 chegasse à exaustão física e mental. A cobrança de ambas as escolas, sendo essa de línguas ainda mais estafante a fizeram desistir de lecionar e do compromisso assumido, embora inicia a conversa dizendo gostar muito do que faz, sentir-se muito bem em sala de aula, a ponto de poder dizer de realização neste espaço, local de esquecimento dos problemas e concentração total nas demandas que são inúmeras e dinâmicas.

A desistência relatada reflete o que Carlotto (2012) diz ser um quadro de desmotivação e razão de um crescente nível de evasão entre os docentes. Em consonância com essa ideia, Lapo e Bueno (2002) acrescentam que o enfraquecimento dos vínculos com a profissão é produto de uma sequência de ações com vários fatores geradores de dificuldades e insatisfações acumulados ao longo do tempo. Rocha e Fernandes (2008), ao estudarem a qualidade de vida dos professores, identificaram grandes e significativas perdas, dentre elas, sendo mais crítica, o prejuízo na vitalidade. Foi o que P3 destaca em sua fala. Sempre gostou de atuar como professora, mas com o passar do tempo e as dificuldades encontradas, não quer mais retornar... “aconteça o que acontecer, nesta escola eu não volto mais” (P3).

Nem sempre esse desencanto com a profissão ocupou lugar em suas perspectivas de vida. Quando indagada sobre a sua escolha profissional conta sobre a sua satisfação, pensando que ao ser professora sobraria tempo para cuidar da casa e descansar, como observava ser a rotina de sua vizinha, também professora, na qual se espelhou.

Com pouco tempo, P3 identificou equívocos nesta idealização. Pois a escolha profissional, não lhe garantiria um tempo digno, de qualidade, com seus compromissos quitados e descanso garantido.

Contudo, P3 diz continuar gostando e necessitando trabalhar dois horários. Não mais na escola de línguas, mas com um projeto que já se iniciou. Antes da licença, estava trabalhando com um grupo de cinco crianças na área da alfabetização. Diz ser um trabalho muito útil para a escola, para as crianças e para ela própria:

É gratificante. Eu estou alfabetizando lado a lado, uso jogos, é interessante. Eu preciso dobrar. Não posso ficar ganhando só um salário. A psicóloga irá me preparar para isso. Ela vai fazer uma avaliação para eu voltar. (P3)

Apesar de qualquer trabalhador estar sujeito a sofrer da síndrome, há que se ponderar sobre as características da atividade desempenhada. Ao ter a oportunidade de trabalhar com grupos menores de alunos e em circunstâncias diferentes de estar regente de uma turma com 25 a 30 alunos, P3 acredita ter condições de retomar as suas atividades. Conta com o apoio profissional, manterá o tratamento.

Diz ter chegado a triste conclusão que precisa trabalhar dois horários, então assim o fará. Já se conscientizou que o sonho de trabalhar meio horário, que outrora embalou suas ações, direcionando-a a se formar como professora, hoje se configura como um ideal, pois para se sustentar terá que manter a sua jornada múltipla de atividades.

#### **P4 – Do Direito ao sonho de educar, da tradição familiar à frustração escolar. O declínio de um desejo quando o próprio desejo te aprisiona à doença.**

P4 é uma profissional da área da educação com 44 anos. É solteira, não tem filhos, formou-se em Direito, trabalhou dois anos na área e optou por seguir a sua formação que a habilitava ao exercício do magistério. Recebeu-me na casa de seu pai, como aguardava o mesmo chegar do hospital para passar a noite com ele. Conversamos por uma hora e cinco minutos.

Diz ter optado pela docência por vocação, contribuindo para tal, o fato de vir de uma família em que, a avó era diretora de escola, e as mulheres exerciam funções na educação.

Relata ter uma jornada extenuante de atividades. Leva serviço para casa, aproveita os horários de intervalo, almoço para resolver as demandas do trabalho. Ressalta-se o fato de

aproveitar o tempo em que esperava o pai chegar do hospital para me receber, denotando um tempo exíguo para a realização de várias atividades/compromissos e muitas vezes, sendo esses direcionados para o cuidado.

Não consegue realizar nada na escola em virtude do barulho, conversa, pais para atender e outras situações típicas do espaço escolar. Faz serviços domésticos e paga uma faxineira que a auxilia nestas atividades. Acredita que a mulher é mais propensa a adoecer por estresse ocupacional por ser mais preocupada. Para ela, o homem, resolve tudo ali e volta sem nenhuma preocupação. Já a mulher, professora inclusive, dorme pensando em qual estratégia vai ter com aquele determinado aluno que não aprende. “Vai separar aquele grupinho de alunos que estão dando trabalho juntos, pensa em formas para atingir aqueles alunos com mais dificuldades” (P4). Relata ser um esforço que concorre e desafia a intenção diária de ensinar.

Ainda considerando tudo isso, P4 afirma gostar de dar aula. Acredita que tem vocação, um grande desejo e realização, que a profissão de professora é muito bonita. Só acha que por todas essas razões, se sente muito sozinha ao realizar suas atividades e tem que responder por uma quantidade de trabalho muito grande, o que a desgasta demais. Relata um episódio em que sentiu sozinha, frente a uma sociedade que está pesada e os professores desamparados:

Certa vez, um pai entrou na minha sala e me agrediu verbalmente. Gritou comigo mesmo. Tudo isso, quando eu consegui entender, foi porque eu tinha trocado o filho dele de lugar. Pedi um aluno para chamar a direção, o guarda municipal, coordenação e ninguém apareceu. Esse pai poderia ter me agredido fisicamente e ninguém teria aparecido para me ajudar. Você está sozinha e, se acontecer alguma coisa com você, é você que tem que dar um jeito de não deixar acontecer. Isso é o que mais adoce o professor. O fato dele estar sozinho, ser o lado mais fraco. Falta proteção! (P4)

O que P4 expõe, aponta para a vulnerabilidade do professor em sala de aula, exposto a ameaças e conseqüente sensação de insegurança. Ainda assim, o sonho de ser professora persiste, mesmo com as tentativas do médico de afastá-la de sala de aula, por circunstâncias como a acima citada, que abalam totalmente seu lado psíquico, ela não quer: “Não me afasta de sala não. Eu não quero ficar vagando pela escola...aí vai para a biblioteca, para a secretaria, vai para não sei onde...isso eu não quero” (P4). Já faz tratamento com psiquiatra por muito tempo por questões pessoais, atualmente também pelo fato de ter vivenciado a síndrome e

esse ano por estar com uma turma muito difícil, com o aprendizado muito aquém para a etapa em curso. Complementa:

Esse ano, peguei uma turma muito difícil no sentido de aprendizado. Uma turma de quarto ano com perfil de terceiro ano. Uma turma de quarto ano com dois alunos que não leem. Quando fui fazendo os diagnósticos, aí que eu ficava mais estressada, porque constatava mais dificuldades. Eu acho que eu fiquei muito desesperada. Deu uma sensação de que eu não vou dar conta, por mais que eu fizesse, eu pensava, eu não vou dar conta, tem que ser outra professora. Como a outra turma que eu tenho é de terceiro ano e muito melhor. Isso é assustador, porque você não tem a quem recorrer. Senti um desamparo. Você é que tem que se virar. E como você vai se virar? Você tem que alfabetizar e passar o conteúdo que já é próprio daquele ano. Como? É desesperador! (P4)

O não dar conta, descrito a partir da fala de P4, já dá indícios de uma característica do profissional acometido pela síndrome, quando o mesmo sente toda a sua energia absorvida pelo trabalho e perde a confiança em si mesmo. Apresenta apreensões frente aos desafios ou a qualquer nova situação. Desenvolve um processo de alienação e fuga, tendendo a trabalhar de forma isolada ou a se enxergar sozinho no processo, com acentuada distância psicológica de todas as pessoas e tarefas relacionadas ao seu trabalho.

Quando aproxima a data de trocar a receita, o médico decide afastar a professora, por diagnosticar a sua condição e saber de toda a situação enfrentada atualmente, ao que ela pede para não afastá-la a princípio e deixá-la tentar!

Diz considerar o trabalho muito estressante e com um acúmulo muito grande de atividades. Para conciliar com a vida particular, não é fácil e qualquer atividade que acontece durante a semana e muda a rotina de trabalho já gera automaticamente, mais serviço no horário de descanso. Destaca-o como a atividade principal de sua vida.: “Não é a única coisa que eu tenho, mas eu dependo dele para tudo, é com ele que eu ganho o meu pão” (P4).

Sobre essa situação, percebe-se que o próprio trabalho exacerba a sua condição de adoecimento quando colocado como um desafio a ser enfrentado solitariamente. Mesmo assim, P4 não quer se afastar. Deseja realizar o seu sonho, mesmo quando o mesmo a mantém adoecida.

Essas profissionais, como a professora deste relato, trazem o desejo de ensinar no cerne de sua vida, como fonte de realização e, não percebem com isso, o que se pode inferir a partir do exposto, que o seu próprio desejo pode estar te aprisionando à doença.

**P5 – Da estabilidade familiar a perdas significativas. Como fica o emocional quando as perdas se sucedem?**

P5 é uma professora que tem 59 anos e duas filhas de 28 e 31 anos. É casada. A sua formação é em Pedagogia, faz especialização em Psicomotricidade e Psicopedagogia à distância. Desde 2013, sempre trabalhou na mesma escola e às vezes realiza extensão de jornada no turno da manhã, mas raramente e na mesma escola. Recebeu-me na escola, por um período de 55 minutos.

A entrevistada relata realizar muitas atividades além das profissionais. Sempre tem atividades da escola para serem concluídas em casa, como provas para corrigir, exercícios para elaborar, cartazes para fazer...e, essas se imiscuem com as atividades de dona de casa, mãe, esposa, vida pessoal, sua rotina de médicos (mastologista, ginecologista, oncologista e psiquiatra), acompanhamento semanal com a sua mãe, que já está bem idosa e sente a sua falta. Ao relatar sobre sua dinâmica de tarefas extra escola, diz ter um acúmulo de afazeres, até por isso, pondera P5, as mulheres serem mais propensas a adoecerem por estresse ocupacional. Complementa afirmando ser raro homens que chegam em casa e desenvolvem algum afazer doméstico. A história do seu adoecimento diz um pouco de sua jornada extenuante de atividades. Ela afirma que consegue administrar bem, embora fique muito cansada. E dois fatos em especial marcam o gatilho da doença como dito por alguns especialistas.

P5 diz ter sido criada por uma madrinha desde os dois anos de idade e recebeu o carinho de filha pelo casal que nem filhos tiveram. O tempo passou, ela se casou e o padrinho morreu. A sua madrinha foi morar com ela, que cuidou até o dia de seu falecimento. Depois foi a separação da filha que foi trabalhar fora. A distância real (da madrinha) e geográfica (da filha) que as afastou, fez com que P6 sofresse muito. Afinal, foram duas perdas significativas e consecutivas. Na sequência teve o câncer. Ela diz:

Foi uma coisa e outra e outra, assim, a síndrome foi depois que eu tinha feito a cirurgia, estava fazendo a rádio e comecei a sentir os sintomas do *Burnout*: falta de ar, muito cansaço e o corpo entrou em colapso, pressão alta, arritmia e tudo se agravando e virando uma bola de neve, até o ponto que eu fui ao cardiologista e ele disse que eu estava a ponto de sofrer de morte súbita. A minha pressão alta encontrando com a mínima, o pâncreas não produzia. Eu cheguei a tomar 13 comprimidos por dia para diferentes coisas. (P5)

A sequência de situações traumáticas vividas por P5 a conduziu a um estado de estafa e esgotamento com repercussões no trabalho, pois na condição em que se encontrava, sequer poderia sair de casa, quem dirá responder pela regência de uma turma.

Sobre adversidades no seu ambiente de trabalho, que pode-se supor também a raiz de seu adoecimento, P5 diz ter grande satisfação com a docência, fez o magistério por influência da mãe, posteriormente desenvolveu apreço pela profissão, fez faculdade e concurso nas áreas afins já citadas. Recusa se ausentar do trabalho, mesmo quando há a sugestão do médico na ocasião de troca de medicação. Diz que o trabalho é muito bom e não é um peso para a vida dela.

Na situação de P5, felizmente essa identificação positiva foi possível e fator de reconforto diante das dificuldades externas. A sua jornada múltipla de atividades aliada aos desafios encontrados pelo percurso da vida, a fez sofrer perdas que impactaram no seu desempenho profissional. Nada que, com resiliência e sabedoria não a fizesse retornar ao seu ofício. Atualmente trabalha com uma turma de terceiro ano, declara-se feliz, em tratamento, com saudade, superando-se emocionalmente a cada dia e buscando dar o seu melhor no seu trabalho.

### **P6 –Da paixão de infância ao desgostar gradativo: do brincar de escolinha ao pânico da sala de aula**

P6 tem 41 anos. É casada, tem uma filha de cinco anos e está grávida de nove meses de gêmeos, com nascimento previsto a qualquer momento. É formada em Pedagogia, fez um curso de formação oferecido pela prefeitura no ano passado na área de matemática. Trabalha na rede desde 2002 e nos dois horários até 2009. A partir daí apenas um horário na escola. Dobrou fora e na mesma escola até 2016, foi quando pediu transferência para uma escola mais próxima de casa.

A entrevista foi realizada na casa da sua mãe, durante 1 hora e dez minutos. Local em que aguarda o nascimento dos gêmeos, previsto para qualquer momento. Algumas pausas inclusive, devem ser destacadas, em virtude da condição da entrevistada no momento. Sentiu falta de ar, sede, cansaço e por vezes emoção ao relembrar situações do trabalho.

Atua como docente desde 2000, mantendo uma jornada múltiplas de atividades nas escolas e domésticas, também com o casamento e nascimento da primeira filha. Não consegue

finalizar as atividades na escola e acaba levando para casa, principalmente no fechamento dos resultados finais de cada etapa de ensino. Quando chega em casa, diz ser tudo muito corrido. A filha quer atenção. Atualmente está licenciada desde 20 de agosto. Diz ter sido por recomendação médica, pois a qualquer hora poderia ganhar os gêmeos. Nas atividades de casa conta com a participação do marido, que diz auxiliar bastante, juntamente com uma menina que faz a faxina de 15 em 15 dias.

A escolha da profissão foi motivada por uma paixão de infância, quando conseguiu alfabetizar as duas irmãs e se encantou com suposto processo de alfabetização.

A entrevistada demonstra grande satisfação e segurança na escolha pela profissão, diz ter alfabetizado as irmãs e, com o passar do tempo o gosto e o desejo de ensinar aumentou a ponto de se formar como professora.

Posteriormente, já formada e atuando, o desgosto com a profissão gradativamente se instala e, para entender, segue a fala de P6 em relação às adversidades enfrentadas no ambiente laboral:

Eu vivia momentos em que eu sentia adoecer na escola anterior. Era a falta de materialidade, a comunidade carente e o grupo péssimo! A escola é a que eu trabalhei desde 2002. Saí dela e nela tive vários problemas. Tinha a falta de apoio da coordenação, da direção que sempre ficavam do lado da comunidade e não respaldavam o professor. Pessoas falsas que te tratavam como amor, querido e aí, viravam as costas e faziam caretas, caretas mesmo e isso foi esfacelando muito o grupo. As perseguições com as pessoas, coisas de picuinha mesmo, como arrombar armário, mesquinharia, coisas pequenas mesmo e criou-se um clima muito ruim. Muitas pessoas infelizmente adoeceram. Foi muito ruim, você vai desmotivando, aí você perde, porque não vê mais o sentido em fazer um bom trabalho, o respaldo que você precisa não tem. Foi de 2002 à 2016, 14 anos nesta escola. As demandas são muito grandes e os conflitos também. (P6)

E ainda ao ser questionada sobre o gosto pelo exercício da docência, P6 responde:

Renata, igual eu falei, a gente vai sonhando, eu alfabetizei as minhas irmãs e era uma coisa que eu amava. No transcorrer da profissão foram acontecendo muitos embates e houve um desgostar gradativo. Então, aquela paixão lá do iníciozinho perdeu-se muito e isso coincidiu principalmente depois do que houve. A gente não sabe que está adoecendo... (Pausa para choro e água). Eu já estava adoecendo, mas sem saber e houve um fato que deu o bum em tudo isso. Teve uma excursão ao Museu do Brinquedo (...) que culminou com a chegada da polícia na escola me procurando (...) foi horrível e aí eu não aguentei. (P6)

Atualmente P6 encontra-se afastada de licença a maternidade, fez terapia, se recusou a tomar os remédios antidepressivos, pois temia deixá-la muito mal. Está estabilizada em relação aos sintomas da síndrome e não pretende retomar as atividades da escola no mesmo ritmo de antes.

Muito pouco restou da paixão de infância, do sonho de ser professora e da alegria de ensinar. Neste lugar, vivenciou o pânico, o choro e a decepção. Gradativamente o ser professora se distancia de sua vida e suas atividades reprodutivas ganham força, sobretudo com a chegada dos gêmeos. Da paixão de infância ao desgostar gradativo: o retorno ao lar!

### **P7 e a educação como um sonho até o declínio com *Burnout***

P7 é uma professora com idade de 48 anos. É viúva, tem dois filhos. Um menino com 11 anos e uma menina de 15 anos. É formada em Licenciatura plena em Matemática, atualmente não está realizando curso de especialização e exerce atividade remunerada como docente na prefeitura de Ibirité. A entrevista se deu na escola por um período de 1 hora e 29 minutos. Tempo expandido e suficiente para notar o seu entusiasmo em dizer sobre a educação, apesar de igualmente equiparado à sua desilusão.

Atua como docente desde 1994 em Ibirité e desde 2013 nas duas redes (Ibirité e Belo Horizonte). Permanece nas duas escolas afastada da sala de aula, em readaptação funcional auxiliando na coordenação.

A escolha da profissão aconteceu por acreditar na conquista de um grande sonho. P7 nos traz:

Eu achava que a revolução viria por meio de da educação. A revolução do amor, do país. Quando eu falo de revolução, eu falo de você ter uma melhoria de vida para as classes menos favorecidas, não estou falando de revolução ideológica, mas da revolução que pode trazer transformações, consciência e que as pessoas lutassem e acreditassem mais nelas. Eu queria fazer a transformação. Eu vinha do movimento estudantil e aí eu já lutava e pensei que continuando na educação eu poderia fazer a transformação como professora. Eu queria transformar, eu queria lutar contra as opressões que norteiam tantas vidas, libertar muitas pessoas e por meio de da educação eu vou conseguir desempenhar esse papel. (P7)

Segundo Benedetti e Marco (2016) a professora acalentou em sua trajetória o idealismo e o amor pela educação com o desejo de transformar o mundo a partir da sala de

aula, a crença no poder da educação e sua força redentora. No entanto, com uma dose alta de sofrimento, descobriu que justamente essa paixão e esse desejo de mudança, eram o que elevavam e intensificariam a sua queda. Eram as características pessoais que a deixariam vulnerável ao *Burnout*. Freire (2000) já dizia que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível, de tomar o saber da história como uma possibilidade e não como determinação. Fazer a mudança... então, o que não aconteceu?

Ao ser questionada sobre o que a fez mudar o olhar em relação a profissão, P7 diz ser uma profunda decepção, porque sentia estar lutando, abandonando a sua vida pessoal, enfiando a cabeça no serviço e não tinha retorno:

Eu não tinha o retorno do próprio sistema. Ele me cobrava coisas que eu não acreditava e não confiava no meu trabalho. Não importava se eu estivesse produzindo conhecimento ou não, que aquele aluno ia alcançar o conhecimento a médio e longo prazo. Era necessário saber se naquele ano eu representava um número. Eu ouvi de uma inspetora que eu era medida na vertical. Ela olhava quantas médias vermelhas que eu tinha, que ela não queria saber nada na horizontal, porque lá era aonde estava o processo, a produção que eu tinha feito com os meus alunos, que era a matéria lecionada nos diários antigos. Eu te avalio na vertical! Então são coisas que eu fui ouvindo, fui brigando muito com esse sistema e... cansei! (P7)

A falta de reconhecimento também é um ponto assertivo para a discussão que por ora se instala. E ao contrário, perceber o reconhecimento faz com que o profissional se sinta como alguém importante no processo educacional, foi o que relata a entrevistada quando questionada sobre as suas atuais atribuições atuais, depois do laudo da síndrome “agora está bom, estou fora de sala e fazendo o que dou conta. Não é algo insignificante. As pessoas sentem a minha falta, pensava em como iria terminar a minha vida profissional” (P7).

Ao ser questionada sobre o exercício da docência diz estar decepcionada: “Já gostou muito, mas a frustração foi maior” (P7). E aponta como causa de seu adoecimento muita decepção e tentativas frustradas de desenvolver um trabalho, que na sua opinião, seria significativo e relevante para os alunos. Por insistir e lutar para concretizá-lo, foi transferida desta escola.

Após a sua transferência, no outro ano com a mudança de gestão, houve o compromisso de voltar com todos os professores para a escola de origem. A ligação e comunicado foi feito nas férias, com total apoio e reconhecimento pelos profissionais e na

tentativa de se retratar em relação ao que houve. Então pode-se pensar que tudo estava resolvido, mas “... aí que veio todo o meu adoecimento” (P7).

Para Benedetti e Marco (2016) algumas características do sistema público de ensino no Brasil têm dado margem para que muitos professores bons sejam acometidos pela síndrome todos os anos e abandonem as salas de aula, fato ocorrido com a entrevistada.

Por mais que seja apaixonado pelo que faz, na sala de aula, com o seu esforço individual, não consegue transformar a realidade de tantos alunos em meio a tantos problemas. Essa autora ainda pontua que a síndrome de *Burnout* é a triste consequência do desmantelamento do ensino público, da crise de valores humanos essenciais no ambiente escolar, ao lado do esvaziamento do trabalho docente e da queda vertiginosa dos níveis de aprendizado dos alunos. Muitos desses fatores presentes na fala de P7.

O mal-estar docente, o desenvolvimento de *Burnout* e o abandono da docência são fases (ou etapas consecutivas), segundo Benedetti e Marco (2016) de um mesmo problema: o esgotamento psicofísico, a exaustão emocional dos professores que, sendo mais idealistas e comprometidos, acabam tomados pela profunda e inexorável desilusão em relação ao verdadeiro alcance de sua atuação dentro de um sistema que em algumas vezes não é parceiro e tampouco coaduna com os anseios do professor.

Ainda segundo as autoras, os principais detonadores da doença são a sobrecarga de trabalho, altos níveis de estresse decorrentes dos contatos conflituosos e interpessoais com alunos, pais, gestores, a falta de controle sobre os resultados do trabalho, a falta de autonomia, a falta de perspectivas de melhoria, a descrença em relação ao sistema de ensino e, a desvalorização social.

Percebe-se que P7 passou por todas as situações e foi acometida pela doença. Não deixou de acreditar e lutou até ser transferida e depois novamente convidada a voltar, mas já exaurida pela situação extenuante que passou, adoeceu:

(...) porque quando eu retorno para a escola, aí eu vejo aquele filme todo passando. Eu achava que o problema era a escola, mas eu já estava adoecendo. Então eu não dava conta e comecei a passar mal. Eu ia para a escola e tinha crises de desmaio, crises de convulsão, coisas que eu nunca tinha tido na minha vida, tudo emocional, de entortar a boca, a mão, de desmaiar, tudo que você pode imaginar. Acordar e não saber aonde eu estava. Fiz tratamento com neuro e não tinha nada do ponto de vista neurológico, era tudo psiquiátrico. E aí, iniciou o tratamento que dura até hoje. Nesta época eu custei a entender, eu achava que era tudo, mas eu não achava que era por

causa da profissão. Eu não achava que tinha adoecido por causa de tudo isso. Eu acho que o que aconteceu desta transferência foi a gotinha d'água. O sistema já vinha me adoecendo. A frustração de você querer fazer e você não conseguir, ela te adocece. É como se você corresse, corresse, corresse e não saísse do lugar. É essa a sensação. Você não vê transformação. Você entra há 25 anos atrás querendo transformação, os anos passam você adapta, adapta... você vê a educação descendo ladeira abaixo, então isso te adocece. Isso foi determinante para o meu adoecimento, as contínuas frustrações, a gente vai apanhando, apanhando, apanhando, chega uma hora que a gente não aguenta! (P7)

A professora mesmo doente não queria deixar de trabalhar, denotando o que já discutimos sobre as estratégias de enfrentamento e resistência demonstradas pelas mulheres professoras no exercício de suas atividades. Questão inclusive de análise neste trabalho. Para isso, P7 retrata:

Aí eu me afastei, pedi licença, não conseguia voltar e tentava voltar não dava conta e tirava licença e meu médico falando, me orientando e falando...você tem que aceitar, você tem que aceitar. O que você tem hoje é um adoecimento profissional. (P7)

Na demonstração de não aceitação, na busca por respostas que não a convencesse que o problema não teve origem no trabalho, P7 contra-argumenta: "... mas meu marido faleceu, eu estou assim por isso. Fiquei com dois filhos e minha filha está muito rebelde, está entrando na adolescência. É por isso que eu fico muito cansada com tanta coisa..." (P7).

Em consulta com o médico, ele a responde dizendo que tudo isso é verdade também: "O falecimento do seu marido, a solidão, a criação e fases dos filhos, mas, ao ser indagada sobre o trabalho e quando é que você chora no consultório..." (P7) reflete que é apenas quando fala de sua escola, da sua profissão, pois é aonde dói. Sobre outras coisas difíceis se permite falar, mas, já sabe de soluções que não a machucam. Então, P7 relata que o médico foi conclusivo ao dizer que o seu problema foi um quadro de esgotamento profissional ocasionado por se dedicar tanto!

P7 não está equivocada em pensar em outras causas para o seu adoecimento, pois de acordo com Benevides-Pereira (2010) a síndrome pode ocorrer por uma constelação de fatores, como intensidade, frequência, circunstâncias em que ocorre, bem como da capacidade individual de lidar com estes estressores, do momento da vida e do suporte social existente, tanto no local de trabalho, como familiar, social. A dificuldade foi em aceitar que o seu sonho por uma educação melhor tivesse a conduzido ao adoecimento.

P7 atualmente está afastada de sala de aula, em readaptação funcional por laudo emitido por perícia médica e se dedica a atividades que envolvem alunos, mas não em sala de aula e nem com quantidades grandes. Relata um episódio em que entrou em uma turma para manter em ordem até que a professora responsável chegasse e passou mal. Teve pânico, sensação de falta de ar e quase desmaiou. Foi saindo lentamente da sala para não cair na frente da turma, ao que uma colega avistou e imediatamente a socorreu e retirou da sala.

Diz ainda não dar conta da sala, ser uma situação mal resolvida: “sala por como eu não dou conta, sala de aula nunca mais!” (P7).

### **P8 - Como estar parcialmente doente? Até meio dia estou bem e depois já não sei como devo estar...**

P8 é uma professora, formada em Pedagogia, casada, tem dois filhos com idade de 16 e 19 anos, tem 44 anos e trabalha na rede municipal desde 2006. Faz pós-graduação em Alfabetização e Letramento.

A mediação do contato foi realizada pela professora entrevistada anteriormente. Ambas haviam sido acometidas pela síndrome e a entrevistada anterior entrou em contato com P8 passando o meu número de celular para ajustes dos detalhes. A entrevista durou aproximadamente 1 hora e 12 minutos, pois tivemos que em alguns momentos interromper para que o pessoal registrasse o ponto no computador. Ficamos em um local que fatalmente ocorreria esse tipo de situação, mas não foi nada que comprometesse o propósito em questão. Um fato curioso foi que, ao finalizar a entrevista com P8, ao ser indagada sobre outras pessoas que já teriam passado pela situação de adoecimento por razão da síndrome, rapidamente me indicou outra professora na própria escola e se disponibilizou a ir ao seu encontro, conversar e me apresentar. A participação de P9 é fruto dessa mediação e será apresentada na sequência.

A escolha da profissão se deu por influência de sua mãe e das primas que já estudavam no magistério. Depois desenvolveu o gosto e foi se aprimorando na área, fez faculdade, concurso e passou.

Esse gosto foi gradativamente se desfalecendo em meio a tantas adversidades que 25 anos de profissão trouxeram para P8. Diz que quando começou não achava o ofício estressante, mas de uns 10 anos para frente, tem achado, principalmente porque a

responsabilidade que antes era da família, migrou totalmente para a escola. E vir para a escola se tornou um sofrimento por várias razões, como constatar o descaso da família e o desinteresse dos alunos.

P8 afirma ter tido alguns problemas relacionados a estresse, vários fatores emocionais, que tornou a prática de ir para a escola e estar naquele ambiente um sofrimento profundo. E sendo assim, já foi desenvolvendo uma série de reações para evitar aquele momento:

Eu quero estar passando mal, eu quero estar com febre, eu quero estar com gripe para não ter que ir para a sala. A princípio não ir para a escola, pois eu não tinha a visão que a sala era a escola. Depois de um tempo afastada da sala que eu mudei essa visão, essa relação com a escola. (P8)

Essas frases assertivas pareciam contribuir para o adoecimento e fuga de P8 de uma realidade que a impelia todos os dias ao sofrimento. Corrobora ainda dizendo:

Eu não sei o que ocasionou todo esse sofrimento, mas um certo dia eu não estava dando conta nem mesmo de sair do quarto. Fui ao médico e ele me deu um tempo de atestado, fiquei dois ou três dias afastada, depois mais atestados e aí, pelos relatos que fui apresentando no consultório ele foi conclusivo. Eu dizia que estava tentando dar aula e tinha menino passando debaixo da mesa, tinha que parar e chamar a atenção, sofria ameaça indireta e um monte de outras coisas e meu médico achou melhor me afastar. Tive uma melhora, fiquei dois anos fora e esse ano o meu laudo foi cancelado. (P8)

A situação final citada, em que o laudo médico de P8 foi cancelado, a fez voltar para a sala de aula e tudo o que havia vivenciado e lhe causava sofrimento, retorna com força ainda maior. E uma sucessão de laudos se fizeram necessários e para afastar-se da sala de aula a medida extrema foi adotada e a justiça acionada. O processo continua e a audiência é prevista para o próximo ano, devido ao cancelamento de um laudo referente a um dos turnos de trabalho, como ela diz:

(...) como eu tinha dois BMs um horário eu tinha que voltar para sala e no outro eu ficava afastada. Eu saio de casa e estou ótima. Depois do almoço eu não estou bem e preciso ficar de laudo. Isso gera um conflito com a gente mesmo. Eu estou ou eu não estou doente? O que eu tenho? Atualmente estou afastada das duas escolas porque entrei na justiça. Pela prefeitura eu entrei com um processo administrativo. A perícia me deu o laudo definitivo, passou uns cinco dias, fui convocada novamente e me colocaram em uma sala com duas médicas. Uma que se dizia psiquiatra e a outra médica clínica. Cada hora uma perguntava uma coisa, eu não conseguia colocar a minha cabeça em ordem para responder e aí chegaram para mim e falaram que eu

tinha condições de voltar em um horário e seria observada no outro. De repente, em menos de dez minutos as médicas mudaram a minha situação. (P8)

Situações arbitrárias como essa, além de causar frustração e intensificar os sintomas de sofrimento ganham aderência ao que se considera um fator desencadeador da síndrome, identificado como falta de autonomia ou arbitrariedade de determinadas situações burocráticas vivenciadas no exercício da profissão.

Após tantos desgostos na atividade laboral, P8 diz estar profundamente desmotivada com a educação. Quando estava praticamente liberada, ela relata ter se abatido novamente e não tem conseguido se levantar, precisa ainda de remédios e antidepressivos para ajudar a dormir. Recebe orientações e motivação do seu médico no sentido de se arrumar, cortar o cabelo e se ver bonita, no entanto, acredita que se assim o fizer, ao chegar na perícia, seu laudo será cortado e ela terá que voltar para a sala de aula, conclui com tristeza:

Entende, eles querem ver você mal, eles querem que você fique mal, se estiver com a aparência má, eles vão te deixar fora da sala de aula. Como estar parcialmente doente? Até meio dia estou bem e depois já não sei como estou...é uma situação conflituosa. (P8)

Finaliza demonstrando descrença no sistema e profunda decepção, sendo essa a força motriz inclusive da ausência do seu desejo em retornar às salas de aula.

### **P9 –Do laboratório para a sala, do entusiasmo à frustração. Como o sistema pode tolher os sonhos e desconsiderar os frutos?**

P9 é uma professora com 45 anos. Atualmente solteira, sem filhos, tem formação em Ciências Biológicas e faz pós-graduação à distância. Trabalha um turno na prefeitura de BH desde 2003 e esporadicamente faz revisão de material didático do 3º Ciclo para uma empresa. Atualmente encontra-se afastada de sala de aula em readaptação funcional.

Entrevistá-la foi uma grata surpresa já mencionada no relato anterior, pois foi contactada já escola em que trabalha, indicada pela sua colega que já sabia de sua situação de saúde similar. O convite foi aceito e conversamos por 1 hora e 26 minutos. Permanecemos no local em que entrevistei P8 por sugestão e aceitação de ambas. A professora demonstrou, ao longo da entrevista, sentimento de tristeza, descontentamento, um riso constante, que pareceu-me reações de cinismo e ironia, não em relação à entrevistadora, mas ao que relatava e com mágoa conseguia expor. Em alguns momentos, precisava parar, parecia precisar recuperar o

fôlego e retomar. Frequentemente fazia perguntas retóricas: “Onde foi que eu parei mesmo? Bem, sobre isso, eu penso que...difícil essa resposta” (P9), ou diretamente a mim: “O que você perguntou mesmo? Minha memória está horrível!” (P9). O choro insistia em invadir a sua exposição, assim como, o desejo de cumplicidade demonstrado ao buscar sempre respaldo da sua fala na entrevistadora, através da aquiescência com os fatos.

Em virtude de uma doença (Alzheimer), trouxe sua mãe para morar com ela e cuida da mesma, o que gera atividades extras e exige mais a sua dedicação que em outros momentos, pois diz ser um tratamento quase como o destinado à uma criança.

As suas atividades profissionais, inerentes à dinâmica da sala de aula, nunca finalizavam na escola. Relata ser muito ansiosa, levava para casa e não se importava em imprimir para casa, gastar o seu dinheiro com a escola. Atualmente, em readaptação funcional, já não leva nada para casa. Seu tempo, como já mencionado, quando sai da escola, tem sido dedicado aos cuidados com a mãe e ainda com a casa. Tem uma acompanhante que contribui nesta tarefa, até para que P9 saia um pouco sozinha, tente fazer atividade física e se distraia, afirma que se não for assim: “eu piro a cabeça” (P9).

A escolha da profissão se deu por influência de sua mãe, que era pedagoga e posteriormente pelo seu desejo de ensinar e o prazer de acompanhar o crescimento da criança. Menciona que se encontrasse com ela em 2017 (período em que teve a síndrome) não diria isso nunca: “Estava de licença e não aguentava ver menino na frente” (P9).

As adversidades encontradas no decorrer da profissão trouxeram marcas dolorosas e tiveram como causas: direções complicadas e com perfil diferente, que não escuta o grupo, dificuldades financeiras que inviabilizam muitos projetos, grupos difíceis com muito ciúme, competições, falta de valorização do profissional e de iniciativas interessantes que acabam por minar o desejo de fazer diferente, às vezes até mesmo de simplesmente fazer. Eu aprendi a não ligar: “Deixo pra lá e me fecho, fico na minha, não fico mais estressada” (P9).

O desgaste no trabalho tem se destacado e complementa a sua desilusão relatando um fato marcante na sua trajetória que acredita ter intensificado a sua desmotivação:

(...) nós tínhamos um laboratório de ciências todo montado para o 6º e 9º ano. Nós arrumamos ele em parceria com os professores de Artes e Educação Física. Um professor ficava no laboratório para orientar as práticas, sendo assim, alguém precisava ficar fora de sala. Aí todo o ano tinha aquele processo: prefeitura-regional, a regional negava, recorre a SMED, que às vezes deixava e às vezes não,

dependendo da gestão. Isso me deixava muito cansada, muito cansada. Já ficamos em primeiro lugar com o projeto, mas todo ano é a mesma luta. E aí eu estourei, sabe?! Você quer fazer o seu melhor e os meninos gostando, até que eu entrei de licença. Foi aí que a depressão vem a tona, já estava controlada desde a faculdade, mas voltou. A parte administrativa só quer ver resultado e muitas vezes não dão condições de trabalho. (P9)

Considera o trabalho extremamente estressante e se sente aliviada por estar de laudo. Diz que os meninos vêm de famílias desestruturadas, não tem equilíbrio para saber lidar com os seus sentimentos, são agitados, não veem com as noções básicas de educação de casa. Ainda caracteriza o ambiente escolar como barulhento, a discrepância dentro de uma mesma escola de um grupo bem envolvido e outro que fica zombando, fazendo piadas pelas costas, a falta de reconhecimento por parte dos colegas professores, o esforço enorme para fazer com que os alunos escutem, façam silêncio, respeitem os espaços, saibam se relacionar, e conclui: “... acho que qualquer trabalho deve ser assim, mas o nosso público vem tão sem base: afetiva, emocional, educacional no sentido de pedir licença, parece que tudo se resolve na grosseria” (P9).

A professora elenca os fatores estressores no seu local de trabalho que funcionam como detonadores do estresse e a consequente instalação da síndrome. Ao que ela não pode nem se permitir ficar triste, cansada ou deprimida para não interferir na qualidade de suas aulas e no desempenho dos alunos. Esse lutar sem sair do lugar, consumir-se por inteiro é o processo que se dá em resposta à cronificação do estresse ocupacional.

Logo, o *Burnout*, pode ser considerado não apenas uma doença individual do professor, mas também um sintoma do adoecimento da escola ou do próprio sistema de ensino, principalmente quando tolhe sonhos e desconsidera os frutos de professores idealizadores e comprometidos.

### **P10 - Pela educação e por meio de dela, por sonhos e mudanças**

P10 é uma professora com 69 anos. É viúva, tem três filhos: dois homens (41 e 35 anos) e uma mulher (35 anos). Faz pós-graduação em Educação inclusiva, Autismo e Metodologia do ensino. Atualmente trabalha em apenas um horário e está na educação desde 1984. Tem um horário flexível na escola, por não estar mais desenvolvendo atividades em sala de aula. Atua com grupos menores de alunos para sanar alguma emergência referente a

alfabetização ou algum caso de aluno (a) com necessidade especial. Seu laudo médico é de apoio à coordenação e atuação com alguns casos específicos de alunos. Optou pela escola para uma entrevista que transcorreu por 58 minutos em uma sala mais isolada, com a incidência bem menor de barulho.

Ela se manifestou tentando por vários momentos dizer da sua condição de superação e não adoecimento conquistada a preço de mudança de hábitos alimentares, atividades físicas, a constante participação em cursos, palestras e intensa prática de leitura. Considera que teve um episódio pontual que desencadeou a síndrome em um momento de sua vida. No seu caso, as suas condições no trabalho interferiram, mas não se definiram como principais estressores rumo a doença.

Discorre, em tom sempre muito seguro em suas colocações, que as mulheres têm uma tendência a absorver mais as coisas, quando não, a própria sociedade tende a pôr mais peso sobre a mulher, por isso estão mais propensas a adoecer por estresse ocupacional. Completa dizendo da existência de um condicionamento cultural, no qual a mulher é exigida desde pequena a ser mãe, esposa e o homem tem mais tranquilidade em relação a essas exigências.

Quando questionada sobre a sua escolha profissional, diz nunca ter pensado em ser professora. Por influência de sua mãe se formou no magistério. Depois de formada, foi trabalhar em outras áreas. Posteriormente se casou, teve filhos e fez o concurso da prefeitura para ser professora municipal. Diz ter encontrado a educação parada no tempo e quis chegar para marcar e fazer a diferença, acrescenta:

Eu achava horrível da forma que era. Os alunos todos perfiladinhos, aquela coisa ortodoxa. Eu comecei fazendo algumas coisas diferentes, tirando os meninos da sala. A educação não pode ser processada assim: repete-copia! Consegui muitas coisas, sou considerada uma professora diferente. Ah, se a escola fosse minha...O meu trabalho é reconhecido em toda a rede municipal pelos alunos e pais. (P10)

Por meio de do discurso de P10 percebe-se um tom de saudosismo em sua fala. De uma profissional que se determinou a inovar suas práticas para a realização de um bom trabalho. Essa característica, em doses regulares e conforme a personalidade de quem se refere, pode ter consequências traumáticas, quando frustrada. É o que Benedetti e Marco (2016) diz se referir em seu livro “Eu, professora e *Burnout*” sobre as condições de determinados sistemas educacionais que adoecem professores dedicados, conduzindo-os ao quadro de esgotamento profissional.

Contudo, esse contraponto com a fala de P10 nos faz perceber a realidade dos fatos. A predisposição para a síndrome, segundo Carlotto (2012) diz muito de fatores individuais, dentro de um complexo contexto de relações sociais envolvendo as concepções pessoais, eu e o outro.

P10 ressalta sempre em sua fala, ser uma pessoa que estuda muito, busca se informar e ainda se preocupa com novos conhecimentos para lidar com as dificuldades encontradas no trabalho, mesmo estando a poucos meses de sua aposentadoria. Busca fazer cursos na área e próximos da área, que darão melhores condições para o exercício diário com os alunos. Reflete que a causa de tantos adoecimentos entre os professores pode ser em virtude do descuido do profissional consigo mesmo. Não há tempo para uma terapia, aulas alternativas, conhecimento de si próprio, logo, o professor não consegue lidar de uma maneira saudável com tantas realidades diferentes. Exemplifica P10:

Eu estou sempre atenta. Assisto vídeo, leio, saio daqui e faço compra, fiz curso de biodança e acho que isso me ajuda no trabalho afetivo, profissional, com os colegas. Sou uma pessoa muito reflexiva. Fiz terapia. Esse cuidado o professor deve ter. Ser cuidadoso com ele mesmo. Devemos lembrar que interagimos com mundos diferentes, que cada criança traz um pai, uma mãe, uma avó...cada criança é um mundo. Imagina 30 crianças?! O professor deve estar atento e saber que ele tem que estar preparado para isso. (P10)

Esse alerta que é trazido pela professora encontra respaldo dentre as inúmeras recomendações para que se garanta uma qualidade psíquica saudável e, com isso possa afastar os riscos de adoecimento por *Burnout*.

No caso de P10, ela cita um momento de desconforto em seu trabalho, que contribuiu para o seu adoecimento paralelo à fatos de cunho particular evidenciados em sua vida familiar:

Eu não me afastei por causa do esgotamento, eu já estava de laudo médico quando tive o adoecimento. A minha neta nasceu com sérios problemas de saúde e eu estava com uma turma complicada, que exigia muito de mim. Turma boa, mas que exigia muito de mim. Eu acredito que a junção deste cansaço que eu tive, mais problemas pessoais, essa pressão que eu tive, junto com o cansaço, o esgotamento, a necessidade de fazer tudo certinho...ah, e também na época tinha umas acompanhantes de escola cobrando demais. Tinha que fazer planos de aula de acordo com os parâmetros, aquela pressão, muito difícil! (P10)

A pressão institucional, normas redefinindo as ações docentes de forma arbitrária, desfazendo ou mesmo desconsiderando o profissional e toda a sua bagagem podem se

constituir como estressores fortes para o acometimento pela síndrome. Estudos indicam que as pressões advindas do trabalho têm uma repercussão muito negativa e pode conduzir, sobretudo a uma forte carga de exaustão emocional. (Benevides-Pereira, 2010).

P10 finaliza a sua fala dizendo ainda de sua energia para prosseguir e fechar a sua carreira com sucesso. Sua neta está bem, recuperada, se desenvolve com saúde. Ela está afastada de sala de aula em virtude de laudo médico por questões motoras. Desenvolve atividades com uma, duas crianças e às vezes até quando a escola está precisando de alguma ajuda com turma ela se disponibiliza a atuar na regência.

Dessa forma, diz ter um trabalho mais calmo, menos estressante. Trabalha com projeto de intervenção pedagógica, com alunos com dificuldades de alfabetização e segue com seus ideais acreditando na educação, ladrilhando sonhos e promovendo mudanças.

### **P11 –O desafio da jornada múltipla, sendo mulher professora e a propensão ao adoecimento**

P11 é uma professora com 36 anos. É casada, tem uma menina de dois anos, declara ser formada em Pedagogia e faz uma pós-graduação em inclusão. Trabalha na Educação infantil na Rede Municipal de Contagem e na rede de BH respectivamente há 11 e 6 anos.

A entrevista transcorreu por 55 minutos na sala dos professores, que tinham apenas duas pessoas e esporadicamente entrava um funcionário ou outro. Perguntei se não se sentiria desconfortável em estar se expressando e alguém por acaso ouvisse, mas ela disse que não seria problema. Todos da escola são solidários, já conhecem a sua história e saberão agir com discrição.

Há cinco anos ela atua trabalhando em duas escolas. Sua carga horária semanal é de 40 horas, nos turnos da manhã e tarde, nas redes citadas, incluindo o tempo de deslocamento que é de aproximadamente quatro horas.

Apesar dos desafios vivenciados na atuação docente, como indisciplina e falta de limites dos alunos, declara gostar muito de ensinar. Ver os alunos aprendendo, causa-lhe grande satisfação. Gosta de ir trabalhar, sempre gostou e desde quando decidiu ser professora, realiza as tarefas com prazer.

Acredita que a razão de seu esgotamento profissional se deu em consequência de uma série de fatores de cunho particular, incrementados pelas condições/características do trabalho. Vivenciou a situação de adoecimento de seu pai na mesma época do nascimento da filha e alterações na dinâmica do seu trabalho. O pai sempre saudável e disposto, de repente é diagnosticado com uma doença grave (câncer de pulmão), sofre um acidente e quebra o fêmur, acarretando dias de hospitalização. A sua mãe, por consequência e presenciando todo o sofrimento do marido, também adocece. P11 está voltando às atividades após a licença a maternidade. Precisou deixar a filha ainda bem nova na escola, a mesma começou a adoecer demais, tendo a sugestão dos médicos de inclusive interná-la. Isso, paralelo ao adoecimento dos pais e mudanças significativas na escola.

Os sinais foram perceptíveis pelos colegas de trabalho e membros da família que aconselharam P11 a procurar ajuda especializada. Ela mesma não se deu conta de sua condição de maior irritabilidade, nervosismo, choro constante e aparentemente sem motivo. Quando acata a sugestão das pessoas ao seu redor e decide buscar tratamento, é afastada do trabalho, recebe a orientação de realizar atividades físicas e descansar. Relata que não sentia vontade de nada. Só tinha vontade de ficar em casa, às vezes nem de olhar a filha, não queria sair, não queria ver ninguém, só queria ficar chorando:

Às vezes o meu marido queria sair no final de semana e eu não queria nada, nem ver ninguém, nem conversar, nem fazer nada. Deixava a casa toda bagunçada, não queria mexer com casa, não queria mexer com roupa, não queria mexer com nada.  
(P11)

Fortuitamente, P11 encerra a sequência de entrevista possibilitando uma reflexão acerca da questão proposta neste trabalho: Em que medida a condição feminina da mulher professora implicada em uma jornada múltipla de atividades, seja por almejar melhores condições financeiras, pelo desejo de realização pessoal ou para subsidiar e manter as condições de existência de outras pessoas, pode ser um fator que corrobora para o seu adoecimento pela síndrome de *Burnout*?

Dessa forma, infere-se que a sua condição de mulher, esposa, filha e mãe lhe acarretaram fatores estressores que a conduziram à síndrome. As questões postas a respeito do ambiente laboral merecem destaque e ganham maior ênfase quando são utilizadas também para ilustrar que o *locus* onde P11 atuava poderia ser um fator nulo ou de propensão para o esgotamento. Essa constelação de fatores culminou no seu adoecimento.

Hoje, ela está trabalhando, faz uso de medicamentos para controlar as consequências da síndrome. Comenta sobre as várias tentativas, frustradas, de seguir a orientação médica no tocante à atividade física. Segue com a criação da filha e em alguns momentos lhe atribui a culpa da filha ser muito nervosa. “...acho que essa agitação passa pelo leite” (P11).

Administra as tarefas de casa, a jornada de atividades profissionais ainda extenuantes (justifica que não pode trabalhar apenas um horário por necessidades financeiras).

A sua mãe faz tratamento para depressão, desde o falecimento de seu pai e P11 ainda se ressentido de todos os acontecimentos desse período e tenta se reerguer a cada dia enfrentando o desafio da jornada múltipla, sendo mulher professora e a propensão ao adoecimento.

### **CAPÍTULO 3 – A VOZ DA MULHER PROFESSORA ACOMETIDA PELA SÍNDROME DE *BURNOUT***

O objetivo deste último capítulo da dissertação é analisar o material coletado nas entrevistas com as professoras utilizando principalmente as ferramentas conceituais da teoria da Divisão sexual do trabalho. Representa o encontro com as subjetividades docentes em confronto com as condições materiais desveladas. Para compreender o fazer-se docente no contexto da totalidade, elegeu-se ouvir os sentidos atribuídos pelas professoras em relação a si própria e ao trabalho que realizam.

A partir do perfil descrito anteriormente já se iniciam algumas reflexões que terão seu desenvolvimento e conclusão nas linhas que seguem, objetivando compreender a relação entre ser mulher, o exercício da docência e o adoecimento pela Síndrome de *Burnout*.

Para esse fim, foram elencados alguns subitens com a divisão dos assuntos e reflexões feitas a partir da retomada do título da pesquisa: Ser mulher, professora da Educação Básica: do trabalho múltiplo à Síndrome de *Burnout*.

Inicialmente foi proposto a análise do que significa ser mulher e as situações nas quais encontra satisfação, como o casamento, os filhos, a independência econômica e também; os desafios, pois em alguns momentos, vivencia sentimentos de insatisfação com as escolhas feitas.

Partindo da noção de gênero como uma construção social, Scott (1988), que chancela alguns comportamentos e os define em uma lógica de binaridade associado aos homens, imputando à mulher as responsabilidades do trabalho doméstico, a manutenção do casamento e a repercussão dos impactos da sua saída quando opta por realizar atividades assalariadas.

No segundo tópico, vislumbra-se como possibilidade “ouvir” o que a mulher professora tem a dizer do seu trabalho, da sua profissão, como agem e como são vistas.

Já no seguinte, propôs uma reflexão a partir das falas das professoras sobre a profissão docente, o trabalho - muitas vezes é confundido com não-trabalho, com um ato generoso de doação pelo seu aluno, a múltipla jornada de atividades e sobre a relação entre trabalho realizado pela mulher professora e o adoecimento.

Aqui são trazidas algumas vivências dessas mulheres professoras quando acometidas pela síndrome e a sua relação com os demais fatores responsáveis pelo seu adoecimento.

### **3.1 - Ser mulher... das delícias e das dores do gênero**

Discutir gênero implica considerar as construções sociais acerca dos sexos biológicos, masculino e feminino, que historicamente foram sendo sedimentadas e criaram dois grupos distintos na sociedade. Tal divisão se estende para além dos muros dos espaços domésticos e encontra vazão no mundo do trabalho assalariado, no qual existem trabalhos para homens e outros destinados às mulheres. O lado perverso dessa lógica é que o trabalho desenvolvido por eles sempre tem maior valor social e econômico agregado em relação à mesma atividade desenvolvida por mulheres.

Evidenciando-se assim, os dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho, a saber: a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (Hirata; Kérgeat, 2007). Essa opressão, especialmente às mulheres em todas as áreas e ocupações profissionais, sobretudo naquelas em que os papéis masculinos são hegemônicos.

Esses dois princípios organizadores podem ser melhor compreendidos por conceitos correlatos.

Lima (2013) ao analisar as trajetórias das mulheres cientistas na Física, esclarece as exclusões vertical e horizontal as quais são submetidas no campo da ciência:

Após décadas de mudanças sociais e de conquistas dos movimentos feministas, os obstáculos que impedem e dificultam a maior participação das mulheres no campo científico, apesar de concretos, não são formais. A literatura sobre a temática apresenta dois tipos de exclusões das mulheres nas ciências: a) a exclusão vertical, que se refere à sub-representação das mulheres em postos de prestígio e poder, mesmo nas carreiras consideradas femininas; e b) horizontal, que se refere ao pouco número de mulheres em determinadas áreas do conhecimento, em geral, de maior reconhecimento para a economia capitalista, as consideradas ciências “duras”- exatas e engenharias. (Lima, 2013, p.2)

Desta forma, Lima (2013) diz que essas exclusões se evidenciam em momentos decisivos e distintos: um em relação à escolha da área e outro em relação à permanência e à ascensão na profissão. Como metáfora para representar o obstáculo invisível, porém concreto, que impede as mulheres de chegarem a determinadas posições de prestígio nas profissões, a autora recorre ao uso da terminologia “teto de vidro”:

Esse conceito contribui para o entendimento de duas importantes questões: 1) a transparência do vidro, que se refere à ausência de barreiras formais/ legais que impeçam a participação de mulheres em cargos e posições de poder, ou seja, as dificuldades das mulheres não podem ser medidas somente pela ausência de dispositivos legais contra sua atuação profissional; 2) a posição de teto, que representa que há um entrave para ascensão das mulheres, dessa forma, é possível que elas transitem pelas posições dispostas na carreira até um determinado ponto. (Lima, 2013, p.3)

Para dizer de toda a complexidade do conceito que, sobretudo, abarca os obstáculos dispostos no decorrer da carreira científica, ainda que não formais, Lima (2013) amplia e traz o conceito de “labirinto de cristal”, indicando que os obstáculos encontrados pelas mulheres, simplesmente por pertencerem a esse gênero, estão dispostos ao longo de sua trajetória acadêmica e, até mesmo antes, na escolha da área de atuação. O labirinto simboliza os diversos obstáculos dispostos e suas consequências, como: desistência de uma determinada carreira, sua lenta ascensão e estagnação em um dado patamar profissional.

Sendo assim, a metáfora do labirinto de cristal contribui com o entendimento de que os obstáculos enfrentados pelas mulheres estão presentes ao longo de toda trajetória profissional e, não somente em um determinado patamar. Focalizam uma inclusão subalterna das mulheres e uma condição de sub-representação nas posições de prestígio. Culmina, por fim, a possibilidade de se compreender que as barreiras e armadilhas do labirinto não estão somente associadas à ascensão na carreira, mas também ao ritmo da conquista do reconhecimento de atuação e à sua permanência ou não em determinada área.

Iniciar uma reflexão como essa em um trabalho em que os sujeitos da pesquisa são admitidos para realizar as suas atribuições por meio de concurso público, ou seja, o ingresso dos candidatos aos cargos públicos é aberto a todos e a concorrência é livre, independente do sexo pode parecer desnecessária e em vão, salvo se não fosse para desembocar em uma discussão sobre em quais condições a mulher professora chega para competir pela vaga e quais desafios supera diariamente envidando esforços para manter-se no cargo.

Em termos sociais e culturais, segue sendo atribuída às mulheres a responsabilidade de grande parte do trabalho doméstico, bem como do cuidado de crianças, idosos e de pessoas com deficiências, ou seja, atividades não remuneradas no âmbito privado, como aos homens caberia a parcela maior de produção mercantil remunerada no espaço público. Assim sendo, apesar da crescente incorporação das mulheres ao mercado laboral, elas não conseguem desvincular-se do papel social a elas designado, o que dificulta suas possibilidades de participar equitativamente das oportunidades e gera uma sobrecarga física que prejudica suas condições de bem-estar.

Segundo Quirino (2011) permanece o padrão da divisão sexual do trabalho doméstico. As mulheres permanecem como as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas fora do lar, como as professoras participantes desta pesquisa.

Esse tempo dedicado aos afazeres domésticos e aos cuidados com familiares que, por constituírem um trabalho não valorizado pela sociedade, acabam se tornando um “trabalho invisível” e refletem no menor tempo dedicado ao trabalho “produtivo” pelas mulheres.

Uma situação foi extraída do relato de P1, na ocasião da separação do marido, precisou trabalhar em três horários para manter os custos com as suas despesas e dos filhos, que sempre fizeram tratamentos especializados em virtude do diagnóstico de autismo. Ao ser questionada sobre as atividades domésticas declara não ter ajuda de ninguém, pois morava em São Paulo e não tem família em Belo Horizonte. Casou e veio viver aqui. Diz que o marido não ajuda muito:

O marido quando quer e não está cansado ajuda. Eu com dor ou cansaço, sempre faço”! Eu não tenho família aqui. Casei em outra cidade e vim para BH. O meu marido não me ajuda muito, tem as suas limitações...(pausa)...não, ele é um “*filho da puta*” mesmo! Não me ajudava e tinha uma cobrança a mais. É mais ou menos assim: Você é minha mulher e você tem que ser minha mulher todos os dias. Quem tem dois horários de trabalho, três filhos, não tem como ser todos os dias e nem vontade e ele não dava nenhum incentivo para dizer que...estou cansada, mas vou (rs). Eu sou vítima de abuso psicológico. Quando eu não fazia tudo o que ele queria, principalmente em relação à sexo, tinha punição. (P1)

Nessa perspectiva, a mulher padece dessa dupla carga: a opressão, o preconceito, a marginalização pela sua condição feminina e a exploração na esfera econômica, imputando-lhe uma dupla jornada como trabalhadora doméstica e assalariada (Quirino 2015).

Souza e Guedes (2016) afirmam que todos os modelos de organização no espaço doméstico existem no Brasil, com intensidades diferentes:

Com a maior participação das mulheres no mundo laboral, o modelo tradicional vai cedendo espaço para o modelo de conciliação, cada vez um traço mais corriqueiro da sociedade brasileira. O modelo de delegação não tem proeminência no país, uma vez que o serviço doméstico pago não está acessível a todos. O modelo que menos ecoa é o de parceria; desnecessário, por evidente, comprovar como poucas mulheres possuem em seus lares um compartilhamento equânime das tarefas com o cuidado. (Souza; Guedes, 2016, p.130)

A jornada múltipla de atividades que se imiscui com o universo privado nos dá o indício de uma vida marcadamente definida pelo trabalho, sem tempo para o lazer, a família ou momentos de descanso. E é neste contexto que a entrevistada se encontrava.

Nesta época eu não dividia, era tudo muito junto e misturado. Levava atividades para casa, muito sobrecarregada, não dava atenção para ninguém. Então foi uma vida até então de abrir mão de muitos momentos ou abrir mão do meu descanso para poder realizar e ser pontual, mas tinha uma questão de uma grande paixão, de chegar ao ponto de fazer igual eu já fiz, de comprar folha do meu bolso, de comprar estêncil do meu bolso. Quando você começa tem muita paixão em tudo, você abre mão mesmo de sua vida pessoal para poder investir no profissional, porque você vai com tudo, você acredita e aí, é tudo ou nada! (P7)

Excessiva carga de atividades, precariedade do sistema público de ensino, cobranças e prazos. Segundo Benedetti e Marco (2016) a sobrecarga de trabalho cria o conflito trabalho-família, caracterizado pelo excesso de demandas ou questões incompatíveis entre a vida familiar e profissional. São fatores determinantes para o desenvolvimento da exaustão emocional e preditora do *Burnout*. As condições de trabalho precarizadas contribuem para o aumento do estresse.

Essas asserções em que se estampam a sobrecarga de cobranças e atividades evidenciadas no trabalho, segundo Benevides-Pereira (2010) tem sido apontadas como predisponentes ao *Burnout*. Refere-se tanto à quantidade como à qualidade excessiva de demandas, que ultrapassam a capacidade de desempenho. De outra maneira, Peiró (1999) salienta que o contrário também pode vir a ter consequências, pois, tanto quanto muitas

atividades sobrecarregam o indivíduo, poucas ou irrelevantes tarefas, muito simples ou rotineiras, em relação às habilidades e destrezas do trabalhador, podem também ser a causa do estresse laboral. Acrescenta Quirino (2011) o conceito de qualificação supérflua, quando o sujeito é subutilizado em sua capacidade, tendo uma condição laborativa bem superior às demandas que lhe são exigidas, em geral, possuem experiências e formações profissionais muito acima e, até díspares, do necessário para os cargos que ocupam.

Outra questão que nos alerta em relação ao primeiro relato é o fato da condição da mulher ser sempre a responsável pelos filhos, casa, marido e atribuições que o ato matrimonial pode desencadear. O marido só “ajuda”, terminologia que já diz de algo que alguém faz e você apenas contribui, não tendo responsabilidade direta com o fato. E quando não está cansado ou indisposto, apenas se estiver descansado, disponível para cuidar da casa e dos filhos. Relatos semelhantes corroboram para desencadear a discussão:

Às vezes ficava preocupada com as atividades da escola e pensava se fazia ou então se eu tirava um tempo, se meus filhos me cobrassem: Nossa mãe, vamos sair, vamos brincar, você não brinca com a gente...e aí eu sabia que se eu deixasse ali aquele tanto de prova sem corrigir e fosse fazer qualquer atividade com os meus filhos, isso implicaria que na hora que todo mundo fosse dormir, eu ficaria acordada até pelas duas, três horas da manhã, como fiquei várias vezes. Porque eu tinha prazo, eu tinha que cumprir. Eu não conseguia sair da escola e nem estar em casa. Ou a escola não saía de mim. (P7)

Aí, eu chegava e a minha filha ficava mamando uma hora no peito. Isso me desgastava demais e eu não tinha paciência. Não sei se a gente que é mãe acaba se sentindo culpada por tudo. E eu achava que estava passando tudo para ela. Ela é uma criança muito nervosa, muito difícil de lidar (choro). (P11)

Essas colocações nos remetem às pesquisas de Aranha (1989) retomando as premissas do patriarcado, período no qual a mulher é confinada ao mundo doméstico, reduzida à função de reprodutora da prole e destinada aos cuidados com os mesmos, subordinada ao chefe da família, que por sua vez, já assume funções e atividades extra espaços do lar, o modelo do profissional masculino: livre dos afazeres da reprodução, e ajudante na melhor das hipóteses, e ainda mantém com um altíssimo custo para as mulheres, um modelo doméstico feminino: conciliador, dividido e subjugado entre as múltiplas jornadas de trabalho.

E ainda, a partir desse relato, pode-se dizer do sofrimento da mulher professora no desafio de administrar o seu tempo. Como os homens continuam se dedicando ao trabalho produtivo de maneira praticamente integral, elas, se esforçam para articulá-lo com o trabalho

doméstico, com todos os encargos de antecipação, organização e coordenação entre diferentes tempos e lugares.

Essa dupla jornada de trabalho a que as mulheres estão expostas, constitui uma importante barreira para o seu desenvolvimento profissional e conquista de qualidade de vida, primando por momento de tranquilidade e refazimento das energias. Tal situação, foi denominada pela socióloga Balbo (1994) como “dupla presença”:

Constitui uma figura historicamente nova, determinada pela soma de suas presenças parciais, meia presença no trabalho, meia presença na família, o que quase esgota para as mulheres qualquer possibilidade de outra dedicação a si mesmas, em termos de descanso, distração e estudos. (Balbo, 1994, p.30)

A situação na qual as mulheres se encontram exigem de si grandes esforços para driblar o cansaço e equilibrar o tempo. Uma presença que, em termos de horário, possa se dividir em dois meios tempos, o que não acontece em termos de concentração e tensão. Para conseguir, precisa se ausentar de qualquer outra esfera que lhe requisite atenção e desempenho além desse duplo trabalho. Assim, vivencia o desafio da dupla presença, acrescentando, dessa forma, sentido à ideia de dupla jornada, que pode pressupor a possibilidade efetiva de concretizá-la, sem a necessidade de lógicas específicas manejadas por quem necessita estar ao mesmo tempo em dois lugares.

Trata-se, de uma dupla presença e de uma dupla ausência, porque estão e não estão em lugar nenhum ao mesmo tempo. O relato de P7 nos fomenta essa discussão quando diz da dificuldade de conciliar as demandas docentes, que sempre se estendem para a casa e as atividades de casa, que cobram por seu tempo regular diário, no caso específico, a atenção requisitada pelos filhos.

Teria como dizer que partem das mesmas condições para o exercício do trabalho assalariado? É importante esclarecer que os estudos sobre a divisão sexual do trabalho abrangem as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, tanto no trabalho remunerado e nas profissões, quanto no trabalho doméstico, acompanhando o desenvolvimento, avanços e deslocamentos dessa divisão do trabalho entre os sexos.

Neste sentido, Kérgeat (1996) enfatiza que a divisão sexual do trabalho ocorreu a partir da designação entre a diferença de atividades desenvolvidas por homens e mulheres na sociedade como complementares e com base em uma estruturação familiar. No entanto, o

espaço privado tornou-se uma demonstração de poder do gênero masculino sobre o feminino, estabelecendo assim uma relação de poder dos homens sobre as mulheres. Para a autora:

[...] a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; esta forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc). (Kér goat, 1996, p.1)

Foi possível perceber também na fala de P1 como concilia a jornada intensa de médicos especializados no atendimento aos filhos autistas. Os tratamentos em mais de um dia da semana e em horários comerciais, o que demandava se ausentar das atividades e uma super otimização do tempo para equalizar todas as atividades. Ela acrescenta: “Tudo uma loucura, tudo eu. Meu marido quando ele quer. Eu com cansaço, com dor...eu sempre” (P1).

P1 ainda fala sobre os sérios problemas pessoais, o excesso de cobranças e funções assumidas por ela que pode tê-la exposto à vulnerabilidade pessoal e o conseqüente adoecimento. Esta questão tem a ver com o papel social da mulher no mundo contemporâneo, em que assume duplas ou triplas jornadas de trabalho, vivencia conflitos e se sente sobrecarregada entre o mundo do trabalho e da vida pessoal. Ela percebe relações entre seu adoecimento, a dupla jornada de trabalho e as diversas funções que exerce ao ser mãe, esposa, dona de casa e profissional:

Meu filho eu descobri com mais de 10 anos o diagnóstico do autismo. Ficou errado por 4 anos, até conseguir acertar os remédios e terapia de acordo com o que ele de fato tinha. Até se certificar do seu problema, eu o troquei de escola por 4 ou 6 vezes. Porque se ele não se encaixava naquela escola, eu não posso forçar todos a inclui-lo. Ele sofria muito. Eu cheguei a escutar que ele era um problema e ele, resolveu se matar. Aí entramos com antidepressivo, ansiolítico. Tinha a questão do *bullying*, da discriminação. Era uma jornada além do trabalho. (P1)

A mulher vivencia os dilemas de uma era da transição, em que não é mais apenas a mãe, a figura mais importante, já vista nas sociedades organizadas de forma matricêntricas e matrilocais, não é a líder, em uma sociedade matriarcal, no que pode-se dizer em analogia a sociedade patriarcal. A mulher talvez nunca tenha participado de organizações sociais matriarcais, seja ela animal ou humana. Foi a figura central, mas não a dominadora (Muraro, 2002). É a figura indispensável, mas não reconhecida como tal, exceto para o desempenho das atividades domésticas. Transita entre o espaço doméstico e se estende para o trabalho

assalariado arcando com o custo de um retorno árduo de atividades ao chegar. Foi o que contribuiu P3:

A gente trabalha demais. Porque é de seis a seis. Desde a hora que eu começo a me arrumar até chegar em casa, seis horas da tarde e já seguir para as atividades domésticas. São doze horas direto. Trabalhamos mais que outros profissionais. Nós atendemos 40 alunos de uma só vez, já o médico, dentista, atendem um de cada vez. Eu chego em casa e nem sento. Já vou logo pensar no jantar, lavar as roupas. O pai dos meus filhos nem passava pela cozinha. Chegava, deitava no sofá e tinha tudo à mão. (P3)

Muitas idealizam o sonho do casamento, da maternidade e ao realizarem se veem desprovidas da parceria do marido, nas demandas de casa e do pai na criação de seus filhos e totalmente subsumidas nas atividades do lar. Descubrem as delícias e as dores de ser mulher expostas aos desafios da múltipla jornada de atividades nas quais são cobradas a execução de atividades de maneira solitária e pouco participativa.

Isso se deve possivelmente pelo que Kérigoat (1996) nos traz em relação aos papéis pré-definidos entre homens e mulheres na sociedade. Logo, essas duas categorias de gênero: masculino e feminino, não podem ser apenas considerados como seres que possuem diversidade biológica. A questão vai além e torna-se centro de uma separação social, ocupando dois grupos distintos na sociedade. Para Kérigoat (1996):

As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas são antes de tudo, construções sociais. Homens e mulheres não são uma coleção ou duas coleções de indivíduos biologicamente distintos. Eles formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica: as relações sociais de sexo. Esta, como todas as relações sociais, tem uma base material, no caso o trabalho e se exprimem por meio de da divisão social do trabalho entre os sexos, chamada de maneira concisa: divisão sexual do trabalho (Kérigoat, 1996, p.1)

Também Hirata e Kérigoat (2007) apresentam o termo da divisão sexual do trabalho com duas acepções de conteúdos distintos:

[...] trata-se, de um lado, de uma acepção sociográfica: estuda-se a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho entre os sexos. (Hirata; Kérigoat, 2007, p.2)

É como dizer que os cuidados da casa, dos filhos fosse exclusivamente da mulher. E ainda que assim o fosse, a sobrecarga de atividades seria desigual e razão pela qual pudesse até mesmo ceder ao adoecimento. E essa não foi uma das hipóteses suscitadas neste trabalho ao tentar se compreender o objeto de estudo? P2 contribui:

Eu acho que a mulher é mais propensa a adoecer no trabalho, porque a mulher preocupa mais com as coisas. Somos como uma esponja, absorvemos muitas emoções. Não estou dizendo que não tem homens nesta condição, mas essa tendência tem até a base em nossa formação cultural. Temos que ser mãe, excelentes profissionais, excelentes esposas, e toda essa carga que já vem posta para gente por essa cultura. Já faz com que a gente já nasça achando que vamos nascer e caminhar na vida com essa função, então emocionalmente a gente fica mais fragilizada e mais propensa a sofrer e sugar toda essa energia aí, essas coisas. O homem não, pela questão cultural também, porque a ele é dado desde pequeno não se envolver em atividades domésticas, com raras exceções. A carga, a responsabilidade do homem é buscar o sustento e trazer para casa. Então já não tem que ficar preocupando, se ligando em pequenas coisas e a mulher ela se liga em todas essas coisas. Ela sai para o mercado e vai acumular todas essas funções. (P2)

Nessa perspectiva Hirata e Kérgeat (2007) afirmam que a análise acerca da divisão sexual do trabalho é fundamental para ir bem além das simples constatações das desigualdades. É um esforço para mostrar o sistema por trás dessa desigualdade, mostrar a forma concreta como ocorre na sociedade a utilização dessas disparidades para manter um padrão de separação e hierarquização das atividades, assim como de sexo e, por conseguinte, fomentar as construções do gênero.

Dentre as atribuições ditas das mulheres, também é esperado que sejam cuidadoras dos seus em tempo integral. Esse fato pode ser confirmado a partir da análise documental dos dados, na qual se verifica que o maior número de afastamentos é de professoras em gozo de sua saúde perfeita para acompanhar pessoa doente. Isso foi dito na fala de algumas entrevistadas, quando ilustra um pouco dos seus desafios diários:

Eu levo coisas da escola para fazer em casa, mas tenho que fazer as de casa também. Eu quero dar atenção a minha família. A minha mãe já está idosa e não mora comigo. Então eu tenho que passar lá para conversar com ela, levá-la ao médico. Ela tem necessidade de conversar e isso eu não posso deixar. (P6)

Minha filha teve dengue, aí eu tive que ficar internada com ela por um bom tempo. Licença novamente, agora por causa dela. (P1)

Sempre corri atrás de seus direitos. Da menina foi ainda mais difícil, porque eu não queria ter a terceira filha. Então dela, já foi mais estressante. Eu me lembro quando o médico diz: sua filha é autista! Não sei como eu consegui chegar em casa. Saber do diagnóstico correto do menino foi um alívio, entrou com o tratamento, a medicação correta e tudo foi melhorando...agora, com a menina...tudo passa na sua cabeça: você não quer ter filho, mas você é mãe e assume. Eu sabia do trabalho, ela era mais comprometida do que ele, porque ela não falava, apenas resmungava, ela tinha a questão do isolamento social. E... mais, aí você guarda tudo na sua caixinha, tudo que você sabe que vai explodir depois. Não tem nada que fica guardado por muito tempo. Na época estavam os dois em tratamento: quarta de manhã, quinta a noite, sábado e segunda. E eu trabalhando os dois horários, sem ajuda e sem ninguém. O pai achava que não precisava de tanto. Depois, ele reconheceu..., mas até lá, tudo só eu! (P1)

P11 relata em uma lógica que tenta romper com a divisão das tarefas entre os sexos. Diz ter a convicção de que os trabalhos podem ser desenvolvidos por homens ou mulheres, basta gostar e se tornar bom naquilo que faz. Isso é refletido na sua vida, quando narra a execução das tarefas domésticas feitas por ela e o marido. Ambos dão faxina, fazem comida e cuidam da filha. Ela ressalta:

(...) é pesado para o meu marido também, ainda mais que ele está estudando à noite, depois de um dia de trabalho. Mas ele ajuda...ajuda não, é meio que dividido mesmo. Porque não é ajudar a mulher. Temos que ter parceiro mesmo! (P11)

Apesar de acreditar que o trabalho deve ser dividido, pontua que a mulher ainda está mais propensa ao estresse ocupacional em virtude das tarefas desempenhadas e da criação de um filho. Acrescenta:

Não sei se é o excesso de trabalho, se são os problemas...Deixa eu pensar...Eu acho que geralmente a carga maior fica para a mulher, mesmo que o homem ajuda em casa, muitas vezes a mulher acaba sendo mais sobrecarregada, por trabalhar fora, de cuidar das coisas de casa, de cuidar do filho. Acho que o filho também é mais para a mãe do que para o pai, por mais que o pai está ali, ajudando, eu acho que a mulher é mais sobrecarregada. (P11)

Percebe-se que a terminologia ajudar retoma nessa fala, embora tenha sido negada no trecho anterior. Assim sendo, pode-se pensar em uma tentativa de rompimento com essa lógica da divisão sexual do trabalho. Mas ainda está muito arraigada e historicamente marcada no seio social. A colocação de que o filho é mais para a mãe... por quê? Se tiver que

faltar ao trabalho, levar ao médico, quem assumirá tal responsabilidade? Por que não se pensar no pai para acompanhar uma vez que P11 diz da parceria entre o casal? Já percebe-se um deslocamento para além da lógica da divisão, mas oscilações ainda pairam na fala denotando como esse *modus operandi* é presente e norteador das ações.

Em alguns momentos, essa divisão das atividades domésticas e assalariadas são concebidas como inconciliáveis, a ponto de ou se é do lar ou profissional. Foi o que P10, traz ao dizer das várias atividades que desenvolve extra escola: sai, dirige, vai ao banco, gosta muito de atividades domésticas, fazer comida, arrumar cozinha e lavar roupa. Diz ter sido agraciada por Deus por ter duas características muito diferentes, mas complementares:

(...) sou muito intelectualizada, gosto de estudar filosofia, psicologia profundamente, mas amo ter esse lado casa, terra, que peguei da minha avó. Às vezes estou lavando roupa e escutando uma palestra sobre filosofia. Sou doméstica e intelectual (P10)

Em sua fala pode-se supor que P10 considere como atividades incompatíveis ser doméstica e intelectual. Não parece algo tão estarrecedor e nem tampouco eivado de pré-conceitos de sua parte, pois em virtude de uma série de demandas domésticas, muitas vezes o tempo que poderia ser destinado a outras atividades parece exíguo à muitas mulheres, ou muitas abandonam os estudos assim que se tornam esposas, mães e donas de casa. E ainda que esse tempo existisse com fartura, a condição física já ditaria o seu ritmo.

Essa posição em que a mulher ainda se encontra implicada, na qual responde pelos afazeres domésticos e as atividades que lhe são demandas por se constituir como tal, pode ser vista como Beauvoir (1970) descreve:

O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. (Beauvoir, 1970, p.12)

Para as autoras estudadas (Beauvoir, 1970; Kérigoat, 1996; Hirata, 2010) dentre outras, o trabalho doméstico é um trabalho invisível, desvalorizado e não reconhecido pela sociedade, além de ser designado às mulheres, e somente a elas.

Todo o esforço de análise por ora empreendido não visa, a partir da divisão sexual do trabalho, vitimizar as mulheres professoras. O que se espera é fomentar o debate, dar visibilidade à atuação e produtividade femininas – nem sempre vistas ou valorizadas nas tramas sociais – e explicitar que, não obstante às várias atividades que desenvolve, estão

rompendo estereótipos, preconceitos e exclusões, estabelecendo-se como protagonistas de sua própria história e ainda ressentindo das delícias e das dores do ser mulher.

### **3.2 - Eu, mulher professora... o que professo, tu professoras e o que vós professoras?**

Professor: termo que surgiu pela necessidade de convocar colaboradores leigos para a realização de uma profissão de fé e um juramento de fidelidade aos princípios da Igreja. Pessoa que professa a fé e fidelidade dos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos alunos (krentz; apud Carllotto, 2002)

Para compreender a constituição do “eu” das professoras entrevistadas e as relações sociais que marcam essas características é preciso problematizar os modos de ser e pensar lineares, hierárquicos e binários, intensamente presentes na cultura ocidental que dizem até da forma como a constituição das identidades de gêneros são constituídas. Aqui são suscitadas as percepções das mulheres professoras no exercício de sua profissão e o que paira no imaginário dessas profissionais, desde a escolha de seu ofício às motivações para manter-se no mesmo.

As análises a partir da concepção do gênero permitem ver a feminização do magistério como um processo contraditório, que não se limita à mera constatação da maior presença das mulheres na docência, mas sobretudo, implica em observar os significados femininos nas atividades docentes, até mesmo quando exercidas por homens. (Viana, 2013). Os significados femininos e masculinos podem também marcar as relações de gênero entre professores e alunos no espaço escolar e baseiam-se nas diferenças entre os sexos, mas essencialmente nas construções sociais, nas quais se é possível explicar as relações de poder que definem a divisão sexual do trabalho e a inserção das mulheres em profissões ligadas às funções consideradas femininas e socialmente mais desvalorizadas.

Para isso, parte-se da constatação da presença do sexo feminino no magistério a partir das relações de classe e gênero. Segundo Viana (2013) trata-se de um dos primeiros campos de trabalho para mulheres brancas das chamadas classes médias, estudosas e portadoras de uma feminilidade idealizada para essa classe e protagonistas da luta pelo alargamento da participação feminina na esfera econômica. Expansão hoje em crescente avanço e expressa na maior representação desse grupo nas escolas.

Cabe pensar em como se deu essa escolha, se ainda por vocação e devoção como resgatado no capítulo teórico ou quais seriam as motivações?

P4 relata que a avó era diretora de escola, e os homens em geral eram engenheiros e médicos: “Quando tinham alguma coisa para fazer além do serviço de casa, só podia ser professora”. As mulheres eram sempre professoras. Diz quando questionada sobre a sua opção profissional.

Apesar de se tornar professora, rompe essa tradição quando decide também se formar em Direito, já trazendo uma nova configuração para as gerações futuras. Não expressa em sua fala essa divisão sexual para o trabalho, embora tenha uma constituição familiar que corrobora para tal. Ao ser questionada sobre trabalhos de homens e de mulheres, diz que ambos têm capacidade de realizar qualquer trabalho. A separação vem de questões culturais, como constata em sua própria história. Então, por ser atrelado também a questões culturais, as mulheres devem sempre buscar profissões que tomam de empréstimo atributos que são tradicionalmente relacionados ao seu sexo, como amor, sensibilidade, cuidado e etc.?

Para P3, a escolha profissional foi direcionada pelas possibilidades que a opção lhe geraria:

Sabe quando as coisas vão caminhando, eu simplesmente me deixei levar. Me formei no ensino médio e não tinha profissão. Fiz o Científico. Comecei a querer trabalhar porque a vida foi ficando vazia. Minha vizinha era professora e eu admirava vê-la trabalhando de manhã e fazendo tapete a tarde. Sobrava tempo, sobrava muito tempo, e esse tempo que sobrava dava para cuidar da casa, descansar. Foi isso que me levou a fazer o curso de magistério. Depois fiz o concurso e passei. Ótimo! E eu, querendo imitar, porque sempre seguimos um parâmetro, fui e resolvi fazer como ela. Vou ser professora! (P3)

Com pouco tempo, P3 identificou equívocos nesta idealização. Não lhe sobraria um tempo digno, de qualidade, com seus compromissos quitados e descanso garantido. Foi necessário trabalhar mais. E com isso, optou pela extensão de jornada em sua escola. Fato que relata tê-la decepcionado muito. Pois diz almejar uma condição econômica razoável com o curso de magistério, ficar pela manhã se dedicando a sua casa, a tarde trabalha ou vice-versa:

A minha vizinha fazia tapetinho e ganhava dinheiro. Mas, ela tinha marido, quer dizer, salário. O dinheiro que entrava não era apenas dela. Como eu tinha marido para mim também dava, você entende?! Mas, a gente não quer estudar para ter marido, a gente quer estudar para ter dinheiro. (P3)

O discurso de P3 revela o sonho de muitas mulheres aspirantes à profissão docente. Buscam a realização em um trabalho de meio horário com vistas ao cumprimento do trabalho doméstico na outra parte do dia. O descanso requerido, muitas vezes fica subsumido ou mesmo execrado de suas vidas, tendo em vista outras prioridades. Talvez neste horário cuidar de algum parente, tentar realizar um curso de aperfeiçoamento. Essa idealização traz resquícios da constituição do magistério ao longo do tempo.

Historicamente, como traz Louro (1997), essa profissão foi se feminizando com vistas a se formar um modelo de educação calcado nos ideais republicanos, nos discursos que se constituem pela construção da ordem e do progresso, pela modernização da sociedade, pela higienização da família e pela formação dos jovens cidadãos. Logo, as mulheres se ajustariam a esse perfil profissional e ainda conciliador, pois teriam condições de retornar ao lar e dar sequência às atividades requeridas a ela. Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas fundamentais e que constituem a carreira feminina a priori, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas.

Para as professoras entrevistadas os motivos variam desde a vocação, instinto maternal à possibilidade de, por meio da educação, promover uma mudança social. É possível perceber também por ouvir os relatos e inferir que a relação de amor e afeto desenvolvida com os pares e os alunos representam um fator motivador para a permanência no ofício. O que parece nos dar indícios da perpetuação de discursos voltados para a inserção e permanência das mulheres professoras no magistério.

P1 contribui no tocante as relações, que considera um grupo de professoras de uma das escolas extremamente maliciosas, o que acredita ter contribuído para o seu adoecimento e P5 já direciona o afeto como a linha condutora das relações:

Há a falta de apoio e compreensão por parte dos colegas que me julgaram como se eu não fosse uma pessoa boa, uma profissional, porque eu adoeci. Me julgaram por eu não estar indo trabalhar, por estar de licença, por ter abandonado os meus filhos com o pai quando pedi o divórcio. Isso me magoa muito. Eu me sentia muito mal, muito incompetente, uma má profissional. Eu comecei a duvidar de mim e aí eu me afastava de sala de aula, eu queria me afastar da sala de aula. Na escola da tarde encontro apoio e sou acolhida. Tenho amigos que até frequentam a minha casa. (P1)

Eu gosto muito das crianças, me identifico demais e elas comigo, então, eu recebo um carinho imenso delas e daqui da escola também. Isso me ajuda muito. Quando eu

tive doente e fiquei doente mesmo, eles ficaram sabendo do meu retorno vieram me abraçaram, parecia uma festa na escola. O pessoal da equipe também. A escola é maravilhosa, temos uma união muito grande. A gente sofre pelo sofrimento dos outros e as pessoas sofrem pelo seu sofrimento também e faz de tudo para ser melhor. Porque trabalhar em escola não é fácil, é uma clientela complicada, mas o grupo faz ser bom. Um lugar muito aconchegante para se trabalhar. Aqui todos são amigos, saímos para comemorar, marcamos coisas fora, nos apoiamos para dar conta de tudo! (P5)

Nos dois relatos percebe-se como a comunhão de ideias, o afeto e a solidariedade são marcas na trajetória das mulheres professoras, deixando transparecer que são condições imprescindíveis para o bom desempenho de suas atividades. Não há dúvidas que a criação de um ambiente harmonioso favoreça o desempenho de quaisquer atividades, mas seria esse o ponto mais importante a ser destacado pelas mulheres professoras na sua atuação? Em que a afetividade corrobora para o ofuscamento da profissionalização desse grupo? Seria o fator primordial, imprescindível sem o qual não seria possível desenvolver um bom trabalho? Para essas respostas, esse relato suscita a reflexão:

O meu relacionamento com os alunos depende muito da turma. No ano passado eu tive uma turma ótima que gostavam de mim e eram carinhosos. Já a turma da manhã é indisciplinada, me testam o tempo todo, orientado pelos pais, que inclusive já foram na secretaria reclamarem de mim. Fazem fofoca e é horrível. (P1)

Seria então, talvez admitir que para ser uma boa professora você não pudesse ser carinhosa, ter o afeto como fio condutor de suas relações? A presença das mulheres na profissão estaria associada às características femininas vistas socialmente como negativas, como o desejável e visto como indicativo de competência técnica fosse a professora não ser dócil e não amar os seus alunos? Seria uma relação de ser mais rude para ser mais aceita, valorizada? Pode-se inferir que se trata de uma possibilidade de atuação, inclusive quando algumas professoras creditam à presença do homem na educação, o surgimento de relações nas quais o respeito e a autoridade são destacados:

Eu acho que a presença do homem na educação é interessante. O homem ele acaba sendo mais seco, mais direto. Ele atua mais direto com o aluno, tem mais facilidade de lidar com eles. (P2)

O homem domina melhor a sala, tem muito boa didática. Já as mulheres são mais maternais. É uma pena ter essa diferença. (P3)

A mulher tem um instinto maternal, talvez isso fosse importante na educação, mas os homens são um referencial importante para os alunos. (P5)

Acredito na capacidade individual das pessoas para a execução das atividades, principalmente na educação, mas é necessário habilidade e formação. Assim, a mulher é condicionalmente indicada para trabalhar na educação e o homem também, pois neste espaço, ele é aquele que faz a interdição, insere a criança no mundo das regras. (P10)

Vários estereótipos sobre homens e mulheres: agressivos e racionais para os primeiros, dóceis, relacionáveis e afetivas para as segundas, fomentando o antagonismo entre os gêneros como se fosse categorias excludentes (Viana, 2013).

As decorrências dessas falas corroboram para o que Scott (1994) diz quando as mulheres passam a ser geralmente associadas às atividades como alimentação, maternidade, zelo e educação, como os homens são vistos como provedores e lembrados pelo uso do poder. Às mulheres essa representação significa inferioridade quando comparada às atividades masculinas. E ainda, quando nesta oposição binária entre os significados masculinos e femininos, sedimentada pela sociedade de forma a-histórica às atribuições destinadas para os sexos só dificultam a percepção de maneiras de estabelecermos as relações sociais.

E no caso da docência, referenda os estereótipos de gênero que justificam os baixos investimentos na remuneração e formação docentes, na garantia de melhores condições de trabalho e de carreira, com a alegação de que professora não precisa ganhar bem, pois já tem um marido que a provê em muitos aspectos.

Um contraponto corrobora para a afirmação de que a presença de mulheres em determinadas profissões, para muito além do seu sexo, emana também as marcas de sua feminilidade, pode ser identificado quando Capelle (2006) menciona a entrada das mulheres na polícia como uma tentativa de humanizar a polícia, carregando consigo outras perspectivas e estereótipos. Ora, em uma profissão de constituição predominantemente masculina, em que as mulheres são requisitadas pelos seus atributos de gênero, é admissível pensar também que os homens no magistério também trariam marcas de seu gênero a essa profissão, como dito em alguns relatos.

Em que medida essas colocações não estariam eivadas da construção histórica do papel social da mulher?

Já P4, P6, P9 e P10 contribuem com as falas abaixo:

Não, eu acho que volta na questão cultural. Eu acho que a mulher teve esse espaço na educação bem antes dos homens. Hoje é raro você ainda ver um homem no ensino fundamental. Vê lá no ensino médio, mas eu acho que não tem nada disso. Eu acho que é questão cultural. Eu venho de família que a minha avó era diretora de escola, então na família dela, homem era engenheiro e a mulher era professora, então assim, não tinha outra saída. O avô dela foi médico e criou as filhas todas professoras. Numa época assim que a mulher só podia ser professora. Quando quisesse fazer alguma coisa fora de casa, tinha que ser professora. (P4)

Nas séries iniciais eu acredito que a mulher seria melhor, por essa questão de mãe. Tem mais essa cara. As crianças que demandam mais atenção carinho e isso eu acredito que a mulher daria mais conta, ela é mais indicada para as séries iniciais. (P6)

A gente pensa nas mulheres, né?! Na educação em geral, eu penso que os dois, na básica eu achei interessante ver homens às vezes, porque as mulheres tem aquele lado... não maternal..., mas de cuidado, um olhar mais de grupo, não tão individual. Mas eu acho interessante a presença masculina, não seria apenas local da mulher mesmo. A mulher tem certa sensibilidade, não sensibilidade, a mulher tem mais a percepção dos detalhes. (P9)

Eu acredito que a mulher é mais condicionada a trabalhar com a educação, mas acho que falta muito o papel masculino na educação, porque o homem na minha opinião e até o que a psicologia fala, ele insere a criança no simbolismo, no social, ele faz mais interdição. Então isso ajuda demais. Os nossos meninos veem a professora como mãe e isso traz uma certa confusão. A figura masculina principalmente para o segundo e terceiro ciclo é muito importante. (P10)

Essas colocações seriam ainda o resquício da declarada sociedade patriarcal em que as atitudes como autoridade, austeridade e sisudez seriam a garantia de uma boa condução familiar. Daí decorrem a perpetuação dos estereótipos dos gêneros em que os homens assumem como marcas e à mulher, cabe o seu oposto, ser dócil, sorridente e amável. A ela são reservadas características que a definem em função dos homens. Beauvoir (1970, p.10) embasa “A humanidade é masculina e o homem define a mulher, não em si, mas relativamente a ele...”.

Essa diferenciação já é perniciosa e equivocada, pois temos os sexos desempenhando ações inversas e nem por isso deixam de ser quem são e ainda nos dá indícios para fomentar o

quanto as separações por sexos ainda ressaltam ao que é professado por mulheres professoras em relação ao seu ofício.

A relação em que se estabelece o cuidado como premissa é visto como uma característica do gênero feminino. No relato de algumas professoras um sentimento natural, para outros, oriundo de um processo de socialização no qual as mulheres foram educadas para serem mais afetuosas, delicadas e carinhosas. Muitas atividades profissionais, por exemplo, que se relacionam ao cuidado são consideradas femininas (enfermagem, cuidar de crianças pequenas, lecionar nos anos iniciais, etc) e são inclusive profissões desvalorizadas por isso. Entretanto, o ato de cuidar, fundamental na relação com a criança, deve ser encarado como uma atividade que envolve compromisso moral e parte integrante da educação global dos indivíduos, independente do sexo que assume essas funções de cuidado na vida privada (Viana, 2013).

Nesse sentido, não houve consenso que existam atividades para homens ou mulheres de maneira específica, já definidas e nem que essas escolhas tivessem que ser pautadas pelo atributo afetividade. Do total de onze professoras entrevistadas, 9 disseram que tanto o homem quanto a mulher podem desempenhar as mesmas atividades, talvez a exceção seja apenas no tocante ao uso da força física ou habilidade para essa ou aquela função específica, mas nada que a tecnologia, o empenho e a vontade de fazer não resolva ou comprometa. Alguns relatos demonstraram que:

Hoje mudou muito, há uma mudança muito grande. Mas pelo tempo que eu venho trabalhando vejo tanto homem quanto mulher em várias funções, assumindo atividades variadas. Hoje está mais aberto. Não sei se é perfil ou necessidade. (P4)

Os dois tem capacidade de realizar todos os trabalhos. O que acontece é mais questão cultural. De mulher fazer determinado trabalho e homem fazer outro. Mas nada impede essa troca. (P5)

Não tem divisão, apenas se considerarmos as questões físicas ou destrezas. (P9)

Não acredito na divisão, pois aposto na capacidade individual de cada um. Todos têm potencial desde que goste e queira fazer. (P10)

Eu acho que tanto homem quanto mulher podem fazer todos os serviços, inclusive os domésticos. Ambos podem fazer. (P11)

Contrapondo essa opinião, duas entrevistadas trouxeram uma visão diferente que cabe como contraponto para a discussão. Para a mesma pergunta, referente à existência de trabalhos para homens ou mulheres, elas disseram:

Homens e mulheres podem exercer o mesmo trabalho, mas a mulher, se for na escola é melhor, pois é mais maternal e talvez desempenhasse melhor. A falta da figura masculina na vida das crianças seria apenas como um referencial masculino. (P5)

Tanto o homem quanto a mulher podem desempenhar todas as atividades, mas para falar a verdade, eu não quero levar as coisas para esse lado, pois pode parecer um preconceito, mas se você for tocando, tocando, eu vou falar mesmo. Eu acho que a mulher tem um perfil melhor, ligado a questão maternal. A gente acaba levando para esse lado. Mas, eu quero sair, fugir deste paradigma. (P3)

Elas ressaltam a questão maternal como especificidade da mulher para a dedicação à algumas funções, em especial na escola. Sobre isso, Almeida (1998) discursa que, a feminização do magistério primário no Brasil aconteceu num momento em que o campo educacional se expandia em termos quantitativos. A necessidade das mulheres neste ofício se deu, dentre outras razões, pelo impedimento moral dos homens educarem as meninas e os baixos salários.

Assim, surgem várias mulheres professoras, aliando-se ainda a essa demanda, discursos ideológicos que construíram uma série de argumentações que alocavam às mulheres um melhor desempenho profissional na educação, decorrente do fato de a docência estar relacionada às ideias de domesticidade e maternidade. Essa mentalidade da época teve o poder de reforçar os estereótipos e a segregação sexual a que as mulheres estiveram submetidas socialmente ao longo de décadas, por entender-se que cuidar de crianças e educar era missão feminina e o magistério revelar-se seu lugar por excelência. Até que ponto resquícios dessa forma de pensar ainda não embala os discursos professados pelas mulheres professoras nos dias de hoje?

### **3.3 - De qual trabalho falamos quando adoecem as mulheres professoras da Educação Básica da Rede Municipal de Educação/BH-MG?**

#### ***Professor, você trabalha ou só dá aula?***

É possível que a pergunta subtítulo desse tópico possa causar estranhamento a algum leitor, principalmente se não for professor. Podem estranhar aquele que nunca somou outras atividades além da docência para completar a renda, nunca tentou acomodar um pacote de provas no porta malas do carro, espaço o qual já competia com vários livros, apostilas, ou nunca viu uma revista da “Avon” ou “Tupperware” na sala dos professores. Se identificou?

Se não, pergunte a um professor, porque ser docente parece impelir a prática e compromissos que o sujeito não faz individualmente, ou automaticamente ao formar-se professor, mas que estes homens e mulheres herdaram, assumem ou negam frente ao emaranhado de afazeres, saberes, desafios, rotina, de conversas e cafés na sala dos professores.

Ser professor implica viver intercalando aulas, as reuniões de onde surgem projetos, os... “senta, espera, levanta o dedo, aguarde a sua vez de falar” os diários a preencher, os conselhos de classe, as provas, as notas, as reuniões. Ser docente se faz no processo, pois que o diploma não confere a experiência social que esse emaranhado proporciona.

Não tentando com isso, dizer que a profissão se efetiva em seu exercício apenas, como nos traz Chamon (2005) ao se referir ao professor que atuava com base no que aprendia no ofício, desqualificado, leigo, mas ser docente e, antes de tudo, fazer-se docente. Entende-se, portanto, que ser docente é, em amplo sentido, ser sujeito histórico.

Sendo assim, cabe uma breve digressão acerca da pergunta supracitada. A escolha desta indagação, além de constituir no uso de uma figura de linguagem, no caso de ironia, atende ao desejo de discutir e entender a razão de ser tão recorrente, possibilitando inclusive cogitar que constitua uma dúvida real que paira na mente de muitas pessoas e ainda está tão intrincada com os problemas atuais enfrentados pelos professores.

Essa pergunta também pode estar imbricada ao discurso que enfatiza a pequenez do professor (Kawakami, 2008), no processo de depreciação de que a carreira docente sofreu nos últimos anos, no descompasso entre a visão idealizada do professor e a sua representação social, constituída em práticas que afloram no senso comum. Qual professor que ainda não escutou ao ser indagado sobre a sua profissão, um sonoro “coitado” como conclusão da frase?

Infere-se que há indícios de que a centralidade do trabalho, para além da produção da humanidade e da vida, deve também contribuir para o crescimento e a construção do conhecimento. Para tal é profícuo levantar esse questionamento e provocar reflexões acerca da natureza do trabalho docente e da ausência da dimensão deste nas representações sobre a docência. E ainda pensar, que além do trabalho assalariado, há a presença de outros trabalhos desenvolvidos e invisibilizados, considerados com menor importância ou talvez até um não trabalho.

Em que medida o/os trabalho(s) desenvolvidos pelas mulheres professoras ocasionam o seu adoecimento? Sobre isso, não se furtou embrenhar no discurso das entrevistadas e trazer ao debate toda a sua riqueza. Vejamos os relatos, inicialmente acerca das percepções do trabalho na vida das professoras

P5 diz do lugar que o trabalho ocupa em sua vida e a força que encontra nele para a superação das dificuldades, o valor do grupo e a contribuição desse para a sustentação uns dos outros. O seu adoecimento, neste caso, assinalado pela síndrome teve os seus rastros alastrados pelo espaço de trabalho, estampado por meio de das licenças, da queda do entusiasmo em relação ao desenvolvimento das atividades inerentes à profissão, ao descontrole em uma reação com as crianças, mas não se pode dizer que foi ocasionada pelos estressores encontrados no desempenho da atividade. Para P5 o trabalho inclusive representa uma pausa de todos os problemas que vivencia fora dos muros da escola:

(...) quando eu estou aqui eu nem lembro dos problemas, mas acho importante prestarmos atenção aos sinais. Eu tinha taquicardia, achava que eu ia explodir, ou ia pegando no sono e acordava sobressaltada, suando frio, assim com pavor. Parecia que eu ia ter uma coisa, uma síncope, um ataque. Então a pessoa tem que perceber isso e às vezes não deixar chegar no ponto em que eu deixei. Porque com esse negócio da gente querer ser muito durona, você vai deixando e chega um ponto, em um estágio que você faz alguma coisa errada, você surta com uma criança, com uma mãe que às vezes não é fácil ou com uma colega de trabalho. (P5)

P1 demonstra o interesse em retomar as atividades, identificando a escola como o local que ainda pode lhe ajudar a recuperar, pois lhe exige um cuidado consigo mesma e para se apresentar aos demais, um cumprimento de protocolos sociais que a faz reagir, levantar e tentar se superar.

O trabalho, de acordo com Benevides-Pereira (2010) possui um significado especial na vida das pessoas, além apenas de representar uma possibilidade de sustento e manutenção da

vida, ele também se engendra como parte de nossa identidade pessoal. Almejamos por algo que nos complemente, tenha um significado pessoal e que possa nos realizar como seres humanos, de forma que nos reconheçamos como somos e por meio da ocupação que desenvolvemos. Preparamos para esse ofício nos bancos escolares, posteriormente nos dedicamos ao menos um terço de nossas vidas a realizá-lo, por pelo menos 30 anos e se esse tempo todo dispendido não for bem vivido ou não trouxer benefícios além do financeiro que garante a manutenção da vida, tudo pode ser muito frustrante e adoecedor.

P3 diz de sua realização no trabalho, local de esquecimento dos problemas e concentração total nas demandas que são inúmeras e dinâmicas. Diz continuar gostando e precisando trabalhar dois horários. Gosta, mas necessita. Seria quase como dizer nem gosto tanto assim, mas sou obrigada?! O trabalho tem esse viés que, de um lado é o responsável pela satisfação das necessidades, reconhecimento, identidade e regozijo com os seus pares, em algumas situações. Já de outro prisma, é causador de um sofrimento psíquico, em que o sujeito vive um estado de luta contra as forças que o estão empurrando para à doença mental. Levado muitas vezes pela imposição de ritmos penosos de atividades, modos operatórios prescritos, as hierarquias e os sistemas de controle. Tudo aquilo que no afrontamento do homem com a sua tarefa, põe em perigo sua vida mental (Dejours, 2015).

O prazer e o sofrimento são dialéticos, e embora concomitantes, um deles se sobressai. A organização do trabalho, para Dejours (2015) é de certa forma a expressão do desejo do outro, no movimento em que o trabalhador domesticado e forçado a agir em conformidade com os desígnios do outro. É expropriado de seu corpo e de sua competência para sucumbir as exigências da organização, de um cargo e realizar as tarefas impostas.

O contraste entre os sentimentos faz com que os trabalhadores busquem ressignificar o sofrimento para que o trabalho seja uma fonte de prazer. Afinal, o trabalhador substitui seu livre arbítrio pela vontade de outros, que instituem normas, as quais se impõem empecilhos à expressão das individualidades por serem alheias aos desejos e necessidades dos empregados. É possível inferir que, apesar do adoecimento com repercussões no trabalho, sendo este um intensificador desses sintomas em alguns momentos, P1 ainda o identifica como uma fonte de prazer, um local para aonde retoma o desejo de estar.

E ao adentrar sobre o trabalho, faz-se necessário pensar em sua especificidade, como ofício docente. Algo que o campo nos oferta com riqueza, nas falas de P11 e P8:

(...) o relacionamento difícil com as famílias, cada dia mais exigentes e delegando mais funções à escola. A indisciplina surge como protagonista da sala de aula em detrimento ao ato de ensinar. Esse vem sendo colocado em um plano secundário. O desgaste de ficar pedindo para prestar atenção, parar de conversar, administrar conflitos tem sido extenuante. (P11)

O professor lida com a indisciplina, o tratamento não é agradável com as famílias. Quando você fala alguma coisa, a família já vem logo na defensiva. A família não valoriza mais a educação. Esse momento ficou para trás. Talvez porque as pessoas consigam se virar com outros recursos mesmo sem ter estudo. Acho que a gente perdeu muito. Antes não tinha sofrimento de vir para a escola, essa coisa dolorida mesmo, chegar e não conseguir dar aula. Hoje você se preocupa mais com a disciplina, com o que você gostaria que eles aprendessem e antes não, você dava aula e tinha problema com um, dois alunos. Hoje, você tem um, dois que querem aprender! (P8)

Como descrito por P8 há vários elementos estressores no ambiente de trabalho, como preconiza Benevides-Pereira (2010) a considerar: algumas características relativas à pessoa ou grupo de pessoas receptoras do trabalho, ao tipo de atividade realizada, como lidar com clientes difíceis, agressivos, violentos, depressivos, como afirma Levy e Sobrinho (2010) e ainda acrescenta que as profissões pouco valorizadas socialmente, atividades que envolvam risco ou grande responsabilidade, principalmente quando há pouca autonomia para a tomada de decisões, podem desencadear a síndrome.

Apesar de qualquer trabalhador estar sujeito a adoecer pelo trabalho, há que se ponderar sobre a característica da atividade e a presença de fatores que corroboram ou desencadeiam estresse no exercício diário da profissão. Não é fortuita a prevalência de alto número de afastamentos por questões psíquicas em determinada categoria (nem sempre notificadas como tal, o que ainda pode supor um número maior de casos), como em outras o seu percentual pode ser bem menor. Caso não houvesse a ocorrência de fatores inerentes ao trabalho, esses valores deveriam ser uniformes entre todas as áreas:

Ficamos o tempo todo tentando equilibrar a turma e os conflitos. Isso e tudo mais causa o estresse no trabalho. A gente tem que fazer muita coisa, dar aula, cuidar da disciplina, tomar conta do emocional dos meninos. É problema com os colegas, com os pais. Às vezes, você chama a família para conversar e resolver o problema do aluno e você acaba arrumando mais um para resolver. Eu acho que é tudo isso, não apenas dar aula e nós não estamos preparados para isso. (P4)

Sobre o conjunto de atribuições do pacote profissional ser professor, soma-se ainda questões sociais que invadem o espaço escolar e clamam por soluções. São situações como a desestrutura familiar, a descrença social no poder de superação por meio de da escola, a instituição de ensino vista apenas como a possibilidade de conquista de uma renda para muitas famílias em situação de vulnerabilidade social e todo esse universo de problemas coexistindo com o objetivo da escola de ensinar representado ali pela figura do professor.

Sobre esses fatores tão intrincados na dinâmica da escola, o ensino fica submetido à condições externas: à família levar o aluno para escola e garantir a sua permanência com suporte em casa, ao aluno chegar alimentado e predisposto a aprender, ter tido em casa, a formação de hábitos indispensáveis a uma convivência harmoniosa, a valorização da escola como um espaço de possibilidades reais de um futuro melhor. Tudo isso, desafia e compete com a função precípua do docente: ensinar.

E saber sobre essa série de dilemas e desafios que precisam ser urgentemente superados, urge refletir na constituição do magistério como profissão. O professor trabalha ou só dá aula? Quais são os critérios seriam requeridos?

De acordo com Cericato (2016) a história das profissões demonstra que os ofícios são sociais. A divisão do trabalho contribuiu para a organização das sociedades em torno de funções. Sendo assim, a história das profissões, é a da constituição do processo da divisão social do trabalho. Sella (2006) argumenta que, um conjunto de pessoas e saberes são interligados por meio de uma profissão, estabelecendo as exigências que buscam demarcar os parâmetros para determinada atividade a ser executada.

Nesta linha, dentre os saberes requeridos, destacam-se o conhecimento especializado, a aquisição técnica ou arte, o grau de competência, a relação de confiança, responsabilidade, organização e regras. Freidson (1996) trata a profissão como um tipo de trabalho especializado, que varia em decorrência do conhecimento e da habilidade visto como requisitos para a sua execução. Classifica-o em categorias: não especializado, semiespecializado e especializado.

A docência possui um conjunto de conhecimentos e técnicas necessárias para o seu exercício, embora em algumas situações os professores são vistos como portadores e reprodutores de um saber alheio, de um saber que não é próprio, são apenas transmissores. Isso acontece quando ao professor lhe é tomada a autonomia no exercício criativo de sua prática, restando-lhe apenas sucumbir às prescrições. Ele precisa ser dotado de um saber

científico ou técnico? Em que pese o domínio de determinada área, como seria para transmiti-lo? Qual conhecimento técnico deveria possuir?

Para Altet (2001) o docente é um profissional do ensino e da aprendizagem, formado para conquistar as competências de ensinar (técnica) e não apenas dominar conteúdos de ensino (conhecimentos disciplinares). Prepara os conteúdos, promove a interação e faz o ensino acontecer. Essas atividades eram consideradas, desde os tempos mais remotos, como a área nobre, na qual o professor era reverenciado por ser a fonte do saber e do conhecimento. No entanto, em culturas como a nossa, seu prestígio foi decrescendo e expressões como “*dar aulas*” geram questionamentos sobre a credibilidade do trabalho, oculta o papel do profissional e fortalece a imagem de doação – consequentemente, não remunerada – construída historicamente, criando espaço para indagações do tipo: o professor trabalha ou só dá aula?

Logo, os dilemas vivenciados pela professora podem ser gatilhos para o desgaste profissional no exercício da função, quando não consegue se estabelecer com os requisitos constituintes de sua profissão, não consegue mediar um conteúdo a partir de uma técnica adequada. Essa inatividade forçada pelo contexto, pode conduzi-la a um processo de descaracterização de seu papel, a falta de identidade e consequente adoecimento no trabalho.

Em um universo de 11 professoras entrevistadas, 6 associaram a causa de seu adoecimento pela síndrome de *Burnout* aos aspectos estressores específicos e advindos do trabalho docente e 5 consideram que o fator preponderante para o seu adoecimento advém de questões intrínsecas à dinâmica de suas atividades extra muro das escolas e vida pessoal, com ênfase nas atividades desempenhadas em sua múltipla jornada.

Essa constatação proveniente da ida a campo, remete a reflexão em algumas frentes: verifica-se que em ambas as situações, o adoecimento se deu pelo trabalho, fosse ele na esfera pública, com previsão de salário, maior visibilidade e reconhecimento, ou ainda no âmbito do espaço reprodutivo, com a dimensão de responsável pela manutenção das condições de vida, portador de invisibilidade e pouco ou quase nenhum valor, um trabalho considerado invisível ou mesmo um não-trabalho. Conforme nos afirma a literatura, a síndrome é causada por estressores no mundo do trabalho e aqui cabe a reflexão: qual trabalho é esse?

Segundo P1, o seu adoecimento se deu por questões de sua múltipla jornada de atividades, com problemas pessoais apontados como decisivos e falta de amparo de seus entes familiares. Pouco ou quase nada agravada pelos estressores do trabalho docente em si. Ainda

em tratamento, sentia-se bem para ir em uma das escolas, na qual experimentava uma sensação de prazer e satisfação com o seu trabalho. Já na outra instituição em que lecionava, não se sentia acolhida, era vítima de julgamentos de colegas próximos a cerca de suas atitudes e licenças em virtude de seu estado de saúde, regente de uma turma de alunos muito difíceis e com pouco ou nenhum auxílio das famílias:

Eu adoeci muito mesmo, realmente pensei em muitas vezes em me matar, pois chega uma hora e você não vê mais sentido nas coisas. Eu adoeci muito mesmo e as coisas vão acontecendo e ir para a escola, dar aula, vivenciar tudo o que acontece, parece que tudo tem uma proporção muito maior que aparenta. (P1)

O fato de dosar em maior medida a causa de seu adoecimento a fatores ligados à sua vida pessoal encontra consonância com os relatos de outras professoras que também acreditam que fatos pontuais foram desencadeadores de seu esgotamento. Dentre elas, P2 atribui ao momento de uma gestação não planejada. Ela diz:

Eu sempre tive a vida que pedi a Deus. Trabalhava, saía e aproveitava a vida, mas quando soube que estava grávida, fiquei louca! Fui para a igreja e pensei: como vou criar essa menina? Até conseguir me organizar me desestruturei! (P2)

P5 acredita que a situação de perda de sua madrinha, responsável pela sua criação desde a mais tenra idade, a separação de sua filha por razão de uma oportunidade de emprego e questões de debilidade de sua própria saúde a fez viver momentos intensos de estresse e culminar no acometimento pela síndrome. Afirma:

Eu acho que a morte da minha madrinha que vivemos juntas praticamente a vida inteira, a saída da minha filha de casa para trabalhar em outra cidade me abalou muito. Eu fiquei com muita saudade. Alegre por minha filha ter conseguido, mas com muita saudade. Os médicos me falaram que eu tinha tido perdas importantes e depois veio o câncer. Foi uma coisa atrás da outra que desencadeou uma série de sintomas, que não se relacionavam ao trabalho, mas desencadeavam todos lá. Chega um ponto que você surta com uma criança, você surta com uma mãe, que às vezes não é fácil, ou com uma colega de trabalho. (P5)

P10 diz ter sido afastada da escola por questões físicas. Sentia uma dormência no braço direito e ficava totalmente sem força para fazer qualquer coisa que dependesse do mesmo. Sentia uma dormência muito grande e não conseguia pegar nada, tudo caía da mão. Já estava afastada quando teve o esgotamento profissional. Diz ter sido um episódio em sua vida que deflagrou a síndrome. Foi na época do nascimento de sua neta que nasceu com problema cardíaco e em decorrência desse fato, uma série de situações se sucederam, como a internação

da mesma, o alto risco de morrer, o abatimento da filha em virtude da situação do seu bebê recém-nascido, a babá contratada que também trouxe problemas na relação familiar:

Eu estou afastada de sala de aula por um laudo médico por dormência no braço. Eu não me afastei por esgotamento, mas tive um episódio bem pontual que me levou a essa situação. Minha filha teve a minha neta e ela nasceu com um problema cardíaco muito complicado e teve que ser operada. Ficou muito tempo no hospital e junto com isso eu já estava com uma turma complicada, que exigia demais de mim, turma boa, mas que exigia muito e eu acredito que a junção deste cansaço que eu tive mais os problemas pessoais, minha neta teve vários problemas sérios. Tudo isso e nós arrumamos uma profissional para nos ajudar com ela que nos trouxe muitos problemas. A pressão que eu tive, junto com o cansaço, o esgotamento, a necessidade e cobrança pessoal de fazer tudo certinho e também na época tinha uma acompanhante na escola cobrando demais, então eu já tinha o meu jeito de trabalhar e ela chegou mudando tudo. Tinha que fazer os planos de aula de acordo com os parâmetros. Então aquela pressão, mas eu não coloco a culpa só na escola, foi mais pela questão pessoal. A junção das duas coisas me levou a ter o esgotamento. (P10)

P11 que também teve eventos que comprometeram a sua saúde mental e a fizeram declinar das atividades profissionais. Diz ter vivenciado a situação de esgotamento, logo no nascimento da filha, quando soube também que o pai estava com câncer de pulmão. Foi uma rotina de médicos, fragilidade no estado de saúde da filha ainda muito nova, com idas frequentes ao médico. O susto com a situação do pai que ainda para agravar o quadro teve uma queda e quebrou o fêmur. Relata ter vivenciado uma mudança na escola também que gerou estresse e descontentamento:

Foram muitas coisas envolvidas. Não só da função docente. Foram problemas pessoais também. Tive no ano passado, logo que minha filha nasceu, ficamos sabendo que o meu pai estava com câncer de pulmão. Uma pessoa saudável, independente e de repente...a doença! Foi super cansativo para mim, minha família, minha mãe e depois ele caiu e quebrou o fêmur. Ficou hospitalizado. Foram várias situações que acumularam e também a mudança da minha escola do fundamental para o infantil, isso tudo foi acumulando e eu fui sentindo. Foi logo quando eu voltei da licença a maternidade. Eu tive que deixar a minha filha na escola, meu pai doente, essa mudança na escola e também minha menina começou a adoecer demais. Ela vivia internada e eu passava quase todo o final de semana correndo com ela para o hospital. Acumulou tudo na minha cabeça e aí...eu acabei não aguentando! (P11)

Ou seja, o trabalho docente em si, em alguns momentos e moderada medida, contribuiu para a situação de esgotamento sendo mais um fator que desencadearia o estresse e

elevaria a tensão vivida pelas entrevistadas, mas as suas condições de existência como mulher, na qual se associa mais o cuidado com os filhos, com os familiares foram decisivas para o acometimento pela síndrome com repercussões diretas no desempenho de suas funções no trabalho assalariado.

Contudo, situações pontuais, próprias da existência quando culturalmente definidas e que impõe a mulher professora o desafio de se adaptar, não aceitando como se nada pudesse ser feito, mas remodelando a sua atuação como mulher. Promovendo mudanças, alterando modos de se ver e permitir recriar a sua existência.

Sendo assim, fato curioso é que quando a ênfase de seu adoecimento recai sobre as suas condições de existência, características de sua atuação no mundo, fruto das construções sociais acerca do sexo feminino, ela ainda assim, consegue retomar as atividades do trabalho docente. Todas essas professoras estão atuando em sala, nas escolas em que tiveram o acometimento pela síndrome. Seriam os estressores maiores, menores ou tão arraigados culturalmente a ponto de fazê-la retomar o trabalho e adaptar-se a vida com as incumbências que lhe são atribuídas como mulher?

O agrupamento desses relatos tem em comum o fato de a síndrome ter sido desencadeada por fatores externos ao trabalho docente, embora com incidência direta no mesmo e em alguns casos com uma contribuição indireta para agravar a condição da profissional. As professoras passaram por essas situações vinculadas mais a sua condição de mãe, mulher e filha, o que nos dá indícios que na qualidade de executora de todos os atributos socialmente destinados à mulher: essa mãe que passa por tanto estresse com a chegada de uma filha, a afilhada que sofre com a ausência da madrinha que a criou como filha e a mudança de sua primogênita e a outra professora que resente as mudanças em sua rotina com a chegada da filha e o adoecimento do pai são situações de maior incidência e repercussão no universo feminino, relacionadas diretamente à condição socialmente atribuída à mulher.

Essas asserções corroboram para o entendimento da hipótese levantada de que o fato de ser mulher, professora e a incorporação de múltiplas atividades pode conduzir à síndrome de *Burnout*.

Ainda assim, se faz necessário proceder às análises individuais para a melhor compreensão de todos os fatos narrados que suscitaram inquietações e amparo teórico. Mas há ainda mais semelhanças que merecem destaque, como a prontidão para o trabalho citadas por

todas, demonstrando uma relação amistosa e de bem-estar, após momentos específicos, caracterizados também pela tristeza, pânico, lapsos de memória e total prostração.

Já para as demais entrevistadas, a ampliação das atividades para o espaço produtivo repercutiu fortemente em seu adoecimento. P7, P8 e P9 dizem do seu entusiasmo e queda brusca em virtude das barreiras impostas pelo sistema. Um mecanismo que tolhe ações e prevê a uniformização de procedimentos, ao que elas endossam:

Eu tinha uma grande paixão pela profissão, gastava para comprar materiais para os alunos até que muita decepção me fez perceber que estava lutando, abandonando a minha vida pessoal para não conseguir fazer o que eu acreditava. Fiquei muito frustrada e não acredito mais na educação. (P7)

Eu gosto de dar aula, mas hoje não dou conta mais. Parece que você fica mais frágil e tudo acontece em sala para contribuir: menino bate no outro, cai, machuca...eu tentei, mas não consigo mais voltar para a sala. (...) um acúmulo de coisas. Quando eu comecei a trabalhar há 25 anos atrás eu não achava estressante ser professora, mas hoje, eu acho imensamente estressante. É a indisciplina, o tratamento não agradável com a família. Quando você fala alguma coisa, eles já estão na defensiva, a família não valoriza a educação. Antes não tinha sofrimento para ir para a sala de aula, essa coisa dolorida mesmo. Chegar e não conseguir dar aula, menino passando por debaixo da cadeira, gritando, chegar e preocupar mais com a disciplina, com o que você gostaria que eles aprendessem e antes não, você dava uma aula e tinha problema com um, dois. Hoje não, você tem um, dois sem problemas e que querem aprender. Hoje tem que chamar a atenção durante toda a aula, eles querem chamar a atenção, tem a ameaça direta ou indireta, um monte de coisa, uma loucura! (P8)

Antes eu chegava mais cedo, vinte minutos, pois queria arrumar tudo para a aula. Hoje eu tenho pânico de sala de aula. Não suporto ouvir barulho de menino, sala dos professores? Eu nem entro. Lancho antes. É muito barulho e só se fala de aluno. (...) foi um monte de coisa, não foi do dia para a noite. Eu acho que foi juntando, uma bola de neve. A gente não tem reconhecimento financeiro, o salário é muito baixo, levamos muito serviço para casa, a responsabilidade de estar cuidando de seres vivos, pessoas é muito grande e ninguém dá valor nisso. Valorização profissional: zero! A valorização com os alunos em relação a gente, dos pais em relação a gente: nada, poucos é claro! Desvalorização dentro do próprio sistema, da própria prefeitura: nada! Tive a autoria em um projeto muito bacana que aconteceria no laboratório e a prefeitura não apoiou...ano sim, ano não, ano sim, ano não eu conseguia efetivá-lo. A alegação era falta de pessoal, condições financeiras e nada de olhar o lado do aluno. Acho que isso foi a gota d'água. No início eu gostava tinha

prazer, eu vibrava. Quando eu entrei de laudo eu fiquei com ranço, eu me estressei. Eu tinha pânico de vir para a escola. (P9)

As três professoras são incisivas em apontar o seu desgostar da profissão e traumas consequentes. Uma experiência que as marcou a ponto de não conseguirem entrar em uma sala de aula para lecionar.

P3, P4 e P6 também ressentem dos impactos dos fatores estressores do trabalho, porém com uma característica diferente em alguns aspectos. Elas alegam o excesso de trabalho com privação de momentos de vida pessoal, turmas com alunos que apresentam muitas dificuldades de aprendizagem e contexto social de grande vulnerabilidade, além de famílias pouco participativas na vida escolar do aluno e com predisposição a atos de pouca empatia ao trabalho do docente e adoção de medidas de violência contra professores.

P3 relata ter vivido um esgotamento em virtude das excessivas cobranças da escola fosse na instituição ou mesmo em casa, as cobranças não paravam de exigir dela uma tomada de decisão, privando-a dos momentos de lazer, e afirma:

(...) eu trabalhava o dia inteiro para essa escola. Eles me chamavam no celular, passando coisas e eu tinha que buscar atividades diferenciadas, além do livro, tinha que ter projetos, sem pedagoga me direcionando. Tudo eu e sozinha! (P3)

Foi a jornada extenuante de atividades. Eu dobrava em duas escolas, acordava muito cedo e isso era difícil devido as medicações que eu já tomava, ao cansaço mesmo das atividades de casa, ao estresse de todo dia. Não estava mais conseguindo chegar no horário. Larguei a dobra. Fiquei em casa um horário por um tempo. Depois a situação financeira apertou e eu consegui uma atividade em outra escola, mais tranquila, ia menos dias e trabalhava com línguas. Porém a cobrança era imensa. Quando eu vi aquele tanto de diário para fechar, as provas, ter que passar aquelas notas e a cobrança... a cobrança, a pressão... a pressão...eu não aguentei! Aí eu surtei. Fiquei internada. Eu não estava dando conta. Eram todos os minutos pensando na escola. Eram muitos trabalhos, eles ligavam para a gente em casa. Até sonhando você está pensando na escola, no que vai dar, qual o projeto novo...era uma loucura! (P3)

P4 reflete sobre o déficit de conhecimentos que seriam básicos e indispensáveis para a aquisição de informações próprias do período em que os alunos estão com ela, ou seja, ela teria um ano para suprir os alunos do necessário para que tivessem condições de aprender o que se esperava para aquele ano. Ao que afirma:

(...) eu fiquei desesperada, eu pensei que não dou conta, tem que ser outra professora. Não tem a quem recorrer. Uma turma do quarto ano que a maioria não é alfabetizada. O conteúdo desse ano já não é fácil, é pesado e eles não tem a menor condição de assimilar. É divisão, multiplicação. Esse aluno vai passar e quando chegar no sexto ano, vai ficar retido. É desesperador! (P4)

Eu já fazia tratamento psiquiátrico por questões particulares e quando peguei uma turma muito difícil no sentido do aprendizado estar muito precário, eu fui fazendo os diagnósticos e fiquei desesperada! Deu uma sensação de que eu não vou dar conta, sabe, por mais que eu fizesse, eu pensava que não daria conta, tem que ser outra professora. Como eu tinha outra turma de idade menor e com mais conteúdo, bem melhor. Isso é assustador. Porque você não tem a quem recorrer. Senti também um desamparo, você tem que se virar e também tem outra: como você vai se virar? O aluno não sabe, as cobranças são muitas. É desesperador! Falta tudo nesta turma. A questão da não retenção, as famílias não apoiam, não acompanham, acham que decodificou já está bom. O incentivo da família, a crença no estudo ajudaria muito. Mas eles acham que precisam apenas mandar para a escola. Deparar com essa turma e não saber o que fazer foi decisivo para eu adoecer! (P4)

Essa sequência de fatos ao longo de 14 anos na escola culminou no adoecimento da professora e não são raros casos como esses que afrontam a autoridade e integridade do profissional na escola, como também percebemos no relato da professora P4:

Eu tive um problema muito sério com um pai que entrou na minha sala, gritou comigo e me ameaçou. Esse pai continua entrando na escola como se nada tivesse acontecido, então assim, eu acho que a forma como ele entrou, invadiu a minha sala gritando, poderia ter feito muito pior. Eu me senti muito sozinha. Esse pai gritou comigo, ironizou o coordenador que depois do ocorrido foi atende-lo e ainda finaliza a conversa dizendo que fala do jeito que quiser. No final das contas, acaba acontecendo isso mesmo. Não dá nada para eles. E você pensa...nossa eu estou me esforçando tanto para escutar esse tipo de coisa?! (P4)

Foi um conjunto que englobou alunos com sérias dificuldades, falta de apoio institucional e social. A constatação de que a educação não tem mais o mesmo valor:

Antes a família acreditava no estudo. Na minha época se dizia: estuda para ser alguma coisa na vida. Hoje a família e nem os meninos acreditam mais. Acham que a escola deve suprir tudo e não acreditam na educação! (P4)

E ainda, a falta de suporte organizacional para a defesa do professor de famílias agressivas. P4 relata ter vivenciado um episódio de grande vulnerabilidade com a entrada de um pai na sua sala a ameaçando e agredindo verbalmente pelo fato dela ter trocado o filho

deste, por hora seu aluno, de lugar: “Ele entrou na sala, gritou e me ameaçou. Pedi um aluno para buscar ajuda e ninguém veio. Quer dizer, se aquele pai entrasse com uma arma, eu teria morrido e ninguém apareceria” (P4).

A insegurança a fez sentir grande desmotivação para enfrentar os desafios. É como se a professora estivesse sozinha em embate com um grupo que se almeja sejam parceiros no processo educacional.

P6 diz ter desgostado do trabalho por razão da desconsideração do valor da profissão docente e conseqüente desvalorização social do profissional. Foi vítima de denúncia por família e vivenciou uma situação em que a polícia esteve na escola para interroga-la, relata: “(...) as famílias não dão assistência e se sentem no direito de cobrar ações que lhe são peculiares” (P6). E conclui:

Eu tive vários problemas na escola em que trabalhei: o clima era ruim, as relações eram péssimas, as demandas muito grandes. Aquela paixão do “iníciozinho” perdeu-se e tudo culminou com o registro de um boletim de ocorrência contra a professora, no caso, eu! Aí eu desabei! Tudo veio a minha cabeça e eu não conseguia parar de chorar... (P6)

Olha, é muita coisa, são muitos fatores. O balde vai enchendo, enchendo e falta apoio. O trabalho da sala de aula não é fácil. Você lida com várias necessidades, falta apoio da família, as dificuldades que as próprias crianças vão demandando, então aí vai acumulando, você só vai internalizando e aquilo ali chega um dia e bum...estoura! Eu não consigo dizer com clareza, foi um acúmulo de coisas que aconteceram. Não foi um fator em si, mas um acúmulo de coisas ao longo do tempo. Eu tive um episódio de uma mãe que chamou a polícia para mim pelo fato do filho dela não ir à uma excursão. Me senti muito mal... a polícia contra mim?! A escola que eu trabalhei, tinha um clima muito ruim, relações políticas que mexiam com todos e gerava um clima péssimo na escola, insuportável...eu até saí de lá. Um acúmulo de coisas que hoje me dão pânico de chegar na escola. (P6)

Problemas próprios do ambiente de trabalho, estressores diários que persistem e levam o professor ao esgotamento. O estar constantemente sendo estressado e não sair deste contexto, leva a um estado crônico do estresse, no qual o profissional adoece sem perceber ou mesmo sair de cena. Ele entra em *Burnout*.

Esses relatos nos evidenciam as condições estressoras enfatizadas no ambiente laboral. Em maior medida, sem desconsiderar a condição feminina das mulheres professoras, na qual lidam diariamente com outras questões que também consome a sua energia como mães,

cuidadoras, executoras de múltiplas atividades. Elas se esgotam por fatores ainda mais pesados e dolorosos que a frustram e deprimem. Todo o seu investimento mental se esvai nas demandas que insistem em assolar suas tentativas de superação.

E dessa forma, o curioso é que neste grupo de professoras também a disposição para o retorno à sala de aula está seriamente ameaçada. P3 está afastada, P4 lida com dificuldade e ambas com o uso de medicamentos e acompanhamento especializado. P6 conta com o afastamento em consequência de seu estado no momento atual. Está grávida de gêmeos. Teve a indicação médica de tomar remédio controlado para minimizar os efeitos da doença, mas se recusou e optou por fazer um tratamento homeopático e terapia. Hesitam quando questionadas sobre o retorno e permanência em sala de aula. Parecem estar em estágios da síndrome, oscilando entre a resistência ao afastamento.

Logo, quando se propõem a analisar, em que medida, a natureza do trabalho pode adoecer as mulheres professoras, supõem-se que para além da questão do trabalho, deve-se refletir sobre quais condições essa professora se encontra para desempenhar esse trabalho e a partir de quais perspectivas esse trabalho é reconhecido para que com isso, essa profissional também se sinta importante em sua execução.

Em geral, nota-se que as professoras sofreram situações degradantes no exercício de sua função, rebaixando-as ou mesmo desconsiderando-as como profissional. É um pai que entra na sala a ofende e cobra satisfação de uma atitude tomada no local em que ela é a gestora, uma família desestruturada que chama a polícia quando não consegue entender as regras da escola, são mudanças bruscas que não permitem a recondução de um planejamento e geram uma situação desestabilizadora... todas situações em que a professora não é vista ou pelo menos tratada como profissional, se associa ainda, a muitos relatos nos quais, explicitavam o empenho em suprir do que fosse necessário, a asfixia material, o desalinho emocional ou mesmo a desestrutura familiar que deixavam seus rastros nas diversas cenas de violência fosse verbal, física ou mental, nas quais o professor se encaixava perfeitamente como vítima, sendo impelido, na melhor alternativa, a buscar outra escola para se livrar das ameaças e garantir minimamente a sua vida.

Por meio de dessas associações, percebe-se o trabalho docente ainda repleto de idealizações de cunho missionário, romântico e vocacional, o que concorre tanto para manter o distanciamento da docência como trabalho, quanto para acentuar as discrepâncias entre a consciência e a realidade, culminando em mais frustração e adoecimento.

Contudo, apesar das motivações pouco atraentes neste ofício e a grande carga de situações degradantes a qual estão expostos, as professoras se recriam a cada dia - “A sala de aula é o meu palco e lá eu dou o meu show” (P1).

É por isso que se compreende que o fazer-se dos sujeitos, neste caso, como professoras não se limita às condições materiais objetivas, mas também ao protagonismo e à subjetividade. Desnaturalizar processos a partir de questionamentos que nascem das angústias do presente, os relatos e as contradições do fazer-se docente ganharam nova dimensão, para além da realidade lembrada e posteriormente vivida, mas no presente a ser refletido e no futuro, transformado.

São muitas ainda as impressões sedimentadas no imaginário social, conduzindo a reflexões árduas para responder à questão: O professor trabalha ou só dá aula?

O investimento dos/as professores/as em adotar e manter uma visão idealizada e romantizada da profissão, algo influenciado pela sociedade e pela formação, agrava a experiência docente. Ao se dirimir a dimensão profissional, ampliando a ideia de missão e vocação, a distância entre a consciência e a realidade tornam-se abissais e geram mais frustrações, desmotivação e adoecimento. Não se quer dizer que a professora necessite abdicar dos sonhos, do afeto e do prazer em se “dar aulas”. Amplia-se apenas a reflexão à sua entrada e permanência na profissão precisam estar alicerçados na consciência da realidade e do papel social e transformador que tem nas mãos, na potencialidade, inclusive na luta pela geração de um novo cenário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, propôs-se como questão norteadora investigar entre profissionais da educação básica da RME/BH a relação entre ser mulher, professora, com o incremento de sua múltipla jornada de atividades. Intentou-se compreender a inter-relação destas variáveis, observando-se como consequência o afastamento das atividades laborais pelo CID da síndrome de *Burnout*.

Para atender a esse objetivo foram feitos levantamentos teórico-bibliográficos acerca do trabalho e suas nuances, com destaque para o resgate histórico da feminização do magistério. Neste exercício, foi necessário investigar primeiramente a trajetória da constituição do magistério como profissão, para verificação do seu nexos com o adoecimento das professoras no seu exercício profissional, assim como para compreender, por meio das entrevistas, o modo como o seu trabalho produtivo foi acumulado ao trabalho reprodutivo.

Não se pretendeu, contudo, uma explicação definitiva e generalizada de uma identidade universal do docente, pois, entende-se que a sociedade e as suas aspirações dirão desse sujeito, de acordo com a posição que ocupa, mas o propósito de compreender e observar a dimensão histórica desta construção e de seus papéis sociais. Neste escopo, propiciou-se o entendimento de que a constituição da mulher professora foi marcada por processos dialéticos e deslocamentos, se ressignificando paulatinamente.

Constatou-se que, historicamente, as mulheres professoras ocuparam as salas de aula acalentando, muitas vezes, o desejo de exercer atividades além do espaço privado, e para ali permanecerem foram reforçados estereótipos que a construção do gênero intentava manter, quais sejam, as mulheres professoras são como mães espirituais, dóceis, amáveis, dotadas de um carinho extremado e portadora da moral e bons costumes. Dada a contextualização histórica, foram estas as características essenciais para a educação da coletividade, bem como sua remuneração pelo menor custo, pois, apenas estendiam o que já praticavam na maternidade.

Nesta contextualização ressalta a concepção de uma suposta natureza feminina, e a ela ligados valores tais como a emotividade, falta de racionalidade, dependência biológica da maternidade, fragilidade, etc., que as tornam inferiores na esfera pública. Calcada nestes

valores decorre a história da mulher professora, ainda aprisionada na esfera doméstica mesmo atuando também fora dela.

Essas idealizações ainda ecoam nas vozes das professoras entrevistadas, evidenciando o discurso da vocação e do perfil, que se mantém vivo e continua proclamado. Razão pela qual muitas profissionais ainda se ressentem no exercício da profissão, acreditando nas características maternais como requisitos para a função, concorrendo com situações infaustas, condições materiais insuficientes em alguns casos; colocando-se em uma zona limítrofe do adoecimento por investir e não obter o retorno almejado.

Estas mulheres continuam encampando um esforço contínuo quando deixam o lar, filhos, marido e seguem para as escolas, desafiando-se a conciliar as atividades domésticas com as do trabalho assalariado, personificando o fenômeno da dupla presença. E ainda, quando se empenham por conquistar melhores condições de trabalho, convencidas de que em alguns casos doar-se seria a solução, se colocam em uma condição de não profissionais, em uma ocupação que já perdeu muito do seu reconhecimento e valorização. Doam-se pelos alunos e estão convencidas de que essa ação é condição importante para o exercício da profissão, compram materiais quando não os têm disponível na escola, chegam antes e saem depois do horário de trabalho.

Os relatos das entrevistadas ainda demonstram que concorrem no mercado de trabalho com a desvantagem de já ter uma ocupação anterior, quase concomitante, que lhes exaure e extenua a força física e mental, prejudicando sua inserção. Protelam as ocupações domésticas para o final de semana, trocam o choro do filho pelo bico, perdem a luta em casa ou na escola, deixam a família em plano secundário, o descanso pela prontidão para lecionar. Persistem em ocupar um espaço no universo público e competem, partindo de pontos de largada diferentes em comparação aos homens. Não raro, são perquiridas sobre o seu ofício: Você trabalha ou só dá aula?

Ora, somente se é professora por meio do trabalho, uma vez que o estudo por si não a constitui como tal. Lecionar é um trabalho pleno nas dimensões profissionais e responsabilidades horárias, e a mulher professora recorrentemente extrapola este limite de tempo. Estende e entrelaça as suas atividades da escola com as domésticas, por considerar, em muitos casos, inevitável não as transpor entre os ambientes. Trabalha em vários turnos, trabalha em condições de violência, trabalha e o seu resultado não é visto, trabalha sem

condições materiais, trabalha não sendo valorizada, trabalha e não é reconhecida, trabalha cansada, trabalha, trabalha, trabalha e não abandona, mas, adocece.

É esse perfil de profissional que ilustra a presença das múltiplas jornadas de atividades, corroborando para o aumento das estatísticas de maior incidência de professoras acometidas pela síndrome de *Burnout*. E ao encontrá-las foram definidas como sujeitos dessa pesquisa, na qual o objetivo geral foi compreender a relação entre ser mulher, professora com a jornada de múltiplas atividades e o adoecimento no trabalho, caracterizado pela síndrome de *Burnout*.

Com este panorama cumpre-se os objetivos específicos propostos nessa pesquisa, descritos como: verificar os índices de afastamentos de professoras acometidas, evidenciar como a divisão sexual e desigual do trabalho contribui para o adoecimento das professoras e evidenciar as suas estratégias de luta e resistência defronte a múltipla jornada de atividades.

Destarte esse contexto, no decorrer desta pesquisa, foi possível identificar que o envolvimento em atividades diversas, constituindo uma múltipla jornada de atividades, pode conduzir ao adoecimento. Dizer desse acúmulo de atividades nos remete a discussão sobre o trabalho e a sua divisão sexual que se instaurou desde a antiguidade, de onde se podem perceber as primeiras constatações de suas manifestações desiguais. Isto se verifica, principalmente, ao observar que os homens são designados prioritariamente para a produção e as mulheres para a reprodução (divisão trabalho assalariado/trabalho doméstico).

Atentando-se à essa manifestação é possível questionar: e quando as mulheres avançam para a esfera pública, algumas vezes por satisfação pessoal e, atualmente, a maioria por necessidade de arcar com o orçamento doméstico. Os homens também se envolvem com as demandas do espaço privado? Qual a lógica de as mulheres saírem, trabalharem como professoras em uma jornada de dois ou três turnos, retornarem para casa, assumirem todos os afazeres domésticos, pagarem as contas e o mesmo não se repetir com os homens?

Não se pode olvidar que está cada vez mais distante o papel do homem como único provedor, sendo que em muitas vezes a sua renda é igual ou menor a da mulher. Portanto, questiona-se ainda: em qual momento esse papel histórico das mulheres tomou novos rumos e o dos homens estagnou? O que nesta relação não está mais condizente com os novos arranjos sociais?

Assim, faz-se necessário repensar a construção das identidades de homens e mulheres na sociedade conforme os clamores sociais vigentes. Sem preconceitos ou opressões, com mais dignidade, equidade entre direitos e deveres. Pensar sobre uma nova configuração da divisão do trabalho entre os sexos, conseguida a custo de rupturas e deslocamentos da ordem instituída, dos questionamentos e dos estranhamentos do que é naturalizado.

Aplicada esta mudança de perspectiva, fomenta-se também condições favoráveis à manutenção da saúde, uma vez que as mulheres apresentam os maiores índices de afastamento, tornando-se um fator positivo para a mitigação destas ocorrências.

Foi possível perceber quão variadas são as razões que podem conduzi-las ao adoecimento e a forma displicente com que muitas professoras agem, ignorando os sintomas, adoecendo em serviço e “se queimando” nas suas atividades, no árduo percurso de fazer-se esteio do lar e professoras.

Constata-se assim, como todo fenômeno traz em si um caráter contraditório e passível de mudanças: precisam trabalhar e no próprio trabalho adoecem. Ao tratar sobre a reflexão da sua múltipla jornada de atividades, tanto em relação às atividades econômicas exercidas por elas, quanto pela importância da sua contribuição para a esfera reprodutiva, assinalando assim, a sua desvalorização social, seu assujeitamento, sobretudo, por sua condição feminina.

Contudo, a questão do gênero e trabalho, atualmente, não pode ser reduzida apenas aos aspectos negativos desta relação, para então dizer-se das condições da mulher no mundo do trabalho, mas, também para buscar redefinir o seu papel nos espaços pelos quais transita.

Outras questões perpassam a vida da mulher professora e convergem na busca para evidenciar avanços e retrocessos neste processo de fazer-se professora. Há que se considerar os espaços de luta e conquistas que oferecem como possibilidade tratar das desigualdades sociais, destacar a diversidade cultural e mitigar as diferenças culturais existentes entre homens e mulheres.

Após a exposição acima, encaminha-se para as considerações obtidas por meio de do esforço de burilamento do objeto, bem como se incluem sugestões para outros aprofundamentos e oportunidades de estudo.

Ao mergulhar e desvelar esse cenário das atividades da mulher professora, bem como na escuta dos sentimentos docentes, por muitas vezes, foi necessário conter a indignação, a frustração, o riso, a decepção e depois ganhar força e esperança em posicionamentos que apontavam para alguma mudança.

Professoras que sofrem, são críticas e criticadas, politizadas, descrentes e esperançosas, que consideram ser ouvidas para além da pesquisa e desabafam revelando, em algumas situações sua vontade incrível de vir a ser.

Descrevem suas histórias e suas angústias, compartilham inúmeras experiências por meio das quais, inclusive é possível extrair uma dissertação, na qual constata-se que, além das atividades desenvolvidas na escola, se imiscuem totalmente em outras e se sobrecarregam profundamente. Vários fatores, além das condições de trabalho, contribuem para desencadear os processos de adoecimento neste grupo de professoras, como a múltipla jornada de atividades, a sobrecarga de funções e responsabilidades profissionais e pessoais (a administração do lar, como mãe e esposa, ser provedora da família, falta de tempo para si mesma), desgaste ao lidar com o processo de alfabetização de crianças, ausência de apoio da família na escolarização dos filhos, indisciplina e falta de limite dos alunos. Inclusive com o agravante de serem, em alguns casos, oriundos de famílias pouco poder econômico, social e cultural, marcados pelas pressões materiais e urgências temporais. Neste sentido, a lógica das necessidades e o senso de realismo desses grupos, se sobrepõem às aspirações e condutas escolares mais ambiciosas, gerando um envolvimento moderado com os estudos e baixo investimento na escola e moderadas aspirações.

Suas condições físicas, emocionais, psicossociais podem funcionar como um gatilho para o desencadeamento dos sintomas da patologia em estudo. Não escolhem adoecer, são acometidas, abrem brechas, se envolvem e deixam envolver, lutam e deixam de lutar, estão envolvidas nas construções sociais, nas quais o gênero ainda dita muito de suas condições de vida, mas não a determina.

Vem no curso de um processo agressivo instalado pela ordem do capital, que tenta aprisioná-las no espaço doméstico mesmo quando optam por sair dele. Vivem em um cenário de aceleração e intensificação das atividades, instabilidade, competição, violência e doença. Não obstante, a despeito das contradições, de variadas formas, seja no cotidiano atribulado, na vida pessoal, na sala de aula, seja pelo desabafo... resistem!

E é no bojo dessa complexidade explicitada pelos ditos e pelos silêncios docentes, que consideradas em suas especificidades na condição de mulher e professora, às suas características pessoais, a predisposição para o trabalho e a resiliência, o cenário de trabalho marcado pelo capitalismo e forte construções de gênero, conclui-se esse percurso, munida da percepção de que sendo sujeitos, da vida e do trabalho doméstico e assalariado, essas profissionais podem ser acometidas pela síndrome e, devido a sua condição, imersa em uma jornada intensa de múltiplas atividades, estabelecem uma propensão direta com o adoecimento, especificamente caracterizado pela síndrome de *Burnout*.

A relação entre ser mulher, professora e a exposição à múltiplas jornadas de atividades como sendo um dos caminhos para o adoecimento pela síndrome de *Burnout* pode ser explicitada nestas páginas e corroboradas pelas eloquentes falas das professoras entrevistadas.

Ao alcançar esse resultado, efêmero como ideal de progressão para toda pesquisa e das considerações apresentadas, suscita-se algumas questões que poderão ser repensadas, ampliadas e abordadas em investigações posteriores. São elas:

I) A frequência de professoras adoecidas em regiões periféricas se apresenta como um indício de que as condições mais precarizadas de saúde e infraestrutura econômico/social, podendo ser um fator propulsor para o acometimento pela síndrome.

II) Abranger categorias de classe, raça e etnia no exercício da docência sob a perspectiva do adoecimento pela síndrome estudada.

III) Expandir para diferentes universos em termos de atuação nos vários níveis de ensino, atuação em escolas públicas e/ou particulares. Destaca-se a relevância de estender o olhar para o universo masculino, onde já se prenuncia o adoecimento dos professores acometidos pela síndrome. Apesar de serem identificados como minoria... eles existem!

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Unesp, 1998.
- ALTET, M. **As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar** in: PERRENOUD, D; PAQUAY, L. ALTET, M. C. E. Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências? Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- ALVARENGA, C. F. **Relações de Gênero e Trabalho docente: Jornadas e ritmos no cotidiano de professoras e professores**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ANDRADE, C. D. **Crônicas, 1930-1934**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/BNDES, 1987, p. 16 in: MUNIZ, D. C. G. **Um toque de gênero: história e educação em Minas Gerais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Finatec, 2003
- BALBO, L. **La doble presencia**, in: BORDERÍAS, C.; CARRASCO, C.; ALEMANY, C. **Las mujeres y el trabajo: rupturas conceptuales**. Barcelona-Madrid: Fuhem-Icaria, 1994, p.505-513.
- BARASUOL, E. B. **Burnout e docência: sofrimento na inclusão**. Três de Maio: Setrem, 2005.
- BARBIERI, L. G.; CERDEIRA, D. Q. **Síndrome de Burnout**. São Paulo: Andreoli, 2016.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do livro. (1970)
- BENDASOLLI, P. F.; GODIM, S. M. **Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos**. Avances em Psicologia Latinoamericana, 32 (1), 131-147. 2014
- BENDASSOLLI, P. F.; GODIN, S. M. **Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos**. 2014.
- BENEDETTI, K. S.; MARCO, I. **Eu, professora e Burnout: como o sistema público de ensino adoce professores dedicados e prejudica alunos interessados**. Curitiba: Juruá, 2016.
- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 4ª edição, 2010.
- BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. H. **Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos**. Psicologia, organizações e trabalho no Brasil. Porto Alegre: Artmed: 2014
- CANTOS, G. A.; SILVA, M. R.; NUNES, S. R. L. **Estresse e seu reflexo na saúde do professor**. Saúde em revista, Piracicaba, v. 7, n. 15, p. 15-20, 2005.
- CAPPELLE, M. C. A. **O trabalho feminino no policiamento operacional: subjetividades, relações de poder e gênero na oitava região da Polícia Militar de Minas Gerais**. 2006

- CARLOTTO, M. S. **A Síndrome de Burnout e o trabalho docente**. Psicologia em estudo, Maringá, v.7, n.1, p. 21-29, jan/jun, 2002.
- CARLOTTO, M. S. **Síndrome de Burnout: um tipo de estresse ocupacional**. Caderno Universitário. ULBRA. 2001
- CARLOTTO, M. S. **Síndrome de Burnout em professores: avaliação, fatores associados e intervenção**. Porto: Livpsic, 2012.
- CARVALHO, A. V. **Terapia cognitivo-comportamental na síndrome de Burnout: contextualização e intervenções**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2019.
- CHAMON, M. **Trajatória de feminização do magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: Autêntica FCH-FUMEC, 2005.
- CERICATO, I. L. **A profissão docente em análise no Brasil: uma revisão bibliográfica**. Rev. Bras. Estud. Pedagog. [online]. 2016, v. 97, n. 246, p. 273-289. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/373714647>. Acesso em: 09 mar. 2017.
- CIOTOLA, G. P. **A era Vargas – Revolução de 30 e o Estado Novo**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/historia-do-brasil/a-era-vargas-revolucao-30-estado-novo.htm>, acessado em 10/2019.
- CODO, W. *et al.* **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- CODO, W. **Educação: carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação**. Petrópolis: Vozes. 3º edição, 1999.
- CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- DAUPHIN, C. Mujeres solas, *in* DUBY, G.; PERROT, M. **História de las Mujeres. El siglo XIX – cuerpo, trabajo y modernidade**. Madrid: Taurus, 1993.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.
- DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2015.
- ESTEVE, J. M. **O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru: Edusc, 1999.
- FRANÇA, H. H. **A síndrome de Burnout**. Revista Brasileira de Medicina, 44, 1987.
- FREIDSON, E. **Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v.11, n.31, p.141-154, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática docente**. Paz e Terra. 2000.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da Escola improdutiva: um re (exame) das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista.** São Paulo: Cortez, 1986.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo, Atlas, 1994.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.2, p.57-63, 1995.

HIRATA, H. **Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero.** Revista latino-americana de Estudios del trabajo: Gênero, tecnologia e trabalho, 1998.

HIRATA, H.; Kér goat, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de Pesquisa, v.37, n. 132, 2007.

<http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46193-saude-mental-investimento-cresce-200-em-2019>. Acesso em dezembro/2019.

IBGE-PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-2007.** Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IBGE-PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-2017.** <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20287-no-dia-da-mulher-estatisticas-sobre-trabalho-mostram-desigualdade>. Acesso em 11/2019.

JODELET, D. **Les representations sociales.** Paris: PUF, 1989.

KAWAKAMI, V. F. E. **O professor na sociedade: um estudo de representações sociais.** Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas, 70 f. 2008.

KÉRGOAT, D. **Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho** in: LOPES, Marta J.M. MEYER, Dagmar e Waldow, Vera R. (orgs.) **Gênero e Saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

KIBBY, M. **Representing masculinity.** [on-line] Disponível na Internet via [www.URL: http://www.fass.newcastle.edu.au/socanth/Represen.HTM](http://www.fass.newcastle.edu.au/socanth/Represen.HTM) in **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** LOURO, Guacira Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KUENZER, A. Z. **Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de automóveis se encontram no sofrimento do trabalho.** Editora Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.107-119, mar. 2004.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Coping and adaptation** in: Genry, W.D. **Handbook of behavioral medicine.** Nova York. 1984.

LEVY, G. C. T. M.; SOBRINHO, F. P. N. **A síndrome de Burnout em professores do ensino regular: pesquisa, reflexões e enfrentamento.** Rio de Janeiro: Cognitiva, 2010.

LIMA, B. S. **O labirinto de cristal: trajetórias das cientistas na física.** Estudos feministas, n.21, p.496, set./dez.2013

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

- LUCIANO, V. M. **Estudo sobre a prevalência da síndrome de Burnout, geradora para a incapacidade para o trabalho e suas consequências**. São Paulo: Baraúna, 2012.
- MALAGRIS, L. E. N. **Burnout: O profissional em chamas** in: NUNES S. F. P.; NASSALLA, I. **Pedagogia Institucional: fatores humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: ZIT Editores, 2004.
- MASLACH, C. **Burned-out**. Human Behavior, 1976.
- Maslach, C.; Schaufeli, W. B.; Leiter, M. P. **Job burnout: Annual Review Psychology**, 2001.
- MASLACH, C. SCHAUFELI, W. B; LEITER, M. P. **Job Burnout. Annual Review of Psychology**. 2001.
- MÉDA, D. **El tiempo de las mujeres: conciliación entre vida familiar y profesional de hombres y mujeres**. Madrid: Instituto de la Mujer, 2002.
- MENDES, A. M; FERREIRA, M. C. **Contexto de Trabalho. In SIQUEIRA, M.M.M. (Org). Medidas do comportamento organizacional: ferramentas de diagnóstico e gestão**. Porto Alegre: Artmed, 2018, p.111-123.
- MEYER, D.; VALDOW, V. R. **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes médicas, 2000.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MUNIZ, D. C. G. **Um toque de gênero: história e educação em Minas Gerais (1835-1892)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Finatec, 2003.
- MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher por meio de dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- MURTA, S.; TRÓCOLI, B. **Intervenção psicoeducativas para o manejo de estresse ocupacional: Um estudo comparativo**. Revista Brasileira de terapias cognitivas. 2009.
- OIT - [http://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS\\_716777/lang--pt/index.htm](http://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_716777/lang--pt/index.htm). Acesso em dezembro/2019
- OLINTO. G. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil**. Brasília, DF, v.5 n.1, p.68-77, jul./dez. 2011.
- NOGUEIRA, C. M. **O Trabalho Duplicado**. Expressão Popular, São Paulo, 2006
- Planilha de dados fornecida pelo setor de Perícia Médica da Gerência de Saúde do Servidor (GESER/BH-MG).
- PEIRÓ, J. M. **Desencadeantes do estrés laboral**. Madri: Pirámide. 1999
- QUIRINO, R. **Mineração também é lugar de mulher! Desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- QUIRINO, R. **Relações de gênero, tecnologia e formação profissional de mulheres no segmento da mineração**. 37ª Reunião Nacional da ANPED, Florianópolis, 2015.
- QUIRINO, R. **Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-conceituais em uma perspectiva marxista**. Trabalho e Educação, Belo Horizonte, v. 24, n.2, p. 229-246. 2015.

- RAGO, M. **Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar.** Brasil: 1890-1930. 2ªed. RJ: Paz e Terra, 1985.
- REINHOLD, H. H. **Burnout** in LIPP, M. E. N. **O stress do professor.** Campinas: Papirus, 2002. p. 63-80.
- SAFFIOTI, H. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987
- SANTOS, B. S.; NUNES, J. A. **Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade** in SANTOS, B. S. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SCOTT, J. W. **A mulher trabalhadora.** In Georges Duby e Michelle Perrot, História das mulheres no ocidente. Porto: Afrontamentos. 1994
- SCOTT, J. W. **Prefácio à Gender and Politics of History.** Cadernos Pagu, n.3, p. 11-28, 1994.
- SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, v.16, n.2, p.5-22, 1990.
- SELLA, C. A. **Retratos de um profissional em crise: os docentes em tempos de mudanças.** Dissertação de Mestrado. Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, 2006.
- SILVA, G. R. F; LAVNCHICHA, G. R. F. **A Clínica psicodinâmica do trabalho: teoria e método.** Khóra: Revista Transdisciplinar, v.2, p.2, 2015.
- SOUZA, L. P.; GUEDES, D. R. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década.** Estudos avançados online, v. 30. 2016
- SZNELWAR, I. L.; UCHIDA, S; LANCMAN, S. **A subjetividade no trabalho em questão.** Tempo social, Revista de Sociologia da USP, v.23, n.1, p.11-30, 2011.
- STICCA, M. G.; ALBUQUERQUE, I. L. S. **Síndrome de Burnout na perspectiva da psicologia organizacional e do trabalho** in: CARVALHO, A. V. **Terapia cognitivo-comportamental na síndrome de Burnout: contextualização e intervenções/organizado.** Novo Hamburgo: Sinopsys, 2019.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- VÁLIO, M. R. B. **Síndrome de Burnout e a responsabilidade do empregador.** São Paulo: LTr, 2018.
- VIANA, C. P. **A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente** in YANNOULLAS, Silva Cristina. **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações.** Brasília, DF: Abaré, 2013. P. 159-180.
- VIANNA, C. **Contribuições do conceito de gênero para a análise da feminização do magistério no Brasil** in: Maria Christina Siqueira de Souza Campos e Vera Lúcia Gaspar da Silva. **Feminização do magistério: vestígios do passado que marcam o presente.** Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- YANNOULLAS, S. C. **Trabalhadoras - Análise da Feminização das Profissões e Ocupações.** Brasília: Abaré, 2013.

ZILLE, L. P; NOGUEIRA, F. A. L. **Manifestações de estresse ocupacional em docentes brasileiros** *in*: **19º Congresso de Stress da ISMA-BR**, 2019.

## APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES

| LEVANTAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES                           |      |   |   |  |
|--|------|---|---|--|
| Palavras chave para pesquisa: Síndrome de Burnout, professoras |      |   |   |  |
| Item   | Ano  | Título  | Autor (a)   | Orientadora                              |
| Dissertação  | 2014 | Conhecimento de professores sobre a Síndrome de Burnout: processo, fatores de risco e consequências   | Liciane Dieh  | Mary Sandra Carlotto                     |
| Dissertação  | 2016 | Efeito de uma intervenção para prevenção da Síndrome de Burnout em professores  | Larissa Dakin   | Mary Sandra Carlotto                     |
| Tese   | 2018 | O ciclo de vida profissional na docência no Stricto Sensu em educação: o sentido, o significado e a percepção do bem/mal-estar a partir de narrativas (auto)biográficas | Jordana Wruck Timm                                      | Claus Dieter Stobaus                     |
| Artigo   | 2019 | Implicações do ambiente, condições e organização do trabalho na saúde do professor: uma revisão sistemática   | Jaqueline Daluz e Roger Daluz                           |  |
| Artigo   | 2013 | Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento   | Borsoi Ferreira, Izabel Cristina e Flavio Silva Pereira |  |
| Artigo   | 2012 | Genero e qualidade de vida percebida--estudo com professores da area de saude   | Elizabeth Regina Araújo de Oliveira et al               |  |
| Artigo   | 2016 | Representação social da indisciplina escolar.   | Adriano Ferreira, Edvanderson Ramalho e Ademir José.    |  |
| Artigo   | 2017 | O professor temporário e o papel do coletivo: marcas da (des)vitalidade do metier   | Kátia Diolina   |  |
| Artigo   | 2016 | Percepção de professores universitários sobre as repercussões do seu trabalho na própria saúde  | Maria Angelica Godinho Mendes de Abreu et al.           |  |
| Artigo   | 2017 | A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes.  | Kátia Reis Souza et al.                                 |  |
| BDTD - BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA TESES E DISSERTAÇÕES      |      |   |   |  |
| Palavras chave para pesquisa: Síndrome de Burnout, professoras |      |   |   |  |
| Item   | Ano  | Título  | Autor (a)   | Orientadora                              |
| Tese   | 2014 | Avaliação da síndrome de Burnout em professores universitários de Piracicaba-SP   | Ludmila da Silva Tavares Costa                          | Rosana de Fátima Possobon, Gláucia Maria |
| Dissertação  | 2013 | Trabalho docente/saúde autopercebida das professoras dos centros de ensino de educação especial do Maranhão.  | Creuza Maria Costa Lázaro                               | Maria Alice Melo                         |
| Dissertação  | 2005 | O difícil equilíbrio entre saúde e adoecimento  | Osny Batista  | Sonia Aparecida Branco                   |
| Dissertação  | 2016 | Impactos das políticas públicas educacionais mineiras, no período de 2003 a 2014, sobre a saúde do professor da rede estadual de Uberaba                                | Juliana Christina de Souza                              | Helena de Ornelas                        |

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

**ENTREVISTADAS:** Professoras da Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte que foram acometidas pela Síndrome de Burnout conforme CID 10 Z073.

|  |  |
|--|--|
| <p>Perfil das entrevistadas</p>                                    | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Nome: <b>(CAMPO NÃO OBRIGATÓRIO)</b></li> <li>2. Idade:</li> <li>3. Estado civil:</li> <li>4. Tem filhos? Quantos?</li> <li>5. Formação escolar:</li> <li>6. Estuda ou faz cursos?</li> <li>7. Exerce atividade remunerada fora da escola?</li> <li>8. Desde quando trabalha na Rede Municipal de Educação?</li> </ol>   |
| <p>Percepções sobre a Divisão sexual do trabalho na Educação</p>   | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Você acha que existem trabalhos que devem ser feitos exclusivamente por mulheres e outros por homens? Por quê?</li> <li>2. Você acha que as mulheres ou os homens tem mais aptidão para trabalhar na educação? Por quê?</li> <li>3. Você acha que o seu trabalho na escola finaliza neste local? Ou você ainda leva atividades para casa?</li> <li>4. Você desenvolve outras atividades em casa? Quais?</li> <li>5. Há pessoas que te auxiliam nessas atividades extras ou não? Quem? De qual forma?</li> <li>6. Você acha que os homens ou as mulheres são mais propensos a adoecerem por estresse ocupacional? Por quê?</li> </ol> |
| <p>Motivações para a escolha e permanência na área de educação</p> | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual o seu objetivo profissional?</li> <li>2. Por que você escolheu essa profissão?</li> <li>3. Você contou e/ou ainda conta com o apoio de</li> </ol>   |

|  |  |
|--|--|
|  | <p>sua família para estar na área da educação?</p> <p>4. Como você concilia sua vida pessoal (trabalho doméstico, relacionamentos, filhos, etc.) com a sua vida profissional?</p>  |
| <p>A Síndrome de Burnout e o adoecimento no trabalho</p> | <p>1. Você encontra adversidades em seu ambiente de trabalho? Como lida com elas?</p> <p>2. Como é o seu relacionamento com os alunos? E com os professores? Com a gestão escolar, digo: coordenação e direção?</p> <p>3. Você considera o seu trabalho estressante? Por quê?</p> <p>4. A sua jornada de trabalho se caracteriza como? Descreva-a.</p> <p>5. Você desempenha atividades fora do ambiente escolar? Quais? Como são realizadas? Elas te demandam quanto tempo?</p> <p>6. Qual o sentido que o trabalho na escola e fora da escola tem na sua vida?</p> <p>7. O que você acredita ter ocasionado o seu adoecimento no trabalho?</p> |

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**Projeto CAAE: **21600619.8.0000.8507**

Aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Elaborado com base no modelo disponibilizado no endereço:

<http://www.cep.cefetmg.br/orientacoes/>**Prezado (a)** \_\_\_\_\_,

Você está sendo convidada a participar voluntariamente da pesquisa intitulada: “SER MULHER E PROFESSORA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DO TRABALHO MÚLTIPLO À SÍNDROME DE BURNOUT”.

Este convite se deve ao fato de você ser professora atuante do 1º Ciclo, que leciona em uma das escolas da Rede Municipal de Educação que consta afastamentos de professora por razão de esgotamento profissional. (CID 10 –Z73). A sua participação seria muito importante, desejável e imprescindível para o andamento da pesquisa, que pretende investigar se a condição de **ser mulher e professora na Educação Básica pode ser um facilitador para o acometimento pela Síndrome de Burnout.**

A pesquisadora responsável pela pesquisa é Renata Raquel Costa, RG de nº MG 10.384.607 - Mestranda do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG.

A pesquisa busca compreender se o fato de ser professora da Educação Básica, exercer uma jornada extra de atividades, além do ato de lecionar pode conduzir professoras a acometimentos físicos e psíquicos, nesta proposta enfatizando a Síndrome de Burnout.

Pesquisar sobre essa síndrome e investigar a sua incidência em professoras da Educação Básica pode elucidar casos de professoras que foram acometidas e até estimular a reflexão sobre iniciativas para se preservar a saúde do profissional em serviço.

A sua participação será nas etapas da pesquisa conforme a seguir:

\* Reunião de apresentação da proposta e esclarecimento do estudo ao participante. O tempo previsto para esta etapa é entre 20 a 30 minutos. E neste instante deverá ser apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para leitura e, havendo concordância da participante da pesquisa, pede-se a sua assinatura. A ela será oferecido o mesmo documento para leitura e acompanhamento das explicações.

\* Além do TCLE, elas terão acesso as questões propostas para a entrevista semiestruturada, como procedimento de pré-avaliação, para ciência e apreciação das perguntas que serão feitas. Ressaltando que trata-se apenas de um roteiro semiestruturado, outras questões podem surgir e algumas talvez não se façam necessárias de acordo com o desenvolvimento desse momento.

Nessa pré-avaliação, a participante da pesquisa terá a oportunidade de se manifestar, avaliando as perguntas e julgando-as, por exemplo, adequadas ou não, invasivas ou, ainda, se é possível respondê-las tranquilamente. Feito isso, segue-se para a entrevista.

Informa-se sobre a presença do profissional capacitado. Ele irá acompanhar a pesquisadora se restringindo a um local mais afastado.

\* Será realizada a entrevista semiestruturada com questões sobre o seu perfil pessoal e profissional, tempo de experiência, formação acadêmica e profissional e questões sobre a percepção do seu trabalho em diversas esferas, considerando a atuação como docente e outras atividades relacionadas. A participante terá a oportunidade de análise prévia, em um momento que antecede o início da entrevista. Assim conhecerá o material, as perguntas e opinará sobre a sua condição para respondê-las ou não.

Para esta atividade, desde o tempo de análise à conclusão da entrevista a duração de 40 a 60 minutos com a participante. Ressaltamos que os locais e horários das entrevistas serão combinados com a participante, respeitando a sua disponibilidade e preferência.

Esclarecemos que o uso do material coletado será destinado única e exclusivamente para a realização dessa pesquisa e, tanto a sua identidade quanto a da escola na qual você trabalha, serão omitidos por meio do uso de nomes fictícios. O campo destinado para a sua identificação, que consta no roteiro de entrevista semiestruturada é opcional, ou seja, não é um campo no qual o preenchimento será obrigatório, como verá no próprio documento. Você

poderá se recusar a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal, caso sua decisão seja a de não participar da pesquisa.

Os riscos decorrentes da participação na pesquisa são mínimos, advindos de um possível cansaço ao longo da entrevista, mas, também de possíveis constrangimentos e desconfortos que podem ser gerados aos entrevistados ao responderem determinadas perguntas. No primeiro caso, a entrevista poderá ser interrompida e remarçada para outra data, de acordo com a sua preferência e, no segundo, as perguntas que causarem desconfortos não precisam ser respondidas. Ressalta-se ainda, o seu direito em desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade, desobrigando de remarcação da entrevista. Ainda pensando em formas de mitigar os inconvenientes, será contratado pela pesquisadora, um profissional capacitado para acompanhá-la durante as entrevistas. A dinâmica será a seguinte: o profissional irá com a pesquisadora até o local escolhido para a entrevista pela participante. Ela será informada de sua presença e de sua condição que será de suporte durante todo o processo. Ficará em local próximo, desde que não escute ou participe da entrevista, a não ser que seja convidado, por decisão da participante ou se a pesquisadora perceber a necessidade, em virtude de algum desconforto gerado ao fazer as perguntas. Trata-se apenas de mais uma medida para mitigar os riscos que porventura possam ocorrer, como algum desconforto ou abalo emocional. Esse momento será resguardado de todas as medidas possíveis para garantir o pleno bem-estar da participante e a realização da pesquisa.

Todas as despesas resultantes da presença desse profissional serão de total responsabilidade da pesquisadora.

Informamos ainda que o benefício em participar dessa pesquisa é muito abrangente, visto que os resultados poderão contribuir para a análise das relações sociais de sexo/gênero na sociedade atual visando dar visibilidade ao trabalho da mulher professora nas escolas, a reflexão sobre possíveis desigualdades entre homens e mulheres na Educação Profissional, Tecnológica e no mundo do trabalho. Ainda a discussão sobre a síndrome e um espaço privilegiado para a escuta de profissionais que conhecem essa condição.

Como participante de uma pesquisa e de acordo com a legislação brasileira, você é portador de diversos direitos, além do anonimato, da confidencialidade, do sigilo e da privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

- A observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466 (e, em especial, seu item IV.3) e 510 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;
- A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza;
- A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza. Nesse caso, os dados colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados a menos que você autorize explicitamente o contrário;
- O acompanhamento e a assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado a sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao pesquisador responsável;
- O acesso aos resultados da pesquisa;
- O ressarcimento de qualquer despesa relativa à participação na pesquisa (por exemplo, custo de locomoção até o local combinado para a entrevista), inclusive de eventual acompanhante, mediante solicitação ao pesquisador responsável;
- A indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- O acesso a este Termo. Este documento é rubricado e assinado por você e por um pesquisador da equipe de pesquisa, em duas vias, sendo que uma via ficará em sua propriedade. Se perder a sua via, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao pesquisador responsável.

Qualquer dúvida ou necessidade – nesse momento, no decorrer da sua participação ou após o encerramento ou eventual interrupção da pesquisa – pode ser dirigida ao pesquisador, por e-mail: [rcosta@edu.pbh.gov.com.br](mailto:rcosta@edu.pbh.gov.com.br), telefone (31) 991899601, pessoalmente ou via postal para Rua Laurinda da Conceição Esteves, número 93. Teixeira Dias, Barreiro de Baixo – BH/MG Cep: 30642250

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua

integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: <<http://www.cep.cefetmg.br>> ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, n. 5855 - Campus VI; E-mail: [cep@cefetmg.br](mailto:cep@cefetmg.br); Telefone: +55 (31) 3379-3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras: 12:00 às 16:00 horas e quintas-feiras: 07:30 às 12:30 horas.

Se optar por participar da pesquisa, peço-lhe que rubrique todas as páginas deste Termo, identifique-se e assine a declaração a seguir, que também deve ser rubricada e assinada pelo pesquisador.

---

### DECLARAÇÃO

Por ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação na pesquisa, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Decido, portanto, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que a pesquisadora relacionada neste documento obtenha meu depoimento, para fins de pesquisa científica/educacional, os quais serão utilizados como fonte de dados, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Eu, \_\_\_\_\_ de forma livre e esclarecida, declaro que aceito participar da pesquisa como estabelecido neste TERMO e a utilização de excertos de minha fala para fins de pesquisa.

Neste mesmo ato eu \_\_\_\_\_ declaro autorizado o registro do meu depoimento para os fins supracitados.

Concordo e libero que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos e educacionais (livros, artigos, slides, transparências, apresentação audiovisual, publicações e divulgações em seminários, minicursos, palestras, simpósios, periódicos

científicos, congressos, aulas didáticas e apresentações de modo geral com ou sem premiações nacionais e internacionais), em favor da pesquisadora desse estudo, já especificada.

Porém, não autorizo a minha identificação, essa deve ser realizada de outra forma, com pseudônimos.

Estou ciente da presença do profissional capacitado e que, apenas se for do meu consentimento e/ou necessidade, o mesmo participará do momento da entrevista.

Assinatura do participante da pesquisa: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

---

Se quiser receber os resultados da pesquisa, indique seu e-mail ou, se preferir, endereço postal, no espaço seguir: \_\_\_\_\_

**OBS:** Este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao sujeito de pesquisa.

## TERMO DE ANUÊNCIA



Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte  
Diretoria da Educação Inclusiva e Diversidade Étnico-Racial  
Núcleo de Educação, Cultura e e Cidadania

## TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, Cláudio Eduardo Resende Alves, gerente do Núcleo de Educação, Cultura e Cidadania integrante da Diretoria da Educação Inclusiva e Diversidade Étnico-Racial da Secretaria Municipal de Educação, autorizo a realização da pesquisa intitulada: **SER MULHER E PROFESSORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: do trabalho múltiplo à Síndrome de Burnout**, a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora Renata Raquel Costa que tem autorização para consultar junto às escolas da Rede Municipal de Educação as suas disponibilidades em participar da pesquisa. Essa autorização só é válida no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG.

Belo Horizonte, 31 de outubro de 2019

**Cláudio E. R. Alves**  
BM: 34451-X  
Coordenador do Núcleo de  
Educação, Cultura e Cidadania  
Secretaria Municipal de Educação/PEH

*Cláudio E. R. Alves*  
Cláudio Eduardo Resende Alves

Núcleo de Educação, Cultura e e Cidadania  
Diretoria da Educação Inclusiva e Diversidade Étnico-Racial

## DECLARAÇÃO DE REVISÃO

Declaro para fins de registro de ficha catalográfica na instituição Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, que procedi a revisão textual da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, intitulada “**SER MULHER E PROFESSORA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DO TRABALHO MÚLTIPLO À SÍNDROME DE *BURNOUT***”, autora Renata Raquel Costa, observado o prescrito pelas normas da ABNT atualização de abril/2019\*.

Belo Horizonte, 22 de abril de 2020.



---

M<sup>o</sup>. Werlesson Jorge do Nascimento Sampaio

werlesson@live.com

\*<https://www.ufrgs.br/bibesevid/wp-content/uploads/orienta%C3%A7%C3%B5es-normas-tecnicas-ABNT-revisado12ABRIL2019.pdf>